

ERASTO GAUDÊNCIO

O soldado

e as

BRUXAS

DE

GUARATUBA

Revelações e confidências do crime que chocou o país

ERASTO GAUDÊNCIO

O soldado

e as

BRUXAS

DE

GUARATUBA

Revelações e confidências do crime que chocou o país



As bruxas de Guaratuba - Arte/foto: Isto è Independente. 27.04.2011; Edição nº 2163

Página para Catalogação bibliográfica

Ao soldado José Romário Machado,
mesmo que postumamente

Às vítimas inocentes sacrificadas
pela violência impune deste país

PREFÁCIO

Nos vinte e cinco anos em que servi à Polícia Militar do Paraná, dividindo-me neste tempo com as lides jornalísticas, meio de forma clandestina, visto que era “bico” ou “biscate”, como dizem em outras regiões, tive o privilégio de conhecer, e por momentos conviver, com um dos policiais mais eficientes que a Corporação já teve em seus quadros.

Soldado raso, nunca fizera curso algum, José Romálio Machado, desde o seu ingresso na PM já mostrara o tirocínio para a investigação, lotado, desde então, início da década de 1970, na Seção da P/2, criada prioritariamente para levantar os desvios de conduta dos próprios policiais, mas que, com o passar dos anos, acabou direcionada à investigação da criminalidade comum das ruas.

A nossa conversa sobre o caso Guaratuba teve início em 2003, quando com a curiosidade própria da minha profissão, resolvi gravar trechos, mas sem a mais remota pretensão de um dia transformar o conteúdo em texto maior que desse margem à publicação de um livro. Na época, repórter do jornal Diário da Manhã, em Ponta Grossa, Paraná, eu pensava na possibilidade de uma matéria, dentro dos seus limites. Porém, nem isto acabei concretizando, envolvido com outros afazeres.

O tempo passou e sete anos depois, ouvindo minhas antigas gravações e relendo escritos abandonados no computador e em papéis avulsos, reencontrei Romálio. Este reencontro com o que jazia inédito aconteceu em meio a notícias de que o Supremo Tribunal Federal – STF – reabriu o caso Guaratuba, determinado que as acusadas, Celina e Beatriz Abagge, voltassem ao banco dos réus, elas que haviam sido absolvidas no primeiro julgamento em 1998, o mais longo da história do Judiciário brasileiro, que durou trinta e quatro dias.

A absolvição, estranha, equivocada, já que três dos demais acusados acabaram condenados, vinha me intrigando desde então. Restou-me, imbuído do sentimento de perplexidade, procurar Romálio em sua casa para retomarmos nossa conversa há muito interrompida, já que agora ele e eu, ambos aposentados, teríamos mais tempo e paciência para debruçarmos sobre o tema: o sequestro, cárcere privado e assassinato da criança Evandro Ramos Caetano, em ritual de magia negra, ocorrido em 7 de abril de 1992. Episódio este do qual Romálio foi testemunha e ao mesmo tempo protagonista e de cujo feito memorável de haver descoberto em 13 dias os assassinos nunca lhe valera nada mais do que aperto de mãos

de seus comandantes, legando sua perspicácia e astúcia, dignas de um Sherlock Holmes, ao esquecimento.

Hoje, aos 65 anos de idade, ele se esmera em tomar medicamentos para não ter o terceiro infarto, além de se recuperar de um enfisema pulmonar e tratar as sequelas herdadas da doença. Pobre, morador do subúrbio, enfermo, esquecido pelos próprios colegas de farda, é um ser invisível e sua invisibilidade está na proporção em que esquecem – autoridades, comando, sociedade - do muito que contribuiu com a segurança pública dos paranaenses.

Agora, ambos aposentados, o procurei e propus continuarmos a nossa conversa, em que deixei claro, e ele insistiu que assim o fosse, que não se trataria de uma entrevista formal entre jornalista e personagem, mas uma conversa franca, entre amigos, sem tortura, como ironizei. Como vive de certa forma amedrontado por ser um arquivo importante na história recente do Paraná, devido a tantos e importantes casos que atendeu e solucionou, vez ou outra envolvendo nomes importantes da política e detentores do poder econômico, a nossa dúvida era qual local mais adequado onde pudéssemos conversar com tranquilidade, sem os fantasmas do passado e presente.

Depois do contato telefônico, encontrei Romálio sentado à entrada de uma oficina, esperando que arrumassem sua van. Há muito que não nos víamos. Senti satisfação em revê-lo, o mesmo cara, o mesmo semblante, olhos negros, pele amorenada de descendente de índios caingangues e afro-brasileiros, cabelos encrespados e longos, amarrados em rabo-de-cavalo, parecendo gozar de saúde e animado, falante, contador de histórias e reminiscências dos trinta anos em que esteve na Corporação.

Propusemo-nos a tomar um café e ali perto, quadras abaixo, havia uma padaria, ambiente sereno às dez horas da manhã. A dona da padaria, uma bela jovem senhora, ficou no mínimo espantada, espanto que não conseguia esconder, quando viu os dois homens morenos, já de certa idade, um cabeludo, outro barbudo, pedirem dois cafés, com leite, outro sem leite, e se sentarem a uma mesinha colocada ao centro do pequeno saguão de entrada, quase junto do balcão, de onde era fácil ouvir a conversa animada, preliminar do que seria gravado durante as tardes e manhãs de duas semanas.

Logo, a comerciante, lépida em seus afazeres, ouvidos afiados, perceberia que estavam ali, pelo teor do diálogo, um jornalista e um policial aposentado, de aparências desleixadas, tratando da conversa que tramariam dias depois. Mesmo assim, a mulher mostrou-se rude todo o tempo, atônita, preocupada, sendo que em minutos outras pessoas – e um homem que mal disfarçava a apreensão – viera também para trás do balcão, quem sabe aumentar a segurança do estabelecimento. Nunca mais voltamos àquela padaria.

Neste breve encontro, porém, Romálio contou que estava praticamente recuperado do enfisema pulmonar, mas que não podia desguarnecer sua saúde com a maldita pressão alta, que o forçava a tomar medicamentos diários e imprescindíveis para evitar que um terceiro infarto o acometesse. Aprendera a viver e disse-me com os olhos emocionados que todo final do ano, começo de dezembro, ele e a mulher sequestram os netos tantos – de criancinhas a adolescentes – e saem por aí, alhures, em viagens quase intermináveis por campos e cidades, só voltando à base dos seus filhos em meados do mês de janeiro.

Nestas viagens, me contava ele, é que aproveita para passar algum tipo de ensinamento, conselhos e orientações às crianças, que se divertem uma barbaridade. Vão bater no Paraguai, fazer compras com pouco e contado dinheiro, visitar shoppings, balneários, parques do Paraná e do Mato Grosso, quando se dá uma longa volta para retornar aos Campos Gerais, sem não deixar de passar por festas aqui e ali em cidades pequenas. Teve vez que durou até o Carnaval, só devolvendo os netos perto do início das aulas. Mas Romálio me relatou, tenta imprimir bem no entendimento dos netos, talvez o ensinamento mais importante nas peregrinações: a sua finitude como homem, “se não se agarram demais à gente e, um dia, quando eu for, eles estarão bastante cientes de que este é o destino de todos e têm de aprender a não se agarrarem demais às coisas materiais, muito menos aos seres humanos, todos finitos desde os primeiros sopros do nascimento”.

Na terça-feira da semana seguinte, começo de setembro de 2010, como havíamos combinado na padaria, me vi conduzido por Romálio ao interior de sua casa, passando pelos muitos cães que me apresentava como se fossem gente da família – uma das cadelas que se torna mansa depois que se entra acompanhado dele, outros menos amistosos na coleira, desconfiados, zangados. Interior de casa simples, que ele se adianta a pedir que não repare, pois ali tudo é de sertanejo, de tropeiro, cujo maior zelo está na sua simplicidade e desordem. Começamos com um bom café, fraco, muito fraco, preto, que me põe o fígado em polvorosa.

A fauna se completaria na parte dos fundos, no quintal e na edícula que construíra há mais de trinta anos para abrigar os filhos, hoje todos casados, que abriram espaços para galinhas, patos, marrecos, mais cães filhotes e um papagaio que ainda não aprendera a falar e que tem no grito a sua manifestação irritante. As galinhas são maioria e aumentaram muito da última vez que lá estive, em 2003, naquele prenúncio de conversa, quando cheguei a gravar algumas horas, além de anotar em caderno universitário já alguns detalhes do caso Guaratuba. E Romálio estava certo, era ali, a edícula, transformada num *habitat* das galinhas e de outros bichos, o espaço mais adequado para a nossa entrevista. “Aqui, ninguém vai nos incomodar e se acabar o café, vou lá dentro e busco mais”, dizia para meu conforto e desespero em se

tratando do café, enfraquecido propositadamente, desconfio, devido aos problemas de saúde dele e da mulher, já lhe acompanhando na idade e enfermidades.

Uma breve ajeitada na edícula de duas peças de três metros por três cada, aproximadamente, interligadas por um corredor, ainda com camas antigas que foram dos piás, colchões velhos e há muito sem uso, armários de antigas cozinhas de madeira maciça, “que os guardo porque já não se faz mais móveis assim”, caixas e mais caixas de papelão atulhadas de papéis, documentos, fitas-cassete, fitas de vídeos – há um vídeo cassete anacrônico que seduz e depois come as fitas, arruinando memórias de tantas e tantas prisões. A um canto, final do corredor, outro armário, este em aço, não menos tomado de papéis, cadernos escolares, bugigangas diversas daquelas que todas as famílias vão se livrando com o passar dos anos, mas que não têm coragem de pô-las, definitivamente, no lixo.

E as galinhas, educadas, que num breve ralar, um chispa, chispa, saem dos quartos, de dentro e de cima dos armários, das caixas, de um fogão sem uso, e colocam-se para fora, no quintal, aconchegando-se, ruidosas, embravecidas no verdadeiro galinheiro, cercado de tela, construído ali ao lado. São muitas. “Sabe”, me diz, “às vezes, pego as mais rechonchudas, torço-lhes o pescoço e já jogo na panela. Dá um belo almoço no domingo”. Talvez, venha daí a educação delas, que chispa, chispa, já se foram... e o papagaio, mais teimoso e invocado, que bica as mãos de Romálio, resiste a recolher-se à gaiola, permanecendo no alto, à entrada da edícula, todo senhor de si.

Pois que não repare ao desalinho de tudo e se sente no sofá de *courvin*, esburacado, que já lhe decorou, há muito tempo pelo visto, a sala de estar. É no sofá, de frente para a porta, por onde eu possa soltar a fumaça do bendito – e maldito – cigarro, é que nós, de comum acordo, ligamos o telefone celular, santa tecnologia, para iniciarmos a nossa conversa que duraria quase dez horas, gravações estas estendidas por duas semanas consecutivas, calorentas, cansativas, regadas a café fraco, que recuperava nosso ânimo e me atazanava a bÍlis.

Para começo de conversa, Romálio lamenta estar esquecido pelos companheiros de farda, que nunca mais o procuraram depois que foi para a reserva remunerada. Eu, pelo que disse, sou o único que de vez em quando bate em seu portão e adentra a sua casa, no que me envergonho, pois, se o faço, periodicamente, é para colher-lhe estas suas reminiscências das aventuras policiais em que se metera e se tornara um herói, herói anônimo, porém, e abandonado. Só se tem valor, na vida militar, enquanto estamos na vida militar. Tão logo saímos, definitivamente, pelo portão do quartel, nos parece, estamos participando do nosso funeral antecipado, silencioso, solitário, sem choro, nem glórias. Já não servimos para muitas

coisas, a não ser contar para nossos filhos e netos – embora eles já tenham ouvido bastante – as histórias que protagonizamos, testemunhamos, poucas delas boas e alegres, tendo em vista a natureza da nossa atividade policial, que se assemelha à de gari, qual seja o mister de varrer das ruas o lixo, a marginalidade.

É o que sobrou a Romálio: histórias e histórias para contar, embora se lamente que tenha, nos últimos anos e meses, cometido o pecado de ir eliminando muito do seu arquivo pessoal: processos, inquéritos, documentos internos da PM e do Poder Judiciário, fotografias, fitas-cassete e fitas de vídeo e muito mais que alimentaram fogueiras ali, no fundo do quintal, junto ao galinheiro. Queria, como se fosse possível, se livrar de tudo isto e daquilo, colocar uma pedra em cima do passado e viver do presente.

Já queimar a memória não é tarefa fácil, quando se pode lembrar, como se fosse hoje, pela manhã ou à tarde ou à noite, que num prosaico passeio de carro com o filho mais velho, por estrada da cidade de Tibagi, enxergou algo, de relance, e parou, dando marcha-ré, deparando-se com uma menina agonizando, ferida por disparo de arma de fogo na cabeça. Romálio a socorreu em seu próprio carro até o hospital, amparando-a, reanimando-a, com os primeiros-socorros. Este é um dos casos que mais o perturbaram e fizeram com que se lançasse às investigações, como um perdigueiro que persegue o tatu mesmo dentro de sua toca. Dias bastaram para que ele fechasse o cerco e prendesse o próprio padrasto da menina, que fizera o disparo à queima-roupa, depois de tê-la violentado sexualmente. O criminoso era morador de Ponta Grossa, onde fora preso semanas mais tarde e condenado a vinte anos de prisão.

Como se fosse possível não se lembrar do *chef* de cozinha francês, imigrante, morador de Foz do Iguaçu, que, sem dinheiro, furtara a caminhonete de uma freguesa do restaurante onde trabalhava e fora preso em poucas investidas de Romálio. E como esquecer o que ele chama de famoso caso Maestro, lá mesmo em Tibagi? Este é o caso de um falsário que enganou até a primeira-dama do Estado e se apresentou naquela pequena cidade como músico, chefe de fanfarra, com carta de apresentação de Fani Lerner, esposa do governador Jaime Lerner, e tudo o mais, incluindo diplomas de Belas Artes da Inglaterra e dos Estados Unidos, ainda carteiras funcionais da Polícia Federal, Receita Federal e até da Companhia de Energia Elétrica. A investigação do falsário começou com o furto do cartão de crédito de ninguém menos que o prefeito de Tibagi, que, claro, pediu apoio a Romálio. Entrando no caso, apenas dias se passaram para que a população ficasse chocada com a descoberta do homem, criminoso, que, até então, era uma das personalidades mais queridas do município. Virou notícia na imprensa nacional.

Como não lembrar da prisão do assassino do presidente da empresa Café Presidente, em Foz do Iguaçu, a quem Gabriel, disfarçado de sem-terra, fora buscar em cidadezinha do Mato Grosso do Sul? E tantos e tantos casos, que se consubstanciam em papéis e mais papéis jogados naquelas caixas de papelão, embora ele garanta que outra boa quantidade virara fumaça. Eram registros de prisões de traficantes, membros de quadrilhas internacionais e nacionais de roubo de cargas, contrabandistas de armas e drogas, assassinos confessos, outros empedernidos, pistoleiros de aluguel, estupradores, grileiros de terra, pedófilos, foragidos da Justiça, enfim, toda uma legião que foi parar atrás das grades graças à perspicácia de Romálio e dos companheiros com quem trabalhara pelos mundões do Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, interior de São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraguai.

E o caso Graciele? A menina sequestrada, mantida em cárcere privado, enquanto era violentada física e sexualmente por um grupo de jovens drogados, filhos de pessoas influentes, acobertados por um pederasta, engenheiro florestal, na cidade de Telêmaco Borba. Todos presos após a entrada de Romálio, que, em dez dias, descobriu os culpados pelo assassinato bárbaro, brutal, que assustou os moradores de todo o Estado.

E Guaratuba, em abril de 1992? Talvez o crime de maior repercussão e que ainda persiste, nitidamente, na memória dele. “Foram trezes dias...”, diz Romálio, que parece gabar-se, porém, dias, horas são e sempre foram para ele um indicativo não apenas de eficiência, mas da necessidade de se dar respostas rápidas aqueles que choram um filho massacrado pelas mãos cruéis dos assassinos, até, também, como uma medida para que os delinquentes não apostem ou não voltem a apostar na impunidade.

Haveria de ser assim: um criminoso ser punido ainda quando as lágrimas dos familiares não secaram. Por que? Porque aqui no Brasil – acho que também no resto do mundo humano -, o tempo apaga muitas coisas; o tempo é aliado daqueles que cometeram atrocidades.

Com o tempo, que Tomás de Aquino dizia saber o que é, mas não sabia definir, é capaz de, quase vinte anos depois do criminoso ritual satânico em Guaratuba, tornar as figuras de Celina e Beatriz Abagge - acusadas de coautoras e mandantes do crime que vitimou o menino Evandro Ramos Caetano - simpáticas perante o público, sofridas, que, hoje, em 2010, têm fortes aliados (imprensa, bispos da igreja católica, políticos, personalidades, figurões do *high society*) - em suas defesas e no esforço de amenizar, esmaecer os seus feitos e, ainda pior, apresentá-las como as verdadeiras vítimas de uma suposta farsa. Não nos surpreendamos, assim como pensa Romálio, se daqui a alguns anos elas que já foram absolvidas no primeiro julgamento e vão se sentar nos bancos dos réus novamente, tenham

inclusive direitos a indenizações do Estado, por tudo que passaram atrás das grades e perante a opinião pública.

Mas o principal aliado é, realmente, o tempo, mesmo tempo que irá transformar simpático e injustiçado o casal Nardoni, que lançou a própria filha pela janela do prédio, em São Paulo, entre muitos outros casos espalhados pelo Brasil em que a memória pública se esvaziou da comoção e revolta pelos crimes brutais que psicopatas protagonizaram.

Romálio faz uma constatação singela, porque óbvia: a impunidade caminha de mãos dadas com os poderes econômico e político, trinômio que no Brasil é assustador. É assim que se deu na maioria dos casos de grande repercussão, em que ele, mais do que ninguém, teve de enfrentar, juntamente com as equipes com que trabalhara. São pressões, são desmandos, são falsas alegações e falsos testemunhos, em que tentam desacreditar o trabalho policial. Os que se dizem integrantes da elite social, política e econômica são os que mais apostam na impunidade e, com certa razão, porque, realmente, são detentores do poder, real ou imaginário, mas que os torna acima das leis e dos cidadãos comuns. “Talvez a maior revolta de Celina e Beatriz Abage, mulher e filha do prefeito de Guaratuba, é com a nossa ousadia em prendê-las; não acreditavam que simples policiais militares o fariam”, diz Romálio.

A insatisfação não é só delas, mas de uma ala muito ampla da alta sociedade paranaense, vide os protestos em sites, blogs, jornais, na tevê, em documentários e outras peças midiáticas, em que colocam as duas mulheres como vitimizadas pelo sistema. Para se ter ideia do tamanho da encrenca, como me confidenciou Romálio nas conversas no seu “galinheiro” - enquanto espantava as galinhas e ralhava com o papagaio gritador – é que somente na agenda particular do bruxo Osvaldo Marcineiro havia mais de trezentos nomes de personalidades, políticos influentes e que tais do Paraná, todos clientes dos seus serviços de bruxaria. Oxalá, que não tenham matado outras criancinhas para satisfazer suas ânsias de mais poder e poder, como aconteceu com os meninos Evandro e Leandro (este, desaparecido meses antes e que, conforme confissão gravada do próprio Osvaldo, também fora sacrificado em oferenda ao diabo e os restos do corpo jogado na baía de Guaratuba). Oxalá, dizemos, porque à época da descoberta dos bruxos, no Paraná havia em torno de vinte crianças desaparecidas.

Romálio dá um bom exemplo do poder que tem o dinheiro e a posição social em terras paranaenses, que acontece em todo o Brasil e quiçá no mundo. Osvaldo Marcineiro, Vicente de Paula e Davi dos Santos Soares foram condenados em júri popular, justamente por serem pobres e não contarem com astúcia de advogados bem pagos, ao contrário do que ocorreu a Celina e a Beatriz. Outros dois, Sérgio Christofolini e Airton Bardelli, que são do

relacionamento delas, também acabaram absolvidos. São fatos sobre os quais não se precisa refletir em demasia.

Impunidade, poder, dinheiro, elite, tortura, esquecimento, medos da infância pobre, o pai, um caboclinho duro de pedra, aventuras policiais, heroísmo, indignação, perplexidade, entre outros temas, estiveram na pauta da conversa que tive com Romálio, em sua humilde edícula-galinheiro. Além, é claro, de detalhes importantes, esclarecedores e impressionantes dos casos Graciele e Guaratuba, dois episódios marcantes da crônica policial brasileira, passados em 1991 e 1992.

A tudo o que disse Romálio, obviamente, virão muitas vozes contestá-lo, aquelas mesmas vozes uníssonas que defendem os bruxos de Guaratuba, por interesses tantos que estas páginas são escassas para defini-los, quais sejam os de apadrinhamento político, fisiologismos, dependência econômica, conchavos, necessidade de aparecer e estar sempre na mídia etc e tal. Mas bem que se explique que o texto a seguir é o depoimento de um dos policiais mais íntegros da PM paranaense e, confesso, entre ficar com a versão dos bruxos ou a deste eficiente funcionário público, não há dúvidas na escolha.

Peço ao leitor, aqui, uma mínima licença, para dizer que posso corroborar em parte o que me narrou Romálio. Em 1992, eu estava no “olho do furacão”, usando um jargão popular. Como assessor de imprensa da Secretaria de Estado da Segurança Pública, em edifício imponente no Centro Cívico, Curitiba, organizei a entrevista coletiva para apresentação dos bruxos de Guaratuba. Vi, numa tarde de junho, quando Romálio e equipe do Grupo Águia entraram conduzindo os acusados. Por uma liminar interposta na Justiça, no último minuto, Celina e Beatriz não foram apresentadas à imprensa, mas, eu, ali, do lado, juntamente com o secretário Moacyr Favetti, vimos e ouvimos, Osvaldo Marcineiro, Vicente de Paula e Davi dos Santos Soares relatarem a dezenas de jornalistas, inclusive da TV CNN dos Estados Unidos, o feito sórdido do ritual de magia negra em que sacrificaram o menino Evandro, a mando, a pedido, da mulher e da filha do prefeito Aldo Abagge.

Tudo registrado por cinegrafistas e fotógrafos que se acotovelavam pelo melhor ângulo, por radialistas e repórteres de tevê e jornais que buscavam se aproximar e acreditar também no que ouviam, assim como eu.

Beatriz Abagge foi condenada em novo julgamento, no ano de 2011, por quatro votos a três do júri popular. Para sua mãe, Celina, o crime prescrevera por ter mais de setenta anos de idade. Porém, Beatriz recorreu, mas, no dia 28 de maio de 2016, a 2ª Vara do Tribunal do Júri de Curitiba a condenou a 21 anos e quatro meses de prisão. Na esfera dos “poréns” usufruída por quem tem influência, dinheiro e poder, o Tribunal de Justiça do Paraná

concedeu, no dia 16 de junho de 2016, perdão de pena, atendendo argumento da defesa de que ela já havia cumprido cinco anos e, portanto, não poderá mais ser punida pelo Estado.

José Romálio Machado morreu na madrugada fria de 16 de maio de 2016, exatamente um mês antes de Celina ser condenada em definitivo, porém perdoada, porém liberta, porém...

Eis, então, a conversa no “galinheiro”. Uma leitura assustadora.

Erasto Gaudêncio

Agosto de 2016.

O ASSASSINATO DA MENINA GRACIELE

Com a formação de um grupo de elite – que ainda não se chamava Grupo Águia, pois esta denominação só viria em 1998, criado para combater roubo de cargas, contrabando de armas e drogas em todo o Estado –, eu e a equipe nos tornamos peregrinos, policiais andarilhos, ciganos.

Para se ter ideia, eu saí do 1º Batalhão, de Ponta Grossa, em 1980 e nunca mais voltei, pois fiquei subordinado ao Comando do Policiamento do Interior. Tive temporadas com a Polícia Federal em serviços nos estados do Mato Grosso e Santa Catarina, por um longo período. Para o meu batalhão de origem, voltei agora, quando estava prestes a me aposentar. Nos últimos anos, trabalhei e residi na cidade de Tibagi, mas sempre à disposição do comando de Curitiba.

Mas naquele início dos anos 1990 é que investiguei e ajudei a solucionar um dos casos mais escabrosos e de grande comoção social, que foi o assassinato brutal da menina Graciele, em Telêmaco Borba, cidade da região Centro-Sul do Paraná. Aconteceu, não me lembro a data, no mês de setembro.

O capitão Thomaz era o comandante da 3ª Companhia e solicitou meu acompanhamento – eu morava e trabalhava aqui em Ponta Grossa na P/2, pois ainda não existia o Grupo Águia. Existia apenas o Centro de Operações Conjuntas, entidade que congregava as polícias Civil e Militar. O capitão Tomaz pediu-me, como eu o conhecia, que fosse a Telêmaco Borba para ajudar, pois havia desaparecido uma menina. Ele queria que eu ajudasse o sargento Miguel e o soldado Teixeira, porque estavam procurando o corpo, que acabou encontrado em uma floresta, dias antes de eu chegar àquela cidade.

Bem, só fui lá depois que acharam o corpo, mas o capitão pediu para eu acompanhar o caso, que estava sob investigação. Daí veio um grupo de Curitiba, da Polícia Civil, de denominação de que eu não lembro agora. Fiquei trabalhando no caso. Tinha como suspeito um tal de Anderson, que morava em frente à casa da família da Graciele. O pai dele tinha uma oficina de conserto de motocicleta, numa pracinha, perto da estação rodoviária. O Anderson trabalhava com o pai dele.

O pai do Anderson era separado da mãe dele; como o Anderson morava na frente da casa, a irmã dele também ia pra aula; o Anderson também era piá, uns 16 anos. E como ele levava a irmã à aula, também pegava a Graciele e conduzia as

duas na garupa da motocicleta. Eram vizinhos e tinham amizade. Daí, no dia do desfile de 7 de Setembro, logo após o término, a menina estava no ponto de ônibus parada para voltar a sua casa. O Anderson vinha de moto com uma menina na garupa, conhecida como Cristiane, que não era irmã dele; esta tinha uns 14 anos e já estava caída na vida. Resolveram dar carona para ela.

Só que estava acontecendo um rodeio na cidade, uma festa tradicional em Telêmaco Borba. Ao invés de o Anderson ir direto para a casa dele, primeiro deu uma passada no rodeio, na região de Imbaú, mais ou menos oito quilômetros do local de onde pegou a menina. Chegando à festa, ele encontrou os seus companheiros de bebedeira e consumo de drogas. Encontrou com o Daniel, maior de idade, e outros adolescentes. O Daniel era filho, enteado, do promotor de Justiça de Telêmaco Borba. Já o “Caveirinha” era enteado do Doutor Valdir, advogado influente da cidade.

- Daí, cara, como é que tá aí? – disse o Vilmar, que estava com o seu Fusca. – Puxa cara, você aí com duas meninas... que tal a gente dar um rolê com elas? – tentava ele convencer o Anderson, indiferente à situação de que a Graciele tinha dez anos de idade, pequena, franzina; e a Cristiane, quinze anos, embora esta fosse bem desenvolvida para a sua idade.

Pegaram e tocaram adiante, mais uns cinco ou seis quilômetros. O Anderson com as meninas na motocicleta seguia o Fusca, dirigido pelo Vilmar. A pequena, Graciele, não sabia onde ele estava indo. Quando chegaram ao local, o Fusca estava lá. Começaram a se abraçar e a se beijar; as horas foram passando. Era dia ainda. O desfile terminou meio-dia, lá neste horário já era umas quatro horas da tarde. Eles fumaram maconha.

O que aconteceu? E agora? Passaram as horas... Disseram que iam levar a menina embora; pegaram-na e o Anderson se perguntou: E agora? Os pais da menina, certamente, já a estavam procurando pela cidade. Disseram pra ele, olha você vai levá-la agora, o pai dela vai estar esperando e vai querer saber o que aconteceu. Vai querer saber o que você fez com a filhinha dele, cara, que porra, você está fodido.

Tinha um cara, engenheiro florestal, de nome João Vogel, um velho. Vivia piazzada na casa dele, menores de idade, pois ele era homossexual. Levaram, então, a menina à casa dele, pois ficaram com medo de entregar a Graciele aos pais. Bem, já tinham estuprado a menina e resolveram ficar ali dormindo. Da casa do velho

João até a casa do pai da menina, dava uns 500 metros. Dali era possível enxergar a moradia. A menina ficou posando ali mesmo.

O Anderson deixou a menina na casa do velho e foi para a sua, localizada na frente da casa dos pais de Graciele. Quando chegou lá, o pai da menina, senhor Milton, perguntou:

- Ôh, Anderson, você não viu a Graciele? Ela estava no desfile – friamente, o rapaz respondeu que não a havia visto. - Até agora ela não apareceu em casa, o que será que aconteceu? – disse Milton, preocupado, seguindo para a delegacia, onde prestou uma queixa de desaparecimento; já era noite.

De 7 para 8 de Setembro, já durante a madrugada, o Anderson ajudou a procurar a menina. No outro dia, ele foi trabalhar cedo, normalmente. Naquele mesmo dia, na hora do almoço, a mãe dele disse: “Anderson, a menina até agora não chegou e os pais dela estão loucos por aí, procurando”. – Nossa Senhora, o que será que aconteceu? – teria mostrado espanto diante da mãe, que era muito ligada à família de Graciele.

O pai da Graciele trabalhava na Prefeitura. Ele juntou um pessoal e saiu à procura da filha; avisaram os bombeiros, a polícia e começaram a procurar sem saber direito por onde começar. Eles foram até o mato perto de onde foi achado o corpo vinte cinco dias depois, mas ela não estava lá; porque estava na casa do velho João, viva ainda. O Anderson participou destas buscas no matagal.

Uma pessoa sempre era mantida na casa cuidando da menina, e o velho João sabia, consentia. Graciele ficou oito dias lá na casa. Eles começaram a ficar assustados, porque a polícia estava procurando a criança, a polícia estava batendo em cima. O velho falou: “Olhem, eu não quero mais a menina aqui em casa; se não a polícia vai vir aqui e daí?”

- Vamos mudar o cativeiro, vamos levar a menina lá para o mato – o Vilmar teria tido esta brilhante ideia, que foi consenso no grupo.

Então levaram a menina para o mato, lá próximo onde tinha acontecido o rodeio. Era uma plantação de eucalipto da Klabin. Então, imagine a dimensão da floresta. Chegaram ao mato e fizeram uma cabaninha coberta de capim. A quadrilha era formada por Daniel, Vilmar, Paulinho, Anderson, Cristiane e “Caveirinha”, não me lembro o nome dele. Cinco homens e duas meninas. Eles pegavam marmite e se revezavam, cada um ficava por um tempo cuidando da menina. De repente se deram conta de que o pessoal civil e a polícia estavam direcionando as buscas

àquela região. Uma tarde começaram a discutir o que fazer e chegaram à conclusão de que não tinha mais jeito. Olhe só, isto é o que eles me contaram durante os interrogatórios.

A menina Graciele falara assim:

- Soltem-me, eu vou embora. Eu não vou contar nada. Vou dizer que foi um andarilho, um barbudo à beira da estrada que me pegou e levou – teria ela implorado diversas vezes pela sua soltura, porém, não fora ouvida.

O grupo passou a discutir e concluiu que a situação estava feia para eles, já que estavam chamando polícia de fora para investigar o caso. Eles tinham ficado dois a três dias na casa do velho João, antes de levar a menina para a floresta.

– Olha o seguinte, vai sujar. Não vai ter outro jeito, vamos ter que matar a menina. A ideia, a sugestão, teria partido de Anderson.

Decidiram, então, matar a menina. Antes, estupraram-na e protagonizaram cenas terríveis de horror. Foi assim: eles estavam conversando, fumando maconha, deram uma cochilada, a menina escapou. Correu e correu, era noite, estava assustada, pois ouvira eles falando que a matariam. Eles correram atrás, pega, pega ela, pegaram...

– Ah, você vai escapar, é... - teriam gritado; e com ela dominada, cada um fez o que quis.

Um deles pegou, parece o “Caveirinha”, pegou o cigarro aceso e disse:

- Você vai aprender a não fugir mais... – dizia, parecia possuído; todos estavam sob influência da maconha. O “Caveirinha” pegou o cigarro, com a brasa acesa, assoprou a brasa e a carcou nos dois olhos da menina; e daí a esganaram, estrangularam. Inclusive, depois na continuação, estupraram-na diversas vezes, revezando-se. Queimaram os olhos, cortaram a garganta, mataram-na. O Daniel abriu as perninhas dela e enfiou o dedo em sua vagina. Ele dizia:

- Você quer fugir filha da puta? - e a espancava.

Daí, num certo momento, ele pararam e disseram:

“Caralho, cara, ela foi...- um deles fez a constatação, enquanto a agredia; quando se deram conta, Graciele já estava morta.

Eles me contaram que deixaram a menina ali e foram embora. E continuaram ajudando a polícia a procurar o corpo. Não enterraram o cadáver. É o seguinte, no meio do mato com eucalipto, na sombra, não fede o corpo, se conserva, não chega

a feder. Dias depois, em 2 de outubro, a polícia achou o corpo. As buscas envolveram a polícia, bombeiro, pessoal da Klabin, amigos e parentes da família.

Foi neste momento que o capitão Thomaz me chamou. Quando cheguei a Telêmaco Borba, eles me contaram sobre o desaparecimento da menina e o achado do cadáver. Até aquele instante, não havia suspeito, ninguém sabia quem havia cometido o crime. Somente o Anderson havia sido pego para interrogatório, porque conhecia a menina e morava em frente à casa dela, mas nada pode ser confirmado contra ele.

- Definitivamente, este cara não foi, não tem nada a ver com o peixe - diziam os policiais que haviam tomado seu depoimento.- Inclusive ele ajudou a procurar o corpo nas buscas – me relatavam convictos.

Fui para Telêmaco Borba sozinho. Fiquei por lá alguns dias, andando, investigando. Só falei que queria conhecer o tal do Anderson, conversar com ele, saber quem ele era. À paisana, um dia entrei na oficina dele, conversei, disse:

- Escuta, você só conserta moto, não mexe com carro? – e fiquei observando-o, enquanto ele me dizia que só trabalhava com motos; conversei com ele e saí. Não falei nada com relação ao caso da menina.

Fiquei lá dez dias. Em princípio não notei nada de suspeito no Anderson durante a rápida conversa na oficina, mas mesmo assim achei que devia ser investigado mais a fundo. O Anderson era baixinho de cabelo crespo, loiro, guri. metido a “boyzinho”. Quando fez dez dias que eu estava lá, falei o seguinte ao comandante da Companhia da PM, capitão Thomaz:

- Veja bem capitão, pra mim nós temos que pegar este Anderson, porque, até aqui parece-me o único suspeito, o único elo com o crime. Vamos pegar este cara, trazer aqui pra gente conversar.

- Não, espere Romálio, isto tudo é um tanto complicado, já que o pai do Anderson é uma pessoa muito conhecida na cidade, conhecido por todos devido aos consertos de motos; bem querido pela comunidade. Temos que ter mais cuidado, antes de tomarmos decisões contundentes – respondeu o capitão, que já estava na cidade havia um bocado de tempo.

Era uma sexta-feira; eu falei:

- Capitão, é o seguinte: eu vou pra casa. Poxa, tô de cabeça cheia de tanto procurar e até agora nada. Eu vou pra casa e volto na segunda-feira.

- Pode ir descansar, mas, por favor, não vai me deixar na mão – falou com sinceridade.

- Não, fique tranquilo que eu venho. Volto na segunda-feira.

- Você vai de ônibus?

- Sim, eu vou até à estação rodoviária comprar passagem e vou embora bem à tarde – expliquei-lhe.

Eu estava desanimado. Veja só: eu saí da companhia e fui para a rodoviária a pé, num trajeto de mais ou menos dois quilômetros, me negando a aceitar a oferta do capitão de que uma viatura me levaria. Eu queria ir a pé, pelo seguinte: eu estava trabalhando com o sargento Miguel e o Teixeira, que são bons, porém, se eu falava olha vamos ali investigar, eles diziam mais que depressa, ali, não, não adianta. Vamos noutro lugar? Não, também não adianta, porque com este nós também já conversamos. Por isso que eu saí meio chateado, precisava caminhar sozinho, pensar e pensar, encontrar novas possibilidades de investigação, traçar suspeitos potenciais em minha mente. Precisava só caminhar com a cabeça livre, sem interferência de outros policiais e outras pessoas. Por mais que pensasse, analisasse as pistas colhidas até ali, no entanto, voltava à estaca zero. Em instantes, parecia daqueles crimes insolúveis em que jamais vai se chegar a culpados.

Fui a pé, caminhando sem pressa nenhuma. Quando cheguei perto da rodoviária - no tempo eu fumava quase duas cartelas de cigarros por dia, da marca Belmont - tem um sinaleiro e em frente dois bares de mulheres. Eu olhei o chão, vi sangue. Avistei o bar, próximo da rodoviária, a uns 200 metros, numa praça que tem ali; eu esqueço o nome daquele local. Olhei aquele sangue na frente do bar, avistei uma guria. O bar era uma “boca” e me surpreendi, ao me aproximar, com a quantidade de sangue que marcava a calçada. Fiquei curioso e pensei que talvez a prostituta tivesse alguma informação. Disse oi tudo bem, ela respondeu tudo bem, sentou-se, cruzou a perna. Falei: “Escuta, você me dá um guaraná”. Eu nunca bebi álcool. Ela pôs o guaraná sobre o balcão, acompanhado de um copo. Daí eu olhei bem à volta, o ambiente, disse pra ela:

- A coisa foi feia nesta noite, não é?.

- Por quê?

-Aquilo ali – falei, indicando o sangue coagulado, negro, fétido sobre o passeio.

- Pois é... Deus me livre, rapaz, as coisas são complicadas.

- Foi briga? Entraram no pau?

- É. Eles brigaram bastante – respondeu-me, meio que preocupada e que visivelmente disfarçava, sem querer tocar no assunto; ela deu um tempo, andou por ali, atrás do balcão e voltou para perto de mim. – De onde você é?

- De São Paulo.

- De São Paulo? – ela se alterou. – Nossa, o que você está fazendo aqui nesse fim de mundo?

- Eu vim na Klabin ver se arrumo um emprego, mas não consegui. Estou voltando embora.

- Que pena. Eu conheço São Paulo. Lá a barra é mais pesada ainda... Deus me livre de voltar pra lá.

- É. São Paulo é brabo. Não dá pra bobear lá, se não...

-Deus me livre, mas o tal de São Paulo pra mim nunca mais na vida.

- Mas por quê? Não é tão ruim assim também.

- Eu sofri muito em São Paulo – me contava entristecida, sendo que resolvi me calar, pois naquela altura não me interessava as intimidades de uma prostituta; depois de longos minutos, voltei a puxar diálogo.

- E este sangue, foi o que?- acenei com a cabeça para fora do boteco; eu estava sentado numa banquetinha e dali o sangue era visível, as manchas enegrecidas tomando parte da entrada do bar. – Me conta uma coisa, só pra matar a minha curiosidade: foi na faca ou foi no soco?

- Você é mesmo de São Paulo? – parecia querer desconversar.

- Sim, claro.

- Então, olha, não vá falar nada pra ninguém.

- Eu prometo que não.

-Tá vendo ali, atravessando a rua? Tá vendo lá aquela boca-de-lobo? – respondi a ela que sim. – O cara que eles mataram, ontem à noite, tá jogado lá dentro. – falava, enquanto eu pude ver as suas mãos tremerem e seu rosto enrubescer, talvez por ter tirado um peso deste segredo que guardava desde a noite anterior, nem que fosse confidenciando-o a um forasteiro.

-Não diga, menina? – deixei sair, incrédulo, porque, porra, o bar ficava numa área urbana, movimentada, a poucos metros da estação rodoviária, onde a noite toda havia gente andando pra lá e pra cá, taxistas, motoristas de ônibus e funcionários das empresas. Era uma história difícil de acreditar. – Ah, eu vou embora

desta cidade, aqui não dá pra ficar. Tá louco. Por que você não falou pra polícia até agora?

– Não falei até agora porque tenho medo, na verdade...

– Medo do quê?

- Sabe por quê, moço? É porque eu já paguei por uma coisa sem dever. A pior coisa na vida é a gente pagar por uma coisa que não fez; ser acusado injustamente.

- Ah, é terrível, realmente é terrível. Mas por que você está dizendo isto?

- Eu fui pra São Paulo com umas amigas minhas. Uma delas, um dia, matou um cara. Como eu estava junto dela, fui presa também e olha que nem estava na companhia dela no momento do assassinato. Sofri demais, moço, sem ser culpada. Então veja bem uma coisa: é triste um inocente pagar sem dever. Eu experimentei isto na pele, nem me deixaram me defender direito. Foram acusando, me trancafiaram. É uma grande merda tudo isto.

Ela continuava com seu rosário de lástimas e parecia realmente tocada pelo assunto, quando estacou de repente, olhando para fora do bar. Segui o olhar dela e pude ver um rapaz cabeludo que passava pela praça.

- Você está vendo aquele cara que tá passando lá na praça? – respondi que sim.- Aquele é o tal de Paulinho.

- E o que tem este tal de Paulinho? O que ele fez?

- Sabe, tem gente que vai pagar uma dívida com a Justiça sem merecer.

- Como assim?

- Agora, tempinho atrás, mataram uma menina aqui na cidade. Aquele cara que tá passando ali, mais o irmão dele e uma turma é que mataram a garotinha – dizia, enquanto eu já me segurava na banquetinha, que bamboleava, fiquei nervoso, ansioso demais para me conter. – Pois você veja uma coisa, a polícia vai prender uma pessoa que não deve, pode ter certeza. E até que esta pessoa prove... vai sofrer tudo, assim como eu sofri naquela bosta de São Paulo.

Imediatamente, fiquei em pé, me preparando para ir atrás do cara, que ia ligeiro, atravessando a praça, cabelão até os ombros, todo cheio de ginga. Paguei a conta, rapidamente, e saí com o “rabo que é uma peroba”. Acho que em alguns trechos eu cheguei a correr, parecia um maratonista. Eu me adiantei ao rapaz e cheguei à estação rodoviária antes dele. No primeiro telefone público que encontrei já liguei para o capitão Thomaz, pedindo-lhe que mandasse incontinenti o sargento

Miguel e o soldado Teixeira até mim. Expliquei ao comandante que os dois policiais não deviam fazer nada, apenas vir urgente até a rodoviária, de modo a não espantar o nosso suspeito.

O cabeludo ficou ali, no interior da rodoviária, andando de um lado a outro, e eu atrás dele, a certa distância. De repente o Teixeira e o Miguel chegaram, descendo enlouquecidos da viatura. Mas eu fiz contato com eles e disse que não precisava mexer com arma, nem nada. Fui até o cara.

- Ôh meu . . . Oi, tudo bom. Como é que é? Tem alguma coisa pra gente aí?- eu disse, chegando o mais perto possível, caso ele tentasse correr, eu tentaria segurá-lo ou o renderia com minha arma.

- O quê, por exemplo?- perguntou o cabeludo.

- Não preciso perguntar se tem doce, não é?

- Não, não tenho não cara, mas posso arrumar. Você tem dinheiro?

- Tenho.

- Dá um tempo aí, que eu vou fazer uma ligação - disse, indo até o telefone, onde começou a falar com seu fornecedor de drogas; eu permaneci ao lado dele, até terminar a ligação.

- Daí, cara, arrumou o esquema pra nós?

- Sim, me dá uns dez minutos, cara, que você já terá o seu doce – debochou.

- Quando chegar eu te dou um toque.

O Teixeira e o Miguel se aproximaram, sentaram em uma banqueta. Eu falei pra eles

- Estão vendo aquele cara cabeludo ali com quem eu estava falando?.

-Sim, nós estávamos só cuidando de vocês, de longe, espertos.

- Vamos pegar este cara e cair fora daqui.

- Mas por quê?

-Não, depois nós conversamos – eu fiz sinal para que se apressassem. Os dois foram logo, iguais a cachorros perdigueiros, agarraram o cara e o trouxeram até o carro da P/2. Trafegamos um pouco com o carro e ele começou a perguntar o que nós queríamos dele. Eu lhe falei:

- Olha aqui cara, faz tempo que estou te procurando, mas agora consegui te achar

- Mas o que você quer de mim? Nem te conheço, nem sei quem é você.

- É bom que você nem saiba mesmo - eu disse, ordenando que tocassem o carro em direção à saída para Imbaú.

Os dois policiais ficaram meio contrariados e queriam discutir, mas eu mandei que continuassem tocando o carro para o mato. Fomos em direção ao local onde os matadores tinham deixado o corpo da menina. Quando chegamos perto, ordenei que parassem a viatura. Daí conversei com o Paulinho.

- Olha, rapaz, o mundo vira, vira, vira e de repente o cara te encontra, não é? Você tem parente?

- Tenho.

- Tem pai?

- Tenho.

- Tem irmão?

- Tenho.

- Quem é ele?

- O meu irmão é o Anderson – respondeu o cabeludo, assustado; o sargento Miguel e o Teixeira se olharam rapidamente, perplexos, porque ali é que começou a cair a ficha deles.

- Quem é este Anderson?

- Ele trabalha com meu pai numa oficina. Na verdade, meu pai está separado da minha mãe há muitos anos, só que meu irmão ficou com meu pai e eu fiquei com a minha mãe. Meu pai tem uma oficina de moto.

- Pois é rapaz... é o seguinte: você quer falar alguma coisa pro teu pai ou pra tua mãe?

- Por quê?

- Bem, falar você não vai, mas quer escrever alguma coisa pra eles? Porque eu vim aqui e não vou perder a viagem.

- Não, pelo amor de Deus não me mate . . .

- Não, fale tudo que você sabe, me conte tudo o que você tem pra falar, porque é a última chance, depois não vai falar mais nada.

- Puta merda, eu vou pagar por uma coisa de que não sou culpado, mas tem muita gente que vai se foder também.

- Mas quem é este todo mundo que vai se foder também?

- Ah, são uns caras que mataram a menina aí...

- Que menina?

- Que mataram a Graciele...

-Eu não quero saber de menina nenhuma, cara, o que eu quero saber disto? Meu negócio é outro. Agora vem querer inventar história de uma menina que mataram. Que menina é esta que mataram? – falei encarando-o, podendo sentir seu hálito, o seu desespero.

- Oh, oh, cara, porra – ficou hesitante por um tempo, voz trêmula, apavorado.
– É a turma lá que pegou uma menina aí, a Graciele... e eles a mataram.

- Quem é esta Graciele? Quem é esta moça?

- Não é moça, é uma criança...

- Ah, largue mão rapaz, não quero saber de menina nenhuma, de história nenhuma. Matou, matou, problema de vocês. Meu negócio com você é outra coisa. Você vai ter que se virar.

- Não, não, por favor. O negócio é o seguinte, eu vou ter que dedar. Já que vocês vão... já que eu vou morrer mesmo.

- Já que você quer falar deste assassinato da menina, tá bem. Quem a matou?

- Eu...

- Eu, quem, cara pálida? Quem é você?

- Sou o Paulinho.

- Quem mais matou a menina?

- O Anderson...

- Quem é o Anderson?

- É o meu irmão.

- Quem mais?

- O Daniel, o Vilmar, o “Caveirinha”. Tem mais uma menina... a Cristiane.

- Mas o que vocês fizeram?

- Pois é, eles mataram a menina – dizia, sem que precisasse eu encostar as mãos nele, enquanto eu via os dois policiais com os olhos arregalados, perplexos no interior do carro, acompanhando com ansiedade aquele interrogatório preliminar.

- Não quero saber, rapaz, de menina, de turma, nada, nada. Não quero saber se você matou a menina, não quero saber disto daí.

-Então, eu não sei por que é que vou morrer?

- Tá bom. Antes de te matar, eu vou pegar o teu irmão e trazer até aqui. Quero ver se ele confirma esta história como você a contou.

- Pode trazer, ele vai confirmar...

Tocamos para o quartel. No prédio da 3ª Companhia de Telêmaco Borba, o capitão Thomaz esperava ansioso. Tão logo chegamos, ele interpelou a equipe.

- O que aconteceu Romálio?

- Acho que descobrimos os responsáveis pela morte da menina.

- Não é possível, não é possível – repetia-se, entre eufórico e preocupado.

Já o sargento Miguel e o soldado Teixeira me interpelaram, desconfiados, e quiseram saber como é que eu descobrira o Paulinho. Eu não lhes contei, por ora, porque acabara de lembrar do corpo na boca-de-lobo. Disse-lhes então:

- Caras, eu estava esquecendo. Sabem o bar de frente da estação rodoviária? – disseram que sabiam. – Pois é, na boca-de-lobo do outro lado da rua tem um corpo lá, vítima de assassinato. Vocês podem averiguar pra nós. É um rapaz, que foi morto ontem à noite. Verdade.

- Vai tomar no seu cú, Romálio – um deles me disse; ficaram ainda mais pasmos quando se depararam com o cadáver onde eu havia dito. Respirei aliviado, pois era verdade da jovem e sofrida prostituta, que eu nunca a revelei, nem a vi novamente. Deve ter ido embora da cidade.

Para assegurar a legitimidade do nosso trabalho, o capitão solicitou a presença do promotor, doutor João, cuidando também para que não vazasse a informação sobre a prisão do primeiro suspeito, isto porque o pai de um dos envolvidos era o promotor de Justiça Fedais.

- Doutor João, o senhor dê uma chegada aqui na Companhia, por favor, que temos novidade no caso Graciele – eu ouvi o capitão telefonar ao promotor, pedindo a ele discricção, porque tudo estava ainda no princípio; porém, tão logo chegou ao quartel, o promotor se inteirou dos nosso relatórios orais e autorizou que buscássemos os demais citados pelo Paulinho. Foi uma correria tremenda, que envolveu todo o efetivo da PM.

Daí, pegamos o Anderson e trouxemos também para o quartel. Foi pego na oficina. Ele estava trabalhando.

- Ô, Anderson, o negócio é o seguinte... vamos lá no quartel, temos uma motocicleta que deu problema, queria que você dessa uma olhada pra nós.

Ele se aprontou e fomos. Estava sossegado, pensava que estava acima de qualquer suspeita, inclusive ajudara a procurar o corpo da menina. Quando nós

chegamos ao quartel, dependências da 3ª Cia, o irmão dele estava sentado em uma das salas. Abri a porta, ele entrou, olhou no irmão e ruborizou, imediatamente.

Daí eu falei:

- Você conhece este cara aí, Anderson?- e o vi pensando para responder, em lapsos de segundos.

- Bem, eu conheço, porque é meu irmão, é meu irmão – nisto já pudemos ver todo o seu nervosismo; ele, literalmente, desabara.

-Você não tem bronca nenhuma com ele, tem?

- Bem, nós somos irmãos.

- Não, eu tô perguntando se você tem bronca com ele, se vocês se dão bem?

- É, é... eu me dou bem com ele, sim.

- Então tá bom. Você conhece um outro amigo seu, que tá na outra sala, ali, que se chama Daniel? – eu disse, mesmo sem ter pego este outro suspeito, que nem sabia de quem se tratava; ele balbuciava. – Você conhece o Daniel? – ele estacou, pensando no que responder. – Você conhece ou não conhece?

– Eu não sei, quem sabe eu conheça – respondeu por fim.

– Ele está na outra sala, ali.

– Você conhece o Vilmar?

– Vilmar? Não sei, tem tantos Vilmar por aí?

– Eu sei que tem tantos, mas o Vilmar a que me refiro é mecânico e tem um Fusca azul – ele ficou ainda pensativo, hesitante. – Conhece?

- É, é... Ele tá na outra sala, fechado – fui dizendo, uma impropriedade, porque naquela época nem havia tantas salas assim na administração da 3ª Companhia. O Anderson parecia chafurdar em seus pensamentos, nas lembranças, quem sabe, do que fizera junto dos amigos à pobre Graciele.

Bastaram alguns minutos de silêncio e ele irrompeu:

– Tá, bem, eu já sei o que você querem...

– O que é? O que será que nós queremos? - perguntei.

– O negócio é o seguinte... – passou a nos contar em detalhes toda a história.

Na sequência, prendemos o Daniel, que era filho do promotor João Fedals. Houve um impasse, mas falamos com o outro promotor, que nos autorizou a ir buscar o Daniel. O promotor estava acompanhando com surpresa o desenrolar dos fatos. Havia dúvidas, porque o Paulinho falou uns nomes que precisavam ainda de confirmação. Ele poderia estar mentindo. Fomos lá no Fórum, o doutor liberou,

autorizou. Eram dois promotores na comarca, o pai do Daniel e o outro, que deu autorização para agirmos. Catamos o Daniel, catamos o Vilmar. Estavam na cidade. O Vilmar trabalhava no momento da sua prisão. Prendemos todos os citados nos depoimentos e os levamos para o quartel.

Daí, o que eu fiz? Gravei tudo o que disseram ao promotor com um pequeno gravador de bolso e deixei a sala, assim que terminaram os depoimentos dados na Companhia da PM. A ideia era de segurar ao máximo a informação para evitar que as pessoas da cidade ficassem sabendo da descoberta, pois com certeza nos depararíamos com uma revolta popular.

Na saída, eu avisei:

- Olha rapaziada, eu vou buscar janta pra vocês, mas nem pensar em fazer besteira. Se tentarem sair pela janela, o pessoal vai acabar matando vocês. E olhem, hein, se o povo da cidade descobrir que vocês estão aqui ... já era – disse a eles, o que não deixava de ser verdade.

Fiz o seguinte: peguei o gravador, abri uma gaveta e o acomodei ali; os deixei conversando e saí. Lá fora, eu marquei 40 minutos. Daí voltei, entrei, peguei o gravador e saí novamente. Assim, fiquei sabendo dos detalhes contados por eles.

Diziam:

-Tá vendo cara, você que foi o culpado – uma voz recriminava alguém na gravação.

- Vamos ter que entregar o velho João também.

E, assim por diante, se autoincriminavam, criticavam uns aos outros, alguns choravam. Bem, com a gravação eu entrei na sala em que o promotor conversava com o capitão Thomaz. Pedi licença e exibi o teor da fita. A partir daí, não tinha mais o que duvidar da autoria do assassinato da menina Graciele.

O doutor Valdir, padrasto do “Caveirinha”, chegou e falou assim pra mim:

- Olha, eu sou advogado, você me conhece. Você acusou meu filho. Vai se arrepender...

- Eu não acusei seu filho de nada, eu apenas descobri.

- Mas descobriu como?

- Não, o doutor vai ficar sabendo depois, na sequência, é só aguardar.

Noutro dia ele foi numa emissora de rádio bem cedo, no programa do repórter Paulo Cesar, e reclamou:

- A Polícia Militar prendeu meu filho. Eu não vou dar o nome do policial agora, mas depois ele vai pagar caro...

No mesmo dia, eu conversei com o “Caveirinha”.

- O teu pai, o Dr Valdir, advogado... – o menino me cortou.

- Ele não é o meu pai. Ele se amigou com a minha mãe. Meu pai morreu. Ele não tinha nada na vida, pegou tudo que era nosso. Se hoje eu tô traficando, se tô ... é por culpa dele.

- Mas, por que?

- Claro, ele é meu padrasto, já viu padrasto tratar bem o enteado. Eu vivo dormindo fora de casa, nem em casa posso dormir por causa dele.

- Pois é, o teu padrasto tá falando que eu bati em você, que eu fiz isso, isso ... Veja bem, você vai fazer exame e eu vou processar o teu pai.

- Mas ele nem é meu pai. Eu quero dar uma entrevista pra rádio.

No outro dia pela manhã, o repórter Paulo Cesar foi lá na Companhia para a entrevista com o “Caveirinha”, mas eu pedi para ele não contar onde o grupo preso estava, pois havia informações de revolta da população. Daí o radialista se comprometeu a dizer que eles estavam em outra cidade. Ficou acertado assim. Daí o radialista perguntou sobre o seu pai que está querendo processar o policial que bateu em você,

-Eu, eu não tenho pai.

- Mas o Dr Valdir? – questionava o radialista.

- Não, este cara é um aproveitador, é um vagabundo, meu pai morreu e a minha mãe... - falou tudo. - O policial não fez nada pra mim, ninguém bateu em ninguém aqui.

Todos os envolvidos foram para a cadeia. Houve reforço policial de Ponta Grossa, mesmo assim o povo se revoltou ao saber da notícia das prisões. O pessoal revoltado foi até a sede da Companhia, onde eu permaneci como espécie de carcereiro da piazada, porque o promotor havia me pedido pessoalmente. Chegaram dois caminhões lotados de gente da Klabin e da Prefeitura. Todos armados de foice, ferramentas, porretes, liderados pelo pai da menina, o senhor Milton. Assim que me viu, ele me chamou:

- Romálio, faz um favor. Só não quero que o senhor minta. O senhor sempre trabalhou certinho com o pessoal aí. Esses caras estão aí no quartel de vocês.

-Não, não, estão.

- Nós vamos matá-los.

- Olha, eu vou fazer uma coisa pro senhor. O senhor confia em mim?

- Eu...

- Então eu digo pro senhor que eles não estão aqui.

- Não, nós vamos invadir... – sentenciou ele, gritando aos demais companheiros. Houve muita discussão e acirramento de ânimos, pois eram dezenas de pessoas armadas e afoitas, que queriam fazer justiça com as próprias mãos.

- Então, vocês vão invadir? Podem invadir. Podem entrar. Inclusive eu tô com as chaves e vou abrir. Podem invadir. Vou abrir de sala em sala. Só que daí o senhor vai responder. Porque eu tô falando que não estão aqui. Vocês invadem tudo aqui, quebram tudo... mas eles não estão aqui. Além de o senhor perder a sua filha ainda vai responder processo. Estão aqui as chaves, querem descer lá, vamos...

Tanto o senhor Milton quanto o resto do pessoal disseram:

- Vamos deixar por ora, mas não descansaremos até matar todos estes desgraçados - subiram nos caminhões e voltaram.

Eu sempre me perguntei: que tal se eles tivessem topado a minha proposta? Eu não sei o que teria acontecido. Os assassinos ficaram três dias escondidos nas salas da 3ª Companhia e acabaram transferidos à sede da Polícia Civil. Foi esta a conclusão da história: todos condenados. A guria Cristiane, em 1996, a encontrei no Paraguai. Estava numa casa de zona lá. Foragida, devia existir à época mandado de prisão contra ela, mas eu estava numa outra missão.

II

SOBRE 007 CABOCLO, MÃES E PAIS-DE-SANTO

Eu não tenho lembrança se havia sido o Diógenes, tio do menino, que fizera a comunicação, mas, enfim, alguém contou o seguinte: desapareceu uma criança.... Informação esta que o coronel Neves repassou para nós, falando do desaparecimento e que havia o pedido de pessoas para trabalharmos no caso; já haviam pedido à Polícia Civil, mas os agentes só ficam passeando, bebendo e não tomaram providência. Então tem que mandar pra lá um pessoal nosso, pessoal do grupo para iniciar os levantamentos. Então, daí chegou, não lembro quem foi, não sei se foi o Diógenes ou outra pessoa, só que a gente não conhecia, não sabia quem havia ido lá no CPI (Comando do Policiamento do Interior) falar com o coronel, então capitão Neves, sobre o desaparecimento do guri na região de Guaratuba. Estávamos subordinados ao CISESP – Centro de Informações da Secretaria de Estado da Segurança Pública.

O coronel continuou, dizendo que devíamos ir lá e iniciar as investigações para ver em que pé estava a situação. Se é só conversa, se é só fofoca e coisa e tal. Mas ele falou para nós que poderíamos mexer, topar, com gente grande, portanto, todo o cuidado era pouco. Devíamos, primeiramente, procurar o engenheiro civil Diógenes Ramos Caetano, que era tio do menino Evandro. Nós descemos pra lá, estávamos eu, o sargento Olímpio, o José Carlos não foi nesta primeira leva, mas estava também o Moraes, sim, o Moraes, um cara lá de Marmeleiro, e o Pacheco. Daí nós fomos para lá, ficamos lá e coisa e tal. A primeira conversa foi com o tio do menino, um homem moreno claro, cabelos pretos, bem falante, com quem estivemos por mais de duas horas. Ele relatara que era ex-agente de polícia e que trabalhava atualmente como engenheiro civil, com firma própria. No decorrer deste bate-papo, ele deixou escapar que já tivera uma rixa com a família Abagge, não sei por que cargas d'água. Nesta época já haviam achado o corpo do guri. Voltamos a Curitiba, repassamos as primeiras impressões ao capitão Neves e já deixamos claro que iríamos trabalhar sem a influência deste cidadão, o tio do menino, porque até então não o conhecíamos.

A Polícia Civil estava apurando o desaparecimento. Estavam o doutor Adauto Abreu de Lima, a doutora Leila do Grupo Tigre; a Silvana, uma guria que trabalhava com eles. O prefeito Aldo Abagge colocou à disposição deles um automóvel particular, da marca Escort, de cor cinza, para as investigações. Era usado também um Opala preto da Assembleia Legislativa. Bem, foi localizado o corpo. Nossa, daí que tocou horror. O corpo estava mais ou menos uns quinhentos metros de uma serraria. Foi localizado? E agora, como é que foi que isto aconteceu? Daí, começou a surgir aquele negócio: foi, não foi, quem será? Ah, foi um cara que andava por aí com um saco nas costas; o cara era andarilho, lá de Santa Catarina e não sei o quê, não sei o quê..., que teria sido visto por um morador de nome Euclides e sua mulher a rondar o matagal fechado.

Este mendigo teria ido para Joinvile, conforme os boatos. Nós fomos, então, para Joinvile, atrás deste cara do saco nas costas, mendigo, que era não sei quê lá, mas em pouco tempo que estivemos naquela cidade ficamos sabendo que era tudo conversa. Não achamos ninguém. Voltamos a Guaratuba, quando um pessoal da nossa equipe subiu para Curitiba, porque o coronel determinara que ficaríamos no litoral apenas dois policiais.

O coronel, então, falou para deixarmos uma equipe lá embaixo, enquanto os demais deveriam voltar às atividades anteriores, que só retornariam a Guaratuba caso precisasse. **Permanecemos lá eu e o sargento José Carlos.** Começamos imediatamente os levantamentos.

Já no primeiro dia, fomos ao Mercado Paraty, que funcionava num prédio dos Abagge, por volta das 10h30min. Fazia muito frio naquela manhã e precisávamos abastecer o nosso rancho. Num dos corredores, eu empurrando o carrinho de compras, nos deparamos com a dona Cenir Freire, mulher do ex-prefeito de Ponta Grossa e então deputado federal Otto Cunha. Ela estava acompanhada de uma mulher, bem trajada, que ainda mantinha traços de beleza, apesar de uma certa idade, eu diria uns cinquenta anos para mais.

- O que vocês estão fazendo em Guaratuba?- perguntou a Cenir, simpática, assim que avistou o Zeca, como passou a tratá-lo, com relativa intimidade.

- Nós estamos de férias – ele respondeu, estendendo-lhe a mão.

A ex-primeira-dama pontagrossense falou a sua companheira que nós éramos policiais da cidade dela e fez uma apresentação breve, dizendo-nos que ela era a senhora Celina Abagge, mulher do prefeito de Guaratuba.

- Se precisarem de combustível e de viatura é só falar com a gente – a Celina disse na continuidade da conversa, em seguida nos convidando para o almoço, ao observar que comprávamos gêneros alimentícios.

Eu agradeci e pedi licença, deixando o Zeca conversando com elas para continuar as compras. Voltamos para a casa alugada, que tinha dois quartos, sala, cozinha e banheiro com toda a mobília. Os móveis foram deixados em acordo com a proprietária, que era conhecida nossa. **Ficamos neste imóvel por mais de um ano.**

Celina Abagge era, à época, igualzinha à que vejo agora pela televisão: morena, cabelos pretos, usava uma blusa preta de lã e outra de cor clara por baixo, diria que bem elegante; uma pessoa simpática, voz mansa, carismática, bem trajada, aliás como cabe a uma primeira-dama. Na curta conversa que mantive com elas, não falei o meu nome. Isto não quer dizer que eu suspeitasse de alguma coisa. Ela era a última pessoa que eu podia imaginar envolvida em qualquer coisa relacionada ao desaparecimento e assassinato do menino Evandro. Na verdade fiquei receoso que elas insistissem em saber o que fazíamos naquela cidade, porque mesmo a Cenir Freire, de Ponta Grossa, eu só a conhecia de nome. Já o Zeca, meu companheiro, era bem ligado a este povo da política, se relacionava com todo mundo. As duas ficaram conversando ali perto com ele. De onde eu estava podia ouvir o diálogo animado que transcorria. A Cenir falava sobre trabalho que fazia em Ponta Grossa com crianças. Pouco depois, ele se despediu delas. Eu me aproximei, estendi a mão, maquinalmente, e fomos para a casa alugada na Vila Nereida. No dia seguinte, desceria da Capital o Antunes para nos auxiliar.

Estávamos, pois, diante de mais um desaparecimento, pois já havia desaparecido, tempo antes, outra criança, o Leandro, que, embora divulgado, não tivera tanta repercussão como o sumiço e assassinato do Evandro. Eu acho que foi assim: o pai do Leandro era um pescador, pessoa simples, separado da mulher, que trabalhava de camareira no hotel, e ele se dedicava à pesca, um bêbado. O menino nem morava com ele, nem morava com a mãe. Mas do Evandro, não, do Evandro a mãe era funcionária da creche da prefeitura e o pai dele também trabalhava neste mesmo órgão público, sendo uma família mais constituída. Tinha mais: este Diógenes era parente da mãe do Evandro, um primo dela, engenheiro, fora policial civil. Assim, houve outro tratamento, era outra coisa.

Após sairmos do supermercado, fizemos um almoço rápido, comemos e partimos para a casa de uma moradora do local próximo de onde fora encontrado o

corpo do garoto. A mulher confirmou a história, contada por Diógenes, a de que o cadáver, em adiantado estado de putrefação, tinha ao lado os chinelos, calção e a chave da casa da família dele. Este depoimento informal dela consumiu a tarde inteira. Quando retornávamos, topamos com o pessoal do Grupo Tigre da Polícia Civil. Um dos policiais, logo que nos viu, se dirigiu a mim:

- Porra, vocês por aqui. Agora senti firmeza – ironizou ele, com quem eu já havia trabalhado em operações conjuntas pelo Paraná, inclusive em investigações sobre o caso Graciele, em Telêmaco Borba.

- Eu tô passeando – desconversei.

- É, que beleza. Eu estou no caso do desaparecimento do garoto – disse ele, deixando claro que pretendia trocar ideias conosco sobre o objeto de sua investigação. –Aqui, somos amigos. Estou no Grupo Tigre e estamos no hotel, se pescar alguma coisa nos ajude, seria de bom grado.

Este policial, de que não recordo o nome, era um mulherengo inveterado, amasiado com uma advogada de Ponta Grossa. Eu repeti que estava de férias e que não vinha acompanhando o caso, mas ele insistia em saber o que eu estava fazendo em Guaratuba. Resolvi apenas sorrir e dizer que adorava a praia com todos os seus atrativos.

Já o meu parceiro, o sargento José Carlos, era meio sistemático, tinha a mania de 007, eu diria um James Bond caboclo. Cansei de falar sobre isto, talvez eu estivesse errado, mas o fato é que às vezes ele me fazia errar, porque era assim: tínhamos que prender um cara, então, o coronel, na época tenente e depois capitão, repassava pra ele, dizendo tá, entregava um papel pra ele, e dizia vá prender fulano. Ele, por sua vez, me dizia, toca por ali, toca por aqui... e quando a gente chegava em frente à casa do procurado pela Justiça... digamos assim: o cara morava na Rua Pelotas, 321, mas até então só ele sabia. Daí nós íamos, eu e ele, e quando chegávamos à frente da casa, ele dizia: para aí. O que acontecia então: eu era o condenado, porque eu era o motorista; eu era o primeiro, se desse um rolo, a levar chumbo. Sabe, ele não era assim de falar, pessoal é o seguinte, ali na rua tal, número tal, mora um cara lá e nós temos o mandado de prisão dele. Ele não fazia isto. Uma vez eu fui e quando chegamos à frente da casa do procurado eu parei, ele desceu da viatura e fez sinal pra mim. Eu perguntei: o que? Ele falou: o cara. Que cara? Ora, nós temos mandado de prisão. Eu disse: Então prenda. Não, Romálio, desça aqui comigo. Eu disse: Não vou, nem a pau, é sigiloso. Daí então ele voltou

correndo, entrou no carro e eu toquei a uma rua distante. Só daí ele falou o que era; eu respondi, agora sim, eu vou. Olha José Carlos, você... vou contar uma coisa... vai chegar num ponto em que você vai sair pra trabalhar e na hora de ir embora a sua família vai ter que te buscar no serviço, porque você não vai querer contar nem pra você mesmo onde é que você mora.

O José Carlos era insuportavelmente bem organizado, vivia entre muitos e muitos ofícios e papelada, mas se perdia todo. Tem até um caso recente de um sargento da Assessoria de Imprensa do batalhão que foi mandado pelo seu chefe imediato até a P/2 atrás de dados sobre o roubo de um trator na cidade de Imbituva, região Centro-Sul do Paraná. Depois de uma hora, o que o assessor de imprensa conseguiu foram evasivas e questionamentos sobre se ele sabia o que significavam códigos. Após, o José Carlos perguntou a ele se conhecia a fábula do ratinho e do elefante. Disse que não muito. Daí o José Carlos explicou que um dia o ratinho pediu para que o elefante o ajudasse a atravessar o rio, muito profundo, terminando aí a história. O assessor voltou para sua sala sem qualquer informação e disse ao tenente que, por obséquio, fosse conversar com o José Carlos, porque naquela manhã ele estava enigmático. Resolverem desistir de produzir a nota à imprensa.

Ele era assim. Eu falei, olha Zeca, você ... eu tenho dó de você, mas vou falar pra sua mulher. Quando você demorar a chegar a casa, ela que saia a te procurar. “E procurar por que, cara?”. Claro, você não vai querer contar onde você mora e como é que você vai chegar a sua própria casa. Sua mulher vai ficar de cabeça quente e você vai dizer pra si mesmo, não conte, não conte, não conte e não ensina o rumo de casa.

Voltando às investigações, informações colhidas aqui e ali de populares, a opinião geral, que até nos parecia meio absurda, era a de que o assassinato do menino poderia ter servido ao propósito de transplante de órgãos ou macumbaria, trabalho a algum exu. **Apostando na segunda hipótese, eu e o Zeca resolvemos que teríamos de percorrer os treze centros de umbanda existentes na cidade de Guaratuba e tentar levantar algo palpável.** Antes de iniciarmos tal levantamento, o capitão Neves já sinalizou com a intenção de afastar o Zeca das investigações, recolhendo-o a Curitiba, tendo em vista sua ligação com a Cenir Freire, de Ponta Grossa. De alguma forma, suspeitávamos de que ele pudesse colocar tudo a perder, dando com a língua nos dentes, vindo a contar, involuntariamente, a ela o verdadeiro motivo de estarmos na cidade litorânea. Porém, antes que se desse o

afastamento do sargento, eu e ele estávamos no segundo dia de investigações e passávamos pela avenida principal de Guaratuba, quando a Celina Abagge e a Cenir Freire estavam paradas numa esquina. Tão logo avistaram o Zeca, nos fizeram parar o carro, convidando-nos para almoçar com elas, na casa do prefeito. Como já era hora do almoço, aceitamos o convite. Entramos e sentamos em um sofá da sala espaçosa. A casa era de alvenaria, luxuosa, os móveis muito bem disponibilizados, um ambiente acolhedor. A um canto, existia um barzinho, feito em madeira, sobre o qual pude ver um HT (rádio transmissor) da polícia com carregador, o que me chamou a atenção. Mas eu fiquei ainda mais intrigado com um grampo de roupa, um pregador, atado ao fio do telefone. Isto me deixou invocado, pois era um fato diferente: para que aquilo servia, uma brincadeira, talvez. E o bate-papo ia animado entre o Zeca e as duas mulheres, enquanto esperávamos o almoço. De vez em quando, eu entrava na conversa para ajudar o meu companheiro a continuar com a história de que estávamos passando umas férias em Guaratuba. Não, não estávamos de serviço. A Cenir Freire dizia muitas coisas sobre o Zeca, enaltecendo seus trabalhos prestados em Ponta Grossa como policial, com quem tinha travado conhecimento. Para ela, era o Zeca um excelente policial, pois sempre que precisara dele, correspondera prestativo, zeloso, um bom profissional. Aproveitei um intervalo dos diálogos para perguntar ao meu companheiro se havia visto o grampo no telefone. Ele me respondeu que não vira, mas também se surpreendera com o fato.

- Será que o telefone dela está grampeado e isto ali é um lembrete? – discuti com meu parceiro.

A resposta viria na sequência. Durante a continuação da conversa animada, o telefone tocou. A ligação era para a Cenir. Quando ela se encaminhou para atender, após o aviso da empregada, a dona Celina falou, sem se importar com a gente, dissimulando a preocupação:

- Veja o que você vai dizer no telefone, pois pode estar grampeado – alertou a amiga.

Mas mesmo com todos estes detalhes – o HT e o grampo – nós, naquela altura do campeonato, ainda não tínhamos a mais remota suspeição de que a mulher do prefeito pudesse estar envolvida no assassinato do menino Evandro.

- Pois é Zeca, vou ser candidata a prefeita de Ponta Grossa – dizia a Cenir, animada.– Já esta daqui – apontou para a Celina, sentada ao seu lado, sorrindo,

naquela rasgação de seda – vai ser a nova prefeita de Guaratuba e dentro em breve vai assumir o governo.

- Não, ainda tem um longo caminho. Você, sim, que é a nova prefeita de Ponta Grossa – disse, aparentando modéstia; as duas mulheres eram simpáticas e confesso que nas palavras delas não havia arrogância ou algo parecido, pois se mostravam sinceras, brincalhonas umas com as outras, e realmente sabiam agradar os visitantes.

Com o recolhimento do sargento José Carlos para Curitiba, entrou em cena a figura do Antunes: um matuto, vindo de Foz do Iguaçu. Ele usava chapéu de palha, bota de cano longo, desajeitado, que num dia desceu na rodoviária. Andava devagar, palito no canto da boca, um saco com roupas e apetrechos – apenas um disfarce caipira -, parecia um xiru mesmo, um capiau. Eu o conheci na Operação Fronteira, onde trabalhávamos juntos, inclusive chegamos a fazer muitas investigações no Paraguai. Um trabalhador incansável. Seguindo a ideia inicial que tive com o sargento José Carlos, o Zeca, decidimos percorrer todos os centros de umbanda de Guaratuba e região, se fosse possível; contaram-nos que havia mais de treze.

Fomos até à casa da Rita de Cássia, em rua próxima do cemitério, como quem vai para as Marinas. Esta mulher nos ajudou bastante nas investigações. Bati no centro espírita, mas foi o Antunes que se adiantou, naquele seu linguajar que realmente convencia ser um matuto.

- Tardes... A senhora vê base? –disse ele, disposto a ver a sorte do baralho.

Ao entrar no centro, confesso que senti um frio na espinha. Ela foi muito cordial, mandou que entrássemos, ofereceu cafezinho.

- De que tipo de trabalho os senhores precisam? – falou, assentando em uma cadeira tosca.

- O meu problema é herança, dona, acho que tem alguém me querendo me passar pra trás. A senhora pode ver aí?

- Ih, meu filho, meus trabalhos são simplizinhos... Isto aí eu não faço. Não tenho competência pra ver destas coisas mais difíceis, não. Os meus serviços são ver só base, base mesmo – explicava-nos a mulher de seus cinquenta anos de idade, pacienciosa.

- Mas não faz mal, dá pra vosmecê ver só tão a base, que preciso pra desanuviá estes pensamentos de traição? Se tiver algo mais pesado eu pago, sabe,

destes de cortar galinhas, bodes, gatos, cachorros, papagaios – dizia sério, mas parecia se divertir, caçoar, da mãe-de-santo.

- Não é que eu não esteja querendo fazer, mas é porque não sou muito ligada a stas coisas. Se querem um trabalho mais forte, vocês têm que procurar pessoas mais ligadas. Eu não corto nenhum ser vivo, mas há que faz, tem que ir num centro de umbanda.

- Mas quem é que faz?

- Centros de umbanda...

- Faz feitiço, então?

Ali nós já sentimos algo diferente no ar que poderia nos conduzir a resultados positivos, no momento em que a mulher começou a falar que conhecia alguém que fazia trabalhos mais pesados. Na continuidade da consulta, ela se mostrou extrovertida, falante, alegre, contando-nos coisa que não tínhamos perguntado. Como por exemplo: que era mulher de Orlando Silva, assessor do prefeito Aldo Abagge. Eles se conheceram em Curitiba, casaram-se, depois migraram para Guaratuba, onde o marido fora trabalhar na campanha eleitoral do prefeito. Lá, após o pleito, ela e Orlando Silva se separaram, porque, segundo dizia, não estava mais dando certo o relacionamento. O Orlando permaneceu na cidade como assessor do prefeito, ela, tocando aquele centro espírita, humilde, sem grandes pretensões, sem trabalhos maiores que não fossem passes e pequenos feitiços para o bem, como havia deixado claro.

Por indicação de Rita de Cássia, nos dirigimos a outro centro, agora de umbanda, de uma senhora conhecida por Mãe Jussara, que ficava perto, no mesmo caminho para as Marinas. Havia galinhas e bodes pretos soltos no quintal, que ficamos observando antes de bater à porta de entrada. O caboclo Antunes inventou a mesma história, assim que Mãe Jussara nos recebeu numa salinha. Um cheiro forte e estranho tomava o ambiente, destes odores que se sente em lojas de produtos de umbanda e candomblé.

- Meus filhos, eu faço os meus trabalhos, pedindo ao capeta, exu, Tranca-Rua, Sete Liras – ia dizendo e apontando para as entidades que se enfileiravam pela sala, em pedestais, outras sobre banquetas, algumas largadas aqui e acolá.

- Quanto a senhora cobra? – interrogou Antunes.

- Preciso para o trabalho: vela, farinha, pimenta, charuto, pinga. Mas não vou cobrar nada. O senhor pode dar todo o material ou o dinheiro. Eu não cobro, mas meu guia cobra.

- Mas, sabe, dona, me adesculpe, mas o que tô querendo é um trabalho mais forte, forte de “picar mula”, de arrebentá com quem quer me arrebentá, entende do que tô falando.

Mãe Jussara respondeu que o seu guia não permitia trabalhos mais fortes, pois ela não era como estas pessoas que fazem macumba matando galinhas, bodes... - Meu trabalho é fraco, é normal, não tem nada de especial – disse, contrariada, porque sabia que tínhamos visto aqueles animais no seu quintal, que, nos pareceram à disposição para sacrifícios em sessões realizadas em cômodos dos fundos do centro.

Despedimo-nos e ficamos de voltar noutro dia, caso não encontrássemos o que procurávamos: um trabalho de “picar mula”, como argumentou o Antunes. Saímos, diretamente, para nossa casa, fazer anotações. A gente sempre conversava com as pessoas e anotava tudo, não confiávamos na memória.

Tivemos contato com uma outra mãe-de-santo, chamada Mãe Luzia; um dia ainda penso em voltar a conversar com ela. Fomos ao centro dela, localizado na saída para Coroados, região na saída para Garuva, numa manhã, bem cedo. Aí é que começou toda a situação. Era um centro de umbanda grande, bem construído. No terreno, havia uma cabaninha, em que, numa espécie de galeria, vimos pretos velhos, caboclos, índios, espaço este todo ornado com pedras brancas. Podia ser até um ponto turístico, pela beleza do lugar. Ainda estávamos a observar aquele ambiente, quando nos apareceu a mulher bem afeiçoada, que foi logo se apresentando.

- Sou a Mãe Luzia, no que posso servir vocês? – disse para nossa surpresa, pois esperávamos uma velha caquética, desengonçada, curvada pelo tempo e pelas suas feitiçarias.

- Queremos um trabalho, mas não um trabalho qualquer. Queremos algo mais pesado, de “picar mula”, de fazê o diabo corá – falou de pronto o Antunes, meio impaciente em ter de repetir sempre a mesma história, que agora parecia atropelar.

Ela disse que não fazia, mas existia um tal de Osvaldo... Mas que este tal de Osvaldo era uma pessoa que estava na cidade para enganar o povo e quer era muito louco, comprometido com a elite do local. Ela relatou que participava junto

deste indivíduo num centro de umbanda em Curitiba, que pertencia ao Pai Veco, irmão do deputado e presidente da Assembleia Legislativa, Anibal Curi, porém que o Osvaldo havia sido expulso de lá. A mulher afirmou, categoricamente, que o Osvaldo e seu companheiro Vicente de Paula tinham como principal negócio organizar orgias.

- Eu não faço meus despachos para o mal, porque eu penso assim: não se pode fazer sacrifício para alguém subir na vida, trancando a vida de outra pessoa. Vai contra a vontade divina – e continuou, dando uma verdadeira aula para nós; disse também que o guia dela era um advogado, o seu João, que fora advogado na Bahia, reconhecido por ser defensor dos pobres.

- A senhora não faz sacrifício com bode, galinha? – questionei.

- Este tipo de trabalho eu também não faço. Sou contra, acho errado. Se vocês querem algo assim, podem ir até o Osvaldo, mas sabendo que o trabalho dele é sujo, é perigoso. Ela explicou que o centro dela era diferente, que não fazia isto, nem aquilo:

- Tem um pessoal meu que vem aqui me ajudar nos dias de sessões. Se eu puder ajudar, eu ajudo. Sou o tipo de pessoa que não faz isto para ganhar dinheiro. Claro que eu quero ganhar dinheiro, porque você veja bem, a despesa que eu tenho aqui. Eu preciso ganhar dinheiro, mas se eu puder ajudar. Quem tem dinheiro tem que me pagar. Pra esta gente eu não vou fazer de graça, mas quem não tem como pagar, eu também faço – dizia, enquanto andava, secundada por nós, mostrando uma infinidade de remédios, umas plantinhas, muitas delas.

Ela dava-nos orientações e sempre falando deste tal bruxo Osvaldo. Assim que tomamos a confiança dela, tocamos no assunto do menino Evandro, sequestrado e assassinado num possível ritual de magia negra. Ela, então, nos fez uma revelação que nos incitou a conhecer o bruxo. Disse que antes de o garoto desaparecer, a Maria, mãe dele, tinha ido ao centro do Osvaldo. Este, por sua vez, em uma consulta ou contato informal, teria dito: “Olha, você vai perder uma jóia de estimação; a cidade de Guaratuba vai sofrer com você. Será uma tragédia”. Segundo a Mãe Luzia, antes de acharem o corpo, o pai-de-santo voltou a vaticinar, dizendo: “Este guri vai ser encontrado num mato, morto”. Estas profecias serviriam para confirmar mais tarde o seu poder, como acreditava a mãe-de-santo, com o qual ele pensava em atrair ainda mais gente para o seu centro de umbanda. Nesta época, o Osvaldo já tinha um poder muito grande nas mãos e jogava búzios para a

alta sociedade guaratubense. Porém, a esta altura da conversa, eu e meu companheiro Antunes já nem prestávamos a atenção, devido à ansiedade que se abateu sobre nós, pois a conversa com ela já durava mais de duas horas. Eu, ainda no centro, já cochichava ao Antunes: “Vamos na casa deste homem agora mesmo”.

Apanhamos com ela o endereço do centro de umbanda do Osvaldo, que ficava na Rua Lamartine Babo, na principal praça da cidade. Agradecemos, prometendo voltar uma noite para assistir a uma de suas sessões.

Tudo nos parecia surreal. Fizemos almoço, tínhamos cozinhado feijão na noite anterior, arroz, só engolimos a comida, rapidamente. Fomos atrás do Diógenes, tio do menino, para tentar obter maiores detalhes desta personalidade chamada Osvaldo Marcineiro. Diógenes nos contou que este elemento era um cara perigoso, valente, trabalhava com o deputado Aníbal Curi e estava envolvido com drogas.

Fizemos, em seguida, nossa primeira incursão ao centro de umbanda, nos deparando com uma jovem, japonesa, bem vestida, que fazia tricô, sentada atrás da escrivaninha. Perguntamos pelo senhor Osvaldo, ela pediu que voltássemos mais tarde, pois ele logo chegaria. Eram umas duas horas da tarde. Permanecemos na praça, de onde observávamos o ambiente em volta, vendo na frente do predinho dele uma placa, anunciando que jogava búzios. Eu estava louco para tomar guaraná com chineck de coco. Paramos na praça, do outro lado, e ficamos à espreita para tentar ver o lazarento entrar. Ele chegou logo depois num Opala preto bem cuidado, que brilhava contra o sol, fazendo réstia. Ele desceu. Vestia roupa branca, calçava sapato branco, exibia barba, cavanhaque. E nisto já se aproximou outro homem, que pegou o Opala e saiu. Resolvemos nos convidar a subir a escadinha e conhecer este mundo que não devia ter nada de maravilhoso, pois logo nos primeiros ambientes já enxerguei uma espada dependurada, tridente, quadro com a figura do “cão”, de, aproximadamente, cinquenta centímetros.

- Boa tarde. Chegou o homem? – se dirigiu à japonesa o Antunes.

- Chegou – disse a modelo oriunda de Curitiba, que mais tarde ficamos sabendo que se chamava Andréia.

- Quanto custa pra falar com ele?

- Dez cruzeiros.

- Nós dois são vinte?

- Não, não... é a mesma coisa. O mesmo preço – respondeu mostrando gentileza - Qual é o seu problema? – indagou.

- Não, o negócio é o seguinte: precisava jogar uns búzios, porque eu tenho um negócio aí. E sabe, ... – prosseguiu o Antunes, contando a mesma história que havia dito à Mãe Luzia.

- Então, tudo bem, o senhor aguarda um pouco – disse, saindo da recepção. Quando voltou, trouxe a notícia, mostrando-se chateada. - Parece que o Osvaldo não vai poder atendê-los.

- Mas daí, a senhora mesma que vê? – quis saber o Antunes.

- É sou eu. O senhor pode entrar aqui – indicou sala contígua.

Era muito linda a recepcionista, uma japonesa, diziam que era modelo em Curitiba. Ela disse:

- Eu posso ver para o senhor, mas se forem outras coisas, a gente tem que...

- Não, eu só quero ter, assim, uma base.

Daí, ela começou a jogar os búzios. Disse, olha: aqui está marcando não sei o quê, aqui tá marcando isto e todo aquele negócio de enrolação. Por fim, concluiu:

- O senhor precisa fazer um descarrego – falou a japonesa.

- Mas o que é isto? – perguntou o Antunes.

- Só que os trabalhos começam a ficar diferentes. O seu pessoal, os seus parentes, vai lhe enganar. Eles estão preparando uma... ah, se o senhor não se cuidar; tem um dos seus irmãos, não sei se é exatamente o seu irmão, pois tem uma pessoa aqui que eu não estou vendo bem; este – sua entonação de voz procurava assustar o caboclo do mato. – Este é o mais perigoso de todos.

- Ah, meu Deus do céu... – falava Antunes. – Eu não acredito nisto, pelo amor de Deus. Papai deixou tudo pra nós, não precisava fazê uma coisa desta – falando acaipirado.

Até agora o Antunes lembra disto. Mas mudando de assunto, tem o negão ali, colega meu, que, recentemente, foi comigo até Foz do Iguaçu e Paraguai. Estivemos na casa do Antunes. Eu já adiantei ao negão para não se assustar do tipo nosso de nos reencontrar. Parei no portão, desci do carro. O Antunes olhou, assim:

- Hum, hum, o que você quer aqui?

- Eu não quero falar com você, quero falar com aquela mulher lá.

- Sai daqui rapaz, faz tempo que você morreu, vai embora daqui. Ai meu Deus do céu, vai pra lá.

A mulher dele veio, se aproximou e ficou meio sem saber o que fazer. Ele é soldado até hoje, uma figuraça.

Voltando ao assunto, a assistente do Osvaldo marcou nova consulta para quarta-feira da semana seguinte, quando então o próprio Osvaldo nos atenderia, porque o trabalho poderia exigir mais conhecimento espiritual, ou coisa assim, como ela nos repassou, depois de cobrar a consulta. Estavam chegando mais clientes, pessoas bem vestidas, gente da alta sociedade. Eu e o Antunes parecíamos mendigos perto deles.

Voltamos, uma semana depois, no dia marcado pela japonesa, embora tivéssemos dado continuidade às investigações em outras linhas de raciocínio, não ficamos parados. Procurávamos indícios sobre tráfico de órgãos, por exemplo. Estivemos num hospital da cidade e conversamos com médicos e enfermeiros, contando-lhes a história de que precisávamos de transplante, mas sem muitos resultados, em que nos diziam onde se podia fazer tal procedimento. Indicavam clínicas em Curitiba. Para ir ao hospital, é claro, nós íamos a casa e trocávamos de roupa; ficávamos chiques. O Antunes é quem falava e eu, como sempre, fazia a segunda voz, como numa dupla sertaneja. Ele, naquela sua simplicidade cabocla, inquiria os funcionários do hospital.

- Escuta, eu não sei se tem que fazer uma consulta ou conversar com um médico antes... – dizia ele.

- Ele precisa de um transplante – entrava eu – de órgãos. E como é que se faz, qual é o procedimento?

A gente ia direto à portaria e conversava com a recepcionista e pessoas da direção do hospital.

- O negócio é o seguinte. É que minha prima está com um problema de fígado, cirrose, sabe? Então, a gente já procurou tudo que estava ao nosso alcance pra ver se salva ela, mas está difícil. A única forma de salvá-la seria o transplante. A gente tá aqui pra se informar, pra se inteirar, como a gente pode agir – esta era a nossa conversa, contada também em clínicas de Guaratuba.

A resposta era sempre a mesma, a de que Guaratuba não era a cidade indicada e que devíamos procurar clínicas em Curitiba. No hospital, houve fato interessante, uma funcionária mandou que procurássemos a clínica Paciornick, em Curitiba, que, mais tarde, viemos a saber que o proprietário de tal clínica era padrinho de Beatriz Abagge; uma bela coincidência. Uma clínica famosa, ao menos

à época. Uma das Paciornick, parece, foi secretária de Estado, secretária municipal de Administração de Curitiba.

E nós fomos lá, na clínica, em Curitiba, tentar levantar algo nesta linha de investigação. Fiz até exames. É que eu estava com problema de enfisema pulmonar. Aproveitei, então, da doença para dar continuidade às investigações. Tentei tirar alguma coisa, daí fui informado de que eles faziam o tratamento de pulmão, mas naquela altura não me interessava. Interessava-nos o que estava lá embaixo no litoral. Algumas fontes me informaram que faziam transplante da suposta prima do Antunes, desde que fosse pago, que nem era preciso enfrentar fila.

Em Guaratuba, nos informaram certo, não é... mandaram a gente para Curitiba, na Clínica Paciornick. Também fui informado, em Guaratuba, que se fosse para transplante de pulmão o local mais indicado seria o Rio Grande do Sul, Porto Alegre, onde havia médicos pioneiros neste tipo de cirurgia. Outra indicação foi para procurar um médico do Hospital das Clínicas em Curitiba, que também seria especialista, porém, seria necessário esperar numa grande fila para conseguir o tal transplante.

Bem, eu e o Antunes voltamos ao centro de umbanda do Osvaldo no dia agendado pela linda japonesa. Se havia alguma coisa importante, eu falava com o capitão Neves. Geralmente por telefone, eu dizia:

- O que o senhor vai fazer amanhã? Desça aqui na praia comer um camarão - era uma espécie de código.

Naquele tempo não tinha telefone celular, se não estou enganado? Tinha, tinha... era uma maletinha assim, deste tamanho. Um dos primeiros celulares que apareceram, uma maletinha com bateria. Olha, fiquei com raiva do Neves por alguns episódios mais recentes, mas existe um porém, para mim ele nunca chegou cobrando. Só dizia, olha aqui ô cara, leia este papel, senta lá e leia. Daí: tchau, pegue o dinheiro e tchau. A gente pegava a diária e sumia. Levasse o tempo que levasse numa investigação, ele não pressionava. Eu tenho até alguns papéis guardados até hoje que confirmam isto. Os carros – viaturas – que eu pegava ficavam comigo, não precisava ficar passando para outra equipe; eu fazia cautela pessoal do carro, das armas, de tudo. Chegava lá, pegava uma metralhadora, uma escopeta, dois pentes de munição. Ficava tudo comigo, o tempo que precisasse. Ele, o capitão, nunca direcionou, porque conhecia o nosso trabalho.

Daí nós fomos lá, o Antunes entrou sozinho conversar com o Osvaldo. Dá a impressão de que foi muito mais do que uma semana, devido às tantas coisas que fizemos neste ínterim. Importante ressaltar que as investigações duraram mais de um ano, mas entre o início da nossa entrada no caso até a solução, com as prisões, se passaram apenas trezes dias, um número cabalístico. Todo o tempo despendido, após as prisões, foi utilizado para provar as nossas alegações de culpa, junto com o Ministério Público.

Então, o Antunes falou com o pai-de-santo Osvaldo:

- Eu perciso de fazê um trabalho...

Havia diferença de tratamento depois da primeira consulta. Quando era para tomar dinheiro que o cara tinha, você chegava lá, se você tivesse dinheiro, quem te atendia era ele e não ela. Queria saber qual o seu problema, conversava um pouco e já sondava as posses do cara. Então, dependendo do caso, ele falava: o negócio é o seguinte, precisamos fazer um descarrego, dar um passe em você e coisa e tal, assim e assim. Então tá bom. Só que isto tem um custo. Não tem problema. Aí ele fazia assim: qual o eu nome? O senhor aguarda aí que eu já lhe atendo. Ele entrava na sala contígua e preparava o ambiente, quando sua assistente aparecia.

Bem, ele vinha, então, e convidava a pessoa a entrar nesta outra sala.

- Agora você senta aí que ela já vai te atender – dizia.

Você sentava ali, e ela, a japonesa, também já se aprontava para a sessão. Ela colocava um chapéu de homem. Isto não chegou a acontecer com o Antunes, porque ele não tinha dinheiro. Aí ela fazia o quê: colocava o chapéu na cabeça. Por que você acha que ele amarrou o pessoal da cidade? Foi assim que ele conseguiu. Ela colocava o chapéu na cabeça, uma gravata, paletó, certo, vinha e perguntava:

- O que você quer, ô meu? – com uma voz aterrorizadora, parecendo tomada por espíritos.

Todos estes detalhes foram relatados a mim e a meu companheiro, tudo anotado num enorme caderno, que um dia eu resolvi fazer uma grande fogueira, queimei tudo, aína não sei por que.

Bem, ela chegava, tomada de um espírito masculino. Espírito feminino baixava no Osvaldo, que atendia mais às mulheres naquelas sessões. Às vezes, trocavam os papéis, conforme a conveniência e os perfis da clientela.

- O que é, ô meu, o que você quer? Olha aqui, pega aqui – indicando os órgãos genitais para que fossem tocados. – Acende um cigarro aí – ordenava. – Coloca aqui na minha boca, cara.

Então o cara obedecia aquela beldade japonesa.

- Agora tira o cigarro, cara. Me dá um beijo. Pegue aqui no macho aqui, tira a roupa e deita aí. Tira, cara, tô mandando, tá pensando o que comigo, porra?

Como o cara não era nenhum bobo, não é, obedecia. Era o seguinte: quando estavam quase terminando as coisas, o Osvaldo entrava na sala, dando uma de desavisado, e chamava o nome da assistente e se fazia de assustado pela cena que presenciava para desespero da pessoa atendida. “Ah, meu Deus do céu, o que eu fui fazer”. O Osvaldo, então, fazia de conta de que não via e deixava a sala. Na sequência, porém, suba..., dando-se o jogo da chantagem.

O que aconteceu com a velha – Celina Abagge? A velha vivia dando para ele. Isto é sério. Eu vou misturando, assim, para poder lembrar, se não vou esquecer. É o seguinte. Teve uma enfermeira, como é o nome? Bem, deixa que depois eu lembro o nome dela. Esta enfermeira... um dia o Diógenes falou pra mim, assim: tem uma enfermeira que conhece bem o esquema deste pessoal, pode conversar com ela. Ela falou para mim se você viesse e quisesse podia conversar. Daí eu fui conversar e ela me contou muitas passagens, me deu detalhes, porque ela frequentou o centro do Osvaldo.

A última vez que tentei procurá-la para uma conversa, o Diógenes, tio do menino sequestrado e sacrificado no ritual, me desaconselhou, porque ela estava diferente, casara-se com um cara da Copel. Ah, então, o problema é dele, não meu, não é? Na época, ela contou como é que funcionava o esquema do Osvaldo. Quando chegava mulher ao seu centro de umbanda, ele se vestia de mulher. Ele falava: não trem problema, é isto, não sei o quê, e tá, tá, assim, assado... e traçava.

Esta mulher, esta enfermeira, como me ajudou! Ela foi num motel com um cara e o Estevam foi com uma outra mulher. O Estevam era dono de um posto de gasolina e o que aconteceu lá? Dá a entender que fizeram sexo grupal. Inclusive o Estevam esteve na Argentina com a Valentina de Andrade, conforme a enfermeira me contou.

Pelas informações colhidas, o Estevam esteve na casa da Valentina, a líder do LUS – Lineamento Universal Superior -, em Buenos Aires. Quando a Valentina, que é acusada de dezenas de assassinatos de crianças no Estado do Pará, vinha

para cá e ia à casa dele, mas parava no hotel Villa Real, em Guaratuba, onde sumiu o guri, o Leandro, que é o caso canterior ao do Evandro Ramos Caetano, que acabara abafado, dado como insolúvel pelas autoridades policiais. A enfermeira me deu estes detalhes importantes, porque ela também participava. Foi ela que explicou a nós; você veja bem, tudo sem nenhum erro. Até um dia em que ela me falou: “Olha, eu sei de uma coisa, só que é o seguinte: se eles descobrirem, me matam”. Mas como eles vão descobrir? “Tenho medo, mas é assim: O Antônio Costa e mais um um pessoal fizeram um trabalho e cortaram o dedo de uma criança”.

O Antônio Costa era dono de uma loja em Guaratuba. Bem, o Antônio Costa e o pessoal fizeram um trabalho e cortaram o dedo de uma criança. E o dedo está enterrado na calçada da loja dele, contara-me a enfermeira. Acredita-se que o dedo era do menino Evandro, que fora entregue pelos bruxos após a sessão de magia negra. Era uma belíssima mulher, a enfermeira, que me deu detalhes de onde estava enterrada a macumba. De tanto insistir, uma noite ela me levou até o local exato, que fica no centro da cidade, perto de onde havia um antigo supermercado, derrubado pela água do mar. Deixei o carro a certa distância e percorri a pé o roteiro até chegar quase junto à porta da loja, onde me indicara a mulher.

- Veja ali, junto à porta, há um fio de luz, que sai da loja e segue para dentro da calçada.

Esta informação só foi possível porque a enfermeira trabalhava com eles e tinha participação ativa nos esquemas. Quando enterraram o negócio, uma empregada do Antônio Costa contou a ela, que tinha sido enterrado ali, na calçada, o alguidar, que é chamado assim, com o dedo da criança e o sangue. Ah, no outro dia eu fui lá na loja. Quanto tá isto daqui? E isto daqui, tá, e aquilo ali? E vi que o fio vinha de lá e passava pra cá... Vou explicar melhor: o fio fazia um círculo no piso da loja e no final, na sua ponta, fora fixado um punhalzinho, tudo isto para proteger a loja, como acreditavam. A outra ponta se dirigia para fora do edifício e ia para a calçada, enterrada, fazendo ligação com o alguidar.

Bem, eu vi aquilo ali e disfarcei. Tudo bem, obrigado, tchau, tchau. E saí. O Antônio Costa estava na loja, mas não falei com ele, porém, sabia, que era um cara grosseiro, mal-educado e também um figurão. Então, disfarcei por ali, fiz umas fotos e mandei para o capitão Neves. No Fórum, eu falei para a doutora, a juíza, eu fui ali... A juíza me ouviu e expediu mandado de busca e apreensão, de forma imediata. Ela me falou: você vê o melhor horário em que vai fazer isto aí, para não chamar a

atenção, nem movimentar a população. À noite, eu falei. Então está bem. Ah, rapaz do céu. Eu e o Fontana fomos lá à noite, porque o Antunes já havia voltado para sua cidade, pegara uns dias de folga.

À meia-noite em ponto chegamos lá e metemos a picareta na calçada e começamos a tirar as pedras deste tamanho assim, fomos tirando, achei que era mais raso. O horário foi escolhido de propósito. Nós estávamos cavando assim, de repente, chegou aquela repórter da Rede Globo, Dulcineia Novaes.

- O cara, o que você está fazendo aí? – ela perguntou morta de curiosidade.

Esta jornalista já me conhecia, pois vivia atrás da gente. Eu respondi que estava fazendo nada.

- Eu vou ficar aqui, então – disse ela.

- Pode ficar. Só que não vem aqui, fique lá, bem pra lá – indiquei a ela e à equipe de reportagem um ponto distante da calçada.

Nisto apareceu o Antônio Costa:

- Parem, parem com isso aí. Vou chamar a polícia – ele nos ameaçou.

- Tá bom, pode chamar... olha aqui ó...

- Mas o que vocês estão fazendo aí?

- Eu vou cavoucar aqui e quero ver o que tem na ponta deste fio. É teu este fio?

- Bem, de certo é...

- Ah, então, então... Estou errado?

- Vou chamar a polícia.

- Pois chame.

Ele chamou a Polícia Militar: éééénnnnnnnnnn. Os policiais chegaram, deram uma olhada e foram embora. O Antônio Costa, enlouquecido, chamou a Polícia Civil. O delegado Luiz Carlos de Oliveira correu até o local. Ele chegou, rapidamente, e perguntou o que estava acontecendo, daí porque não sei o quê, barari, barará...

- Doutor, eu estou fazendo um serviço. Se o senhor quiser discutir vá e discuta com quem assinou isto daqui: olha – mostrei o mandado de busca e apreensão. Ele pegou, observou o documento e ficou por ali, atônito, depois foi embora.

Cara do céu, sabe a que horas nós chegamos ao pote de sangue: às quatro e meia da madrugada. Estava enterrado a mais de dois metros. Praticamente destruimos a calçada dele, que gritava assim:

- Olha, vocês vão desmanchar, mas depois eu quero...

- Eu não vou consertar nada, mande a juíza fazer. Ela falou pra mim que era pra fazer o buraco. Não falou que era pra fazer e tapar – eu disse, vendo o cara possesso.

Depois disto, ele sumiu. A repórter ficou sentadinha lá longe e, numa altura da escavação, eu a chamei:

- Dulcineia, você me faz um favor?- eu disse, vendo ela toda eufórica. - Vocês podiam pegar este equipamento de vocês e iluminar pra nós aqui.

O cinegrafista veio com o holofote e iluminou, inclusive tudo isto foi filmado, mas não passou nada na tevê. Então eu pergunto: quem consumiu com esta fita lá na tevê? A repórter permaneceu ali, olhando, até o momento em que encontrei o potinho, limpei bem em volta; em cima do potinho tinha um punhal do tipo ponteiro, que chamam assim. Tirei o material – o meu companheiro, o Fontana, queria saber: e agora, o que a gente faz? – Ora, vou abrir este troço, eu respondi. Meu parceiro estava nervoso. O potinho estava lacrado com espécie de durepox ou produto semelhante.

Abri, assim, tirei o punhalzinho... filmaram tudo. Fui mexendo devargazinho e senti que tinha um troço dentro, deste tamanho, assim, parecia um dedo mindinho.

- Bem doutor, já que o senhor está aqui... - falei, me dirigindo ao delegado Luiz Carlos de Oliveira, que tinha ido embora, mas que eu pedi que ligassem para ele voltar até o local. – O senhor está vendo o que foi encontrado, tudo filmado pela tevê, e que não fomos nós que pusemos este material aqui.

Além de conter o que seria um dedo, o alguidar (pequena tijela de barro) estava cheio de sangue coalhado. Mas vejam bem o que aconteceu na sequência. A perícia feita pelo Instituto de Criminalística concluiu tratarem-se de dedo e sangue de macaco. O delegado Luiz Carlos me pediu o material para levar à delegacia. Eu disse não, espere aí, eu te dou, mas quero um recibo. Seguimos todos à delegacia para a confecção do documento. Mas isto que eu estou falando, a Dulcineia e equipe filmaram. Eu tenho a fita cassete, não sei se vai prestar, mas tá por aí. Foi filmado tudo.

O delegado assinou o recibo e depois veio falar comigo.

- Ô cara, você me pôs numa fria... – me interpelou com cara amarrada no corredor da delegacia.

- Eu? Por quê? Doutor, o senhor devia dar graças. O senhor já imaginou se eu tiro aquilo ali e levo direto pra juíza? Ia desmerecer o seu trabalho, já que o senhor é o delegado que está investigando a morte do menino.

Este delegado estava investigando o sumiço do primeiro menino, Leandro, que deu em nada, e agora com a saída do delegado Adauto e da Sheila, passara a apurar o caso Evandro Ramos Caetano, que suscitava mais empenho devido à repercussão. Na teoria, o doutor Luiz Carlos ficou com os dois casos, só na teoria, já que não chegavam a lugar algum as suas diligências.

Preciso abrir um parêntesis para explicar. Na verdade, o primeiro caso investigado foi o do sumiço e assassinato do Evandro, pois o do Leandro estava esquecido. Somente passou a ser investigado depois que o pai-de-santo Osvaldo Marcineiro disse que teria jogado o corpo dele na Baía de Guaratuba, após sessão de magia negra idêntica à que fora feita com Evandro.

- Mas o senhor tem que agradecer por que eu lhe chamei. O senhor disse que um tem que ajudar o outro e agora quer o quê? – admoestei o doutor delegado.

- Não, tudo bem, tudo bem.

- Então o senhor, por gentileza, assine o recibo pra mim.

O material era o que? O fio, punhal, sangue, dedo e alguidar? Era tudo isto. Depois que o delegado assinou o recibo, eu e o Fontana ficamos na frente da loja, esperando que o Antônio Costa fosse abri-la para que pudéssemos apreender o segmento do fio. Se não amanhã ou depois, ele iria alegar que dentro da loja não tinha nada.

A loja dele era de artesanato e outras coisas. Se a gente não voltasse arrancar o fio, ele podia cortá-lo e alegar que a continuidade do fio não pertencia a sua loja. Na hora de tirar o fio, vi que na verdade formava o desenho de uma etresla. Fizemos a apreensão, tudo bem. Mas à noite, já deram bordoadas na casa da doutora Anésia, a juíza. Apedrejaram tudo. Comecei a posar na casa dela para dar mais segurança.

III

CONFISSÕES DO BRUXO GALANTEADOR

Bem, voltemos ao Antunes e ao Osvaldo. Depois da consulta com a japonesa, dias antes, agora o Osvaldo autorizou que ela nos recolhesse à sala contígua. O Antunes sentou na poltrona e eu fiquei em pé, naquele ambiente com cortinas e tapetes vermelhos e luzes da mesma cor, o que conferia uma atmosfera diabólica ao lugar. Sentamos. Ele nos pareceu bastante educado e agiu como coruja: só prestava atenção no que dizíamos.

- Tamos com um problema de terreno, que custa torno de cinquenta mil cruzeiros em Santa Catarina – dizia o Antunes, desconsolado, naquele jeitão caipira. – Parece que um irmão meu, veja só o senhor, tá aí com má intenção de querer me rodar a perna e...

O Osvaldo disse que sua assistente, a Andréia, já lhe havia adiantado alguma coisa da consulta passada. Ele jogou os búzios sobre uma mesa forrada de vermelho e disse:

- Não, não, o que eu estou vendo é a figura de uma mulher – foi taxativo, tentando impressionar com o seu timbre de voz.

- Oh, meu cristinho do céu, sempre tem que ter – quase chorava o Antunes.

- Deixa eu confirmar ... – adiantou-se Osvaldo, jogando búzios pela segunda vez sobre a mesa de madeira, na penumbra das luzes vermelhas colocadas nas laterais, dependuradas nas paredes – É uma mulher que eu vejo.

- Tinha que ser... – Antunes reclamava, batendo com força nos próprios joelhos. - Não te falei, não te falei, que eu estava desconfiado... – falava olhando para mim ao seu lado na poltrona, tendo à frente o bruxo concentrado na leitura dos búzios. - Uma irmã nossa... uma irmã fazer isto com o próprio irmão... eu vou matá esta desgraçada. Como podemos fazer?

Qual era o esquema? Na consulta anterior que fizemos com a secretária dele, ela levantou a nossa ficha: se tínhamos grana ou poderíamos arrumá-la, no caso de

aquela enganação continuar. Ela havia nos cobrado apenas dez cruzeiros pela consulta, mas agora era diferente. O Osvaldo perguntou se tínhamos dinheiro.

- Não temo dinheiro, mas podemos arrumá metade se vossa senhoria precisar – lhe garantiu o Antunes.

- Este serviço vai sair caro – enfatizou o bruxo, pois precisava pagar as pessoas, pois se tratava de um trabalho pesado, que incluía sacrifício, porém sem falar sacrifício de quê.

Eu não me lembro se ia sair cerca de sessenta mil cruzeiros, não lembro. Isto porque, conforme o Osvaldo, a situação do Antunes estava complicada; a irmã dele ia lográ-lo na venda do terreno e poderia até tentar contra a sua vida. E eis que os búzios haviam dito também que outros membros da família estavam contra ele: queriam-no longe. Não sei se era sessenta mil ou qualquer coisa assim. Se fosse só pra fazer um trabalho simples, saía algo em torno de oito e dez mil. Sei que durante a conversa, o Osvaldo perguntou:

- E se fosse pra fazer um sacrifício? – sondou a reação do Antunes e continuou – Com cabrito, é um preço. Se for com outro animal, é outro preço. Se for com outra coisa, daí já é mais caro. O preço é maior e você tem que participar do ritual – disse com naturalidade e de forma tão direta que confesso não esperava ouvi-lo falar assim neste primeiro contato; talvez, ele tenha apostado na ingenuidade do seu cliente caipira ou a oferta que fazia já tinha se tornado rotineira.

- Ah, mas eu tenho medo. Eu não posso ver matar nem matar um cabrito, um boi; e matar outra coisa que você está falando... eu tenho medo. Não posso dá um jeito de outro participá no meu lugar? – questionou o policial disfarçado.

- Pode arrumar uma pessoa da sua confiança e ela vai representando você – respondeu-lhe o bruxo.

Neste momento, o Antunes já se tocou que ele podia estar falando do sacrifício de uma criança, pois se ele falou que um bode era um preço, um boi era outro preço e outra coisa mais pesada seria mais caro. Não falou o que era, mas já deu a deixa. Bem, por isto que estou falando, tenho a impressão, quer dizer, uma coisa que eu contei já tinha passado os treze dias, pois quando eu fui desenterrar o alguidar lá na calçada já tinha passado quase um mês. Por isto que eu estou falando, a gente falando, é a mesma coisa que um tiroteio: pá,pá,pá,pá,pá, parece que vão três dias, quando vê são trinta segundos, um minuto. A mesma coisa isso

aí, que também parece um tempo enorme, mas para levantar e prender todos os envolvidos não foram mais do que treze dias de investigações.

Mas só uma coisa: a gente levantava cedo e ia até dez horas, onze horas da noite, às vezes cruzávamos as madrugadas, transportados num Golzinho velho. Fora da temporada de praia, a cidade, à noite, ficava quase desabitada, o que nos ajudou bastante. Fazia muito frio, estávamos no mês de junho e havia poucas pessoas de fora em Guaratuba.

O Antunes se acertou com o pai-de-santo:

- Quanto, então, vossa senhoria quer?

- Vai sair sessenta mil cruzeiros – respondeu o Osvaldo.

- Vô tê que arrumá o dinheiro, porque de momento eu não tenho – disse o Antunes. - A não ser que vossa mecê faça o seguinte comigo: nós pegamo e fazemo todo o serviço e quando se resolvê lá a situação e eu pegar o dinheiro do terreno, eu te pago as despesa.

Como é que é? Ele queria fazer uma espécie de consignação com o bruxo. “Você faz aí, sai o resurtado e daí...”.

- Não – embraveceu o Osvaldo. – Eu sou comprometido com um guia e tenho que acertar as contas com ele antes.

Ficamos de arrumar o dinheiro. Dali uns três ou quatro dias a gente ia voltar. Como tínhamos ido a pé da casa até o centro dele, tivemos que retornar andando pela orla, ambos pensativos. Subimos até o Morro do Cristo e lá ficamos por um bom tempo, conversando, conversando, sobre ideias e procedimentos que poderíamos tomar dali em diante. Era uma puta responsabilidade a nossa, minha e do Antunes, em decidir ali, naquele instante, o que informar às autoridades e ao nosso comando. Poderíamos, a partir do nosso entendimento, da nossa decisão, desencadear uma série de coisas tremendas, jogar suspeição sobre um sujeito e muitos outros que certamente estariam envolvidos, como já tínhamos desconfiança. E ficamos ali, no morro, vendo a imensidão do mar que trazia suas ondas revoltas para explodirem contra a encosta e lá longe invadir a extensão da areia deserta naquele friozinho de junho. Porra, como é foda decidir situações, impor seu ponto de vista, repassar a terceiros suas impressões. E se não fosse nada disto? E se nós estivéssemos delirando, entrando numas neuroses devido a esta necessidade que tínhamos em descobrir os culpados para o crime horrendo do menino Evandro? Já era final de

tarde, o sol desaparecia lento no horizonte, aumentando o frio, quando tomamos uma decisão.

Quase, simultaneamente, comunicamos à juíza Anésia Kowalski e ao comando do nosso grupo, a quem repassamos relatório circunstanciado, deixando claro que estas eram as nossas suspeitas e que tudo poderia não passar de hipóteses, mas hipóteses a serem investigadas. A juíza, por sua vez, ao ouvir a história ficou estarecida com esta possibilidade e decretou o mandado de prisão temporária para o Osvaldo Marcineiro, dizendo-nos que era preciso não perder tempo. Esta posição da magistrada foi reforçada pela manhã, quando fomos atrás do mandado. “Vocês que estão investigando é que sabem o que fazer”, ela nos deu ânimo, porque também acreditava na culpabilidade do pai-de-santo.

O comandante, capitão Neves, nos enviou o restante da equipe que viria a formar, tempo depois, o Grupo Águia da Polícia Militar do Paraná, composta por doze homens, vindos de Curitiba e de outras regiões do Estado, onde participavam de operações, como Maringá, Foz do Iguaçu e áreas do Norte. Na noite e entrada da madrugada, já seríamos “Doze homens e nenhum segredo”.

O capitão Neves desceu até Garuva, onde, nervoso com a repercussão que o caso poderia ter, reuniu toda a equipe e de lá seguimos para a nossa casa, trafegando e andando com o máximo de discrição. Colocamos, imediatamente, placas de Guaratuba nos diversos automóveis que iríamos usar, para não despertar a atenção dos moradores. Queríamos ser invisíveis, ao menos até a manhã do outro dia, para não colocarmos tudo a perder.

Na casa, discutimos muito o assunto e todos, era consenso, acreditavam que deveria haver alguma ligação de Osvaldo com o assassinato do menino Evandro, devido aos seus antecedentes, relatados por muitas pessoas, tudo constando dos relatórios que enviávamos ao comando. Ainda não havia amanhecido, quando eu e o Antunes fomos mostrar aos companheiros a localização exata do centro de umbanda, o nosso alvo, assim que clareasse o dia.

A juíza sabia o que estávamos investigando e nós íamos a orientando e informando cada avanço. A juíza era porreta e de coragem. Tinha um promotor público que também acompanhava, que ainda não era o Antônio Cesar Cioffi de Moura. Aquele era de Ponta Grossa, acabou transferido para Paranaguá. Esqueci o nome dele, um moreno. Este é quem acompanhou desde o começo e só mais tarde

passou para o promotor Cioffi, que descia de Paranaguá para acompanhar as investigações.

A doutora Anésia expediu mandado de prisão temporária de Osvaldo Marcineiro. Com o documento em mãos, nós saímos a campo com a ajuda do restante do grupo, que se acomodava nas duas casas alugadas no mesmo terreno. Os moradores nem notavam, por se tratar de casa de aluguel, mesmo sendo fora da temporada. Nós tomávamos muito cuidado neste ponto, armamos esquemas, porque até então não sabíamos quantas pessoas estavam envolvidas no desaparecimento e assassinato do menino. Fomos todos para casa do Osvaldo e ... chiuuuuuppppp.

Ele morava no mesmo prédio do centro de umbanda, em frente à praça. O Antunes bateu palma.

- Ô, nhô Osvaldo – disse logo na entrada, ao avistá-lo. – Boa noite, nhô Osvaldo - nós estávamos todos embaixo na escada, a equipe ali, espalhada, escondida.

Nós organizamos a operação para a noite, nos armamos do competente mandado expedido pelo Poder Judiciário e tal. Ficamos nos preparando o dia todo. Paramos os carros na praça e, por ser noite, não chamavam a atenção dos moradores e transeuntes. Eram sete e pouco da noite. Ficaram carros aqui e ali, num cerco, tranquilo, sossegado. Tinha uma escada aqui, assim, e o Antunes chegou e chamou o Osvaldo. Eu fiquei um pouco para trás.

Havia muro e um portão fechado. O Antunes precisou bater e chamá-lo.

- Boa noite, nhô Osvaldo – naquele jeito de caboclo, que o caracterizou durante toda a investigação, um personagem. – Vossa mecê tá bom? Como vai? – e quando pegou na mão do Osvaldo, ele o puxou com força para si e os dois caíram pela escada, embolados. Eu corri ajudá-lo e já passei o pé no bruxo, assim que se levantou e tencionou correr, metendo a catraca nele.

Ele estava sozinho, pois a japonesa, sua amante, havia viajado a Curitiba, para onde ia quae todos os dias atrás de uns esquemas. O Osvaldo não reagiu, apenas tentou, num primeiro momento, fugir, mas foi apanhado, imobilizado.

Ele falou assim:

- O que é? O que é que está acontecendo? Ô,ô, chama o delegado lá, o doutor Adauto do Grupo Tigre – esbravejava.

- Que Adauto, rapaz?

- O Adauto, ele me conhece, diz pra ele lá...
- Então tá... – ali comecei a entender algumas coisas.

Já saí matando para cima dele: o negócio é o seguinte, você já era, você já morreu, você já foi pra fita e não sei o que lá, fui falando no ouvido dele.

- Eu vou morrer, eu vou... mas tem gente que tem de ir junto – respondia, apavorado.

O bruxo arriou já nos primeiros diálogos, parecia querer tirar um grande peso das costas. Ele achava que ia morrer mesmo. E repetia, insistia, para que chamássemos o delegado.

- Nada de delegado, nada...
- Não, então, se for pra acontecer alguma coisa, não sou só eu.
- Por quê?

- Porque tem que pegar mais gente, eu sou apenas empregado. Apenas segui ordens – dizia, espontaneamente, pois sabia que a casa havia caído.

Confesso que mesmo com toda aquela adrelaiina do momento, eu estava preocupado se estávamos fazendo a coisa certa, se era aquele realmente o caminho: estava com um frio imenso na barriga. Veja bem uma coisa. Eu fiquei preocupado até quando foi pego o corpo e levado a Paranaguá. Quem é esta criança? Na sequência foi feito o DNA em Minas Gerais, que comprovou ser o menino Evandro. Porque, até então, era assim: eu pensava, puta merda, e se de repente não for a criança. Até quando o Diógenes, tio do menino, se empolgou, eu disse à equipe: “Mas eu quero dar tanto bofetão neste cara, no Diógenes, quero dar tanto coice no queixo deste cara, que ele vai se arrepender de ter nascido”.

Meu medo é que estivéssemos fazendo uma grande cagada. Durante este período de apreensão, a juíza pediu para ser feito o DNA do corpo. Em Curitiba já sacanearam, não quiseram fazer o exame. Era difícil este exame na época. Parece que tinha de ser mandado ao Uruguai, onde tinha uma filial do FBI. Mas Curitiba, parece, não queria encaminhar. Foi mandado, então, para Minas, Belo Horizonte. O Pilotto, aquele cientista famoso, de Curitiba, não se prontificou a fazer, daí a necessidade de mandar para Minas Gerais. Lembro que a Maria e o Ademar, mãe e pai do Evandro, foram para lá fazer os exames. Puta merda e agora? Se não fosse o corpo do menino, o que nós iríamos fazer? Imagine: invadir casa de prefeito, prender a mulher e a filha dele, um homem muito influente, politicamente, na cidade e no Estado.

Uma noite, nós estávamos na casa do Diógenes, jantando, com aquela expectativa terrível pela saída do resultado que já devia ter saído. Eu não pensava em outra coisa, puta que pariu. Só que até sair o resultado, nós não paramos, demos continuidade às investigações. Eles estavam presos, mas nós continuamos o serviço para saber se de repente não era, sabe. E veja, mesmo depois que saiu o resultado do DNA, nós continuamos. Bem, nós estávamos jantando na casa do Diógenes. A Berenice, mulher dele, havia feito empadão de camarão e a gente estava comendo. Daqui a pouco tocou o telefone. A Berenice atendeu e louca, escandalosa, começou a gritar e pediu para que todo mundo corresse para a sala. “Corram aqui, por favor...”. Veio-me à cabeça que haviam invadido a casa. Peguei a arma e saí correndo tudo. “O resultado do DNA, o resultado do DNA”, repetia a esposa do Diógenes, nervosa, eufórica. Daí, é bam, bam, bam, bam (como se estivesse soltando fogos de artifício imaginários).

Estavam ligando de Minas Gerais, informando o resultado. Ah, mas foi um foguetório... comemoramos que vou te contar uma coisa! Se não fosse o resultado esperado, ah, o Diógenes ia apanhar, com eu havia dito à equipe. Nós, todo mundo, nem jantamos. Eles tomaram umas cervejas, mas eu nunca tomei nada, nada, não sei nem o gosto que tem bebida alcoólica.

Nós ficamos naquela, sem parar com as apurações, inclusive fomos a Joinvile, Santa Catarina, porque falaram que tinha uma mulher que sabia onde tinham enterrado uma criança, não sei mais o que lá. Aí, de novo... Veja a seriedade com que encarávamos as buscas. Fomos à cidade catarinense, mesmo sabendo do resultado positivo do DNA. A tal mulher teria morado em Guaratuba e se mudara para Joinvile, mas antes trabalhara para a Celina Abagge, a mando de quem teria levado uma criança.

Encontramos esta suspeita, conversamos com ela, que confirmou que havia trabalhado para a Celina, cuidando de crianças na creche, mas afirmou que não fazia parte de nenhum centro de umbanda ou coisa parecida. Trabalhara apenas para a mulher do prefeito, contando que esta era uma mulher má, difícil de lidar e que, inclusive, a tinha forçado a se demitir. A criança que levou para Joinvile era um neto dela, menino que nos apresentou em sua casa, são e salvo. A informação não procedia de forma alguma. Então está bem, voltamos a Guaratuba

Ficamos um ano na cidade. Continuamos, sabe por quê? Sabe aquele negócio do diz que: ó, diz que em tal lugar ... e, assim, um dia, fomos investigar um

cara numa fazenda, que trabalhava para o presidente da Assembleia Legislativa, deputado Aníbal Curi, conhecido como “Bruxo”, na região de Coroados. Para averiguar as informações, fomos eu, um tal Benjamin, da Polícia Federal, e vários agentes desta instituição. A PF esteve junto de nós em algumas oportunidades, mas acompanha de longe o desenrolar dos fatos. No dia da prisão da Celina, o BBenjamim estava conosco. Bem, lá em Coroados, todos os policiais estavam preocupados, porque diziam que o suspeito estava armado e era perigoso, matador.

A fazenda era de um amigo do deputado Anibal Curi, onde, diziam, o suspeito estava escondido. Eram muitas informações que a população fazia chegar até nós, que investigávamos para ver se havia ligação com o caso do menino Evandro, pois não descartávamos nem os boatos. Num trabalho exaustivo. Naquele dia, estava com a gente uma guria que era delegada da Polícia Federal, juntamente com o Benjamin. Deu até dó da guria, porque, puta merda, ela era uma mulher nova, moreninha, vestia saia curta. E homem do céu, lá a tal de butuca é o diabo, lá é igual à vespa, vem de enxame.

Quando retornamos para Guaratuba, tivemos que ir direto ao hospital. A moreninha chegou com as pernas parecendo um elefante, toda inchada, desfigurada. O rosto deste tamanho, assim. Mas tem butucas naquele lugar... são umas pequenininhas, quase igual a beronha, verdes, nada se parecem com estas que temos por aqui: são diabólicas.

Prendemos o suspeito. Ele tinha ligação, na verdade, com o Aníbal Curi, que, por sua vez, era amigo da Celina e da família. Pelas informações que havíamos levantado, o deputado também fazia parte do centro de umbanda do Osvaldo. Tinha tudo isto nas anotações do meu caderno, aquele que um dia resolvi queimar. Eram muitas coisas, me obriguei a fazer faxina, me livrar de boa parte do material, uma quantidade enorme de papéis armazenada por anos, muitos ainda arquivados sabe-se para quê, numa espécie de escritório e galinheiro, em que não só galinhas circulavam, mas também cachorros, gatos e até um papagaio mudo

Voltando a falar da prisão do suspeito em Coroados, nós tínhamos que parar o carro a mais ou menos cinco quilômetros da fazenda, com todo o cuidado, porque nos disseram que o homem estava armado e coisa e tal, gerando muita preocupação na moreninha, a delegada da PF, que comandava a abordagem. Quando eu parei o carro, olhei para o sargento Isaac e falei assim:

- Vamos lá chefe, o senhor é sargento, o senhor que comanda, cara – disse isto, porque notei apreensão em seu semblante.

- Não, você que sabe... – me disse com os olhos imensos.

- Eu não sei de nada.

- Mas viu ... – dizia ele, com um pé atrás, tentando se esquivar.

Houve episódios engraçados a respeito deste cidadão, o sargento Isaac, e esta passagem é uma deles. O sargento falou assim:

- Olha, soldado, escuta aqui ...

- Não vou escutar nada – eu zoava dele, vendo-lhe medroso mais que de costume.

- Ô Cigano, ô Cigano... escuta aqui, Cigano filho da mãe.

- O que o senhor quer? – dei-lhe atenção, me aprontando para acompanhar o restante da equipe, que já entrava na mata fech'ada.

- Você é meu amiguinho...

- Eu sou, mas fale o que é?

- Vamos fazer o seguinte, cara. vá lá e eu fico aqui, porque já pensou se vocês morrem. Quem é que vai avisar. Então eu fico aqui pra avisar. Vocês vão, morrem em tiroteio e quem é que vai dar o alerta?

Este sargento se aposentou, mais tarde, como subtenente. Ele plantou-se feito palmeira na estrada, à entrada da mata por onde entramos, e gritou:

- Eu vou ficar aqui. Que horas são agora?

- Oito horas.

- Até meio-dia, se vocês não chegarem aqui, eu vou comunicar ao chefe, capitão Neves, e pedir pra ele mandar um avião, reforço, qualquer coisa, porque toda a equipe morreu.

Nossa equipe estava formada pelo Benjamim e a delegada, ambos da PF, eu e o Isaac, que nos desapontou. No local da abordagem, eu fui por aqui, o policial federal por lá e a delegada pela frente. Conseguimos surpreender o suspeito e dar-lhe voz de prisão. Infelizmente, de momento, não recordo o nome dele. Até vamos fazer o seguinte, alguma coisa de que não lembrar, vou anotar para depois buscar na papelada e ver se consigo nomes, datas... A abordagem foi bem sucedida, não demos tempo para reação. Apreendemos uma escopeta e três revólveres. Trouxemos o suspeito para Guaratuba e a PF, mais tarde, o conduziu para a delegacia da instituição em Paranaguá. O nosso suspeito ficou a cargo da PF e pelo

que sei não havia ligação dele com o caso Evandro, porém ele respondia por uma série de outros crimes, era procurado pela Justiça do Estado e de fora: permaneceu engaiolado.

Nós, da PM, demos continuidade às apurações na região de Guaratuba. Numa das nossas incursões, seguindo orientação de denunciante anônimo, fomos dar num morro, na saída para Garuva. Mesmo depois do resultado do DNA, nossa ideia era continuar e continuar, até para ter certeza absoluta para depois não nos lamentarmos, poxa, se tivéssemos ido lá, se nós não tivéssemos ido lá. Como já te disse, ficamos um ano em Guaratuba, atrás de novas pistas, novas linhas investigatórias, checando todas as denúncias que eram feitas.

Garuva é território de Santa Catarina. Estivemos num lugar, de que não recordo o nome correto, puta que pariu: entramos na mata e subimos o morro. Estávamos atrás de trabalhos, macumbas, que foram feitos. Deixamos o carro, homem, e nos embrenhamos no mato, por volta das sete e meia da manhã, levamos coisas pra comer. Quando voltamos eram três horas da tarde. A denúncia que nos passaram era a de que o lugar servia como espécie de santuário maldito e onde faziam sessões de magia negra e orgias com crianças. Também dava conta de que havia muito sangue numas pedras, local de supostos sacrifícios.

Além das denúncias anônimas que recebíamos, fizemos, assim, montamos uma espécie de rede de informantes. Da rede faziam parte: a mãe-de-santo Luzia, o Carlos Correia com a mulher dele, o velho João Bossi, pai do menino Leandro (o primeiro a desaparecer), entre muitas outras pessoas. Carlos Correia é quem achou o corpo do Evandro, bem pertinho da casa dele. A enfermeira de que eu falei é uma das que mais nos ajudaram nas investigações; ajudou que nossa, Deus do céu. A enfermeira ia dentro da casa da dona Celina, conversava com as empregadas e nos repassava informações, assim como frequentava o centro de umbanda do Osvaldo Marcineiro. A enfermeira participava de alguns rituais, mas o negócio dela era outro. Tem uns que vão nestes locais pra fazer macumba, fazer isto e aquilo; eu acho que na verdade, quando a gente ficou entendendo como funcionava, eles iam para fazer uma reunião, como uma igreja qualquer, um pouco diferente, talvez. Muitos iam no centro comer salgadinhos, bater papo e tal e coisa e usar drogas.

O Osvaldo e seus ajudantes, aprendizes de pai-de-santo, usavam muita maconha e cocaína. Poxa, não estou lembrando o nome do outro. Tem o Osvaldo, tem ... era um cara, o grandão, que tinha sido policial militar, que, inclusive, tinha

trabalhado com o coronel Xavier (que comandara a Polícia de Choque e, mais tarde, assumira o comando-geral da corporação). Pois foi ele que me levou lá ... não, ele que me deu o endereço... Davi dos Santos, não, não era ele. Eu quero lembrar o grandão, o outro, que me deu o endereço do Pai Veco, em Curitiba, irmão do deputado Anibal Curi, onde eu estive, tirei fotos. Puts, acho que também queimei estas fotos.

A gente já lembra – eu pesquiso depois. Tinha marcas de sangue nas paredes deste centro de umbanda, em Curitiba, registradas não apenas em foto, mas também vídeo, porém, onde tudo está, está por aí, acho que queimei, acho que se perderam no meio desta bagunça.

Voltemos a Garuva. Só que nós fomos lá e não existia algo concreto. Às vezes, você pode pecar por excesso, mas não foi o caso, porque eu observei nas pedras alguns vestígios, mas a mim ficou claro que não era sangue. Então, não adiantava você perder tempo. Estávamos nesta eu e o Fontana e admito que era um lugar tão inóspito (alto de uma serra de mata fechada e bananais), que fiquei com medo de a gente se perder.

Fomos subindo, vencendo obstáculos e pedras muito grandes, um lugar de difícil acesso mesmo. Corria muita água do alto do morro. A gente foi acompanhando aquela cachoeira. Para você ter uma ideia, voltamos desta serra três e meia da tarde. Quando achamos o local, eu parei, puta merda, tem que ser este lugar, porque havia velas, imagens de santos de umbanda e tudo o que nos falaram. Bati uma foto e falei ao Fontana: é o seguinte, veja bem, o que nós vamos fazer? Nós vamos pegar a polícia e a criminalística para virem tirar fotos e cavacos da pedra para levar à perícia. E se de repente isto aqui não é sangue humano? É sangue de galinha ou de outra coisa. Os caras vão ficar fodidos da cara com a gente e nós vamos perder tempo.

O Fontana concordou comigo. Resolvemos esquecer a aventura e nos concentrarmos nas investigações em Guaratuba. Vamos fazer outra coisa que estiver mais palpável, mais plausível, mais na mão. Retornamos a Guaratuba, à tarde, cansados, famintos, em fiapos. Mas olha que coisa engraçada, parece que a gente não via canseira, pois eu lembro que todo dia a gente ia dormir nove e meia, dez horas, uma hora da madrugada, duas horas, e acordávamos muito cedo. Acredito que é por isto até que o capitão Neves deixava por nossa conta, porque tinha cara que, diante de uma situação, já falava “ah, não dá, estou cansado, vou

pro banho e depois vou tomar minha cervejinha”. Eu dizia, então vá, porque eu vou... ficava ligado dia e noite.

Por mais que toda aquela situação que eu investigava parecesse assustadora, surreal, não me deixava impressionar. Toda a vida, fiz assim: estou trabalhando, mas vim embora para casa: acabou. É a mesma coisa que desligar o rádio. Não vou pensar em nada, só amanhã de novo, quando eu voltar a trabalhar, mesmo diante dos mais escabrosos casos que ajudei a solucionar. Toda a vida eu tive esta conduta e acho que foi muito bom, porque se não eu tinha ficado louco de tanto lidar com porcaria. Com tanta coisa que a gente via, se começasse a pensar demais, baratinava. Mas eu não. Ligava-me nos fatos, porém, depois colocava um fim, aliviava a mente.

Após o nosso retorno de Garuva, noutro dia bem cedo, a mulher do Carlos Correia me procurou, dizendo que na Praia Brava, saída para Coroados, há uma senhora que tem um trailer e atrai as crianças que vão à praia, fica alugando estas crianças, mesmo as que estão acompanhadas dos pais. É que Guaratuba tem uma praia brava e ali, nas imediações, existe uma vilinha com o mesmo nome ou coisa parecida. Bem, eu tive que investigar a informação. Fui à praia, filmei as pessoas, disfarcei, caminhei bastante, conversei com turistas, até me aproximar da barraquinha.

- Oi tia, tudo bem? – puxei conversa com aquela senhora, muito simpática, que perguntou se iria aparecer na Rede Globo.

Ela vendia xeese-salada, cachorro-quente e salgados. Olha aqui, sorria, vai aparecer na Globo, não sei o quê, comecei a brincar com ela e tal, filmei o trailer, o carro que estava ao lado. Na continuidade das investigações, esta mulher não tinha nada a ver. Só estou contando isto para você ver que não descartávamos denúncia alguma que vinha até nós. Por que? Porque começaram a aparecer testemunhas, muitas e muitas, que tentaram por em xeque o nosso trabalho.

Bem, recordemos a prisão do Osvaldo Marcineiro. Ele foi algemado, dominado e é aquele negócio: você vai falar que é pressão psicológica e tal, mas veja bem. Ele saiu: porra, mas o que houve, não fiz nada, não sei o que lá, me chamem o delegado Adauto do Tigre...

- Mas quem é Adauto?

- É delegado do Tigre – me respondeu ele.

- Mas eu não sabia que Tigre tinha delegado – ironizei.

- A doutora Leila, por favor, ela me conhece – disse, se referindo à delegada da Polícia Civil, também integrante do Tigre, esposa do Aduato.

- Eh, rapaz, pare, pare, pare... você está totalmente enganado.

Estes delegados estavam em Guaratuba para investigar o caso Evandro, mas, infelizmente, foram vistos várias vezes almoçando com o Osvaldo na casa da mulher do prefeito.

- Perguntem pro doutor Aduato, pra doutora Leila. Eles me conhecem, sabem quem sou eu – implorava a nós, que o conduzíamos até a viatura, algemado.

- Você está enganado. Eu não sabia que Tigre tinha delegado. Eu achava que tigre tinha tigre – voltei a ironizá-lo. - Cara, vou te falar uma coisa: você tem parente? Qual recado você quer deixar? Você fuma ou não?

- Não, pelo amor de Deus, o que é isso – desesperava-se.

Como era noite, não havia pessoas curiosas a nos atrapalhar, além de termos agido rápido, como um raio. Sabe, aquele esquema: chiuuuups, chiuuuups. Então, o prendemos, andamos em seguida... bem, dali do centro dele até à casa da Celina dá uns trezentos metros. Ao entrar na viatura ele falou:

- Olha, fale com a dona Celina, porque ela me conhece – implorava.

- Que Celina rapaz, quem é dona Celina?- eu disse com sinceridade, porque até aquele momento eu nem imaginava o envolvimento dela.

Eu perguntava:

- Que Celina, rapaz?

- Ei cara, tá pensando o quê, ela é mulher do prefeito, eles todos me conhecem.

- Onde é a casa do prefeito?

- Olha ali, é aqui, olha, a casa do prefeito – disse, quando estávamos quase em frente à moradia, que fica numa esquina. – Dona Celina, dona Celina – começou a gritar da janela da viatura, em desespero. – Dona Celina, por favor, me ajuda – berrava.

O desespero dele pela ajuda da primeira-dama nos fez pensar, meio por intuição, que havia algo de que não sabíamos ou desconfiássemos. Trafegávamos com o carro bem devagarinho.

- Aqui é a casa dela... pare aí, pare aí, por favor – dizia, tentando nos convencer.

Num primeiro momento, parecia normal, o cara foi preso e estava buscando falar com a mulher do prefeito, pessoa influente, para livrar o dele. Quando ele viu que passou a casa, nos disse:

- O negócio é o seguinte: eu vou, mas tem gente que vai junto, pois não sou só eu.

- Olha rapaz, vamos indo, porque não sei se vai dar tempo de falar alguma coisa. Acho que não vai dar tempo não.

- Não, dá sim, dá sim – desesperava-se por completo. – Parem, parem, parem, por favor.

E lá na frente, nós paramos. Vinha um motoqueiro no sentido contrário. Ele, então, falou:

- Aquele cara de jaqueta de couro... – ainda falava, quando toda a equipe desceu da viatura e grudou o motoqueiro, apontando-lhe as armas, numa ação muito rápida.

- Ei, este cara é conhecido meu, verdade, sério, por favor – gritava, com a intenção de pedir que o rapaz fosse chamar a dona Celina.

Nisto, já demos voz de prisão ao motoqueiro.

- É o seguinte, como é este negócio de assalto, aí?

- Que assalto, quem falou? – arregalara os olhos, descera da moto, apavorado. – Quem é que falou? Sou trabalhador, o que é isto? Pelo amor de Deus – reclamava histérico.

- Você parece mulher, calma – eu disse, enquanto o capitão Neves só observava nossa ação.

O capitão, e depois coronel Neves, é o seguinte: eu fiquei com raiva dele, com muita raiva e não quero mais conversa com ele, por questões ocorridas anos mais tarde, mas num ponto não posso negar, ele me deixava trabalhar, tinha confiança. Podíamos estar em muitos policiais, mas ele me franqueava as decisões, as ações, porque sabia que eu nunca o iria colocar em fria. Ele nunca chegou, assim, e falou: ô soldado, espere aí, eu estou falando. Nunca fez isto, em compensação, qual foi a vez que eu o coloquei em fria? Bem, daí eu peguei e assustei o motoqueiro.

- Este cara que tá na viatura ali, gritando, disse que te conhece.

- Eu não conheço esse lazarento. Por quê?

- Ele é que falou que você anda cometendo uns assaltos a turistas. É verdade?

- Ah, tá fodido comigo. Quem é este cara?

- Vem aqui comigo – e o levei perto da viatura. – Ele mora lá na praça, lida com macumba...

- Eu vou moer este cara de pau – ameaçou, se aproximando do carro – Ah, eu sei quem é, é um macumbeiro que mora ali, mas soltem-no, porque vou moer ele de cacete, desgraçado, lazarento, filho da puta.

- Ele falou que é você que estava cometendo uma série de assaltos na cidade, amedrontando turistas.

- Eu, roubando turistas? Sou trabalhador, posso confirmar.

- Cara, se você é trabalhador, estica daqui, antes que a gente te leve pra delegacia.

Veja bem, por que a minha viatura era a Águia 1? veja bem, não é por me gabar, quando a gente ia trabalhar era Águia 1, 2, 3, 4, 5, 6. A Águia 1 era na que eu trabalhava. A Águia Comando, porque o capitão Neves viajava... só andava comigo, um Gol, daqueles quadrinhos, muitos bons estes carros, Deus me livre. Bem, o capitão Neves, então, quieto, só observando.

- Tá vendo estes outros dois homens no carro? – apontei ao motoqueiro – Eles também estão atrás de um cara que andou assaltando turistas na praia. Então, cara, se eu fosse você, fofava daqui, fofe daqui.

- Pelo amor de Deus, seu, não sou eu não. Quanto eu devo pro senhor?

- Se você falar isto de novo, daí eu não deixo você ir, vai pra delegacia.

- Então muito obrigado – e diuuuuunnnnpch, sumiu com a moto.

Quando entrávamos na viatura é que o Osvaldo Marcineiro falou:

- Então, tá, tá – nervoso, chorando – Então, peguem a dona Celina e prendam ela também. O pessoal do Tigre, que veio aqui pra investigar, investigar o quê? Pois estão todos na casa dela – depois que revelou isto, ele deu uma longa respirada, parecia aliviado, mais tranquilo. - O quê vocês estão procurando, o pessoal do Tigre esteve aqui pra investigar e está parado na casa dela.

- Mas pra investigar o quê? – eu quis saber, fazendo-me de desentendido.

- Não, não, se você não sabe...

- Investigar o quê, cara? Agora diga...

- O negócio do guri, lá, o negócio do guri... guri que desapareceu.

- Ah, ah – deixei sair, porque ele estava começando a entrar na minha.

Era noite, não podíamos ir à casa da Celina sem mandado de prisão. Daí, nos deslocamos e, de imediato, comunicamos à juíza, que mesmo naquela hora se deslocou para o Fórum. Passávamos por um momento delicado, porque nem todos da equipe acreditavam no que estava acontecendo, pois pareciam acontecimentos estranhos, que fugiam das nossas experiências anteriores de lidar com criminosos. Estávamos diante de uma situação surreal, parecia ficção, algo inventado para nos confundir, uma fantasia, um número de ilusionismo, porque poucos policiais acreditavam que alguém seria capaz de ter matado uma criança num ritual de magia negra. Passava um filme em nossas cabeças. A cada passo, a partir daquele instante, teríamos de pensar dez vezes no que fazer.

Ficamos todos com um pé atrás. A gente fazia as coisas à medida em que ia caindo a ficha. Pegamos e, puta que pariu, ligamos à juíza e ela ficou em dúvida: “Será possível?”. Ele não foi levado à delegacia. Fomos todos ao Fórum. Para a Polícia Civil, ele foi depois que estava tudo mais ou menos claro. Ficou o tempo todo conosco, com toda a equipe e a juíza Anésia.

Vamos dar uma pausa na conversa e tomarmos um café. Está meio ralo, é o que eu posso tomar, por causa da saúde (disse abrindo uma térmica velha e servindo dois copos). Após este breve intervalo, vamos ouvir as fitas cassetes que contêm os depoimentos de Osvaldo Marcineiro, prestados naquela longa noite no Fórum de Guaratuba. O bruxo estava muito nervoso neste primeiro contato com os interrogadores. São duas vozes que fazem as perguntas, a do capitão Neves e a minha. Em alguns trechos são audíveis vozes de outros policiais.

Eis a íntegra da transcrição:

- Nome completo?
- Osvaldo Marcineiro.
- Quantos anos você tem?
- Tenho 30 anos.
- Como é o nome do seu pai?
- Eduardo Marcineiro.
- E nome da sua mãe?
- Leopoldina Marcineiro.
- Onde você mora?

- Eu moro, agora, em Guaratuba, aqui. Morava em Curitiba. Rua (*inaudível*), nº 62.

- O que você tem pra contar a respeito do... da criança?

- Tá... (*voz entrecortada*). Fui que matei a criança.

- Como é que foi?

- Eu peguei a criança... eu acabei matando ela. Eu tava meio atazanado, peguei a criança e acabei matando ela. (*fala coisas desconexas e ininteligíveis*)

- O que houve?

-- Aí, ela morreu. Eu fui apertando, apertando o pescoço, ela acabou morrendo. Sem facada, sem nada. Daí eu acabei jogando ela no mato.

- Daí, o que você fez?

- Eu acabei jogando ela no mato.

- Mas por que você matou ela?

- Eu não sei, não. Não sei o por que. Eu não sei dizer. Nem como foi, não (*interrupção na gravação*). Nada. Eu tava louco da cabeça, acabei fazendo.

- Onde é que você encontrou a criança?

- Tava andando na rua.

- Onde?

- Eu não sei o nome da rua. É ali pra cima, perto da casa dela.

- E daí?

- Acabei pegando ela, levando ela e matei. Levei num mato lá e matei ela.

- Hum, hum (*desaprovação, desacordo do interrogador*). Fui, fui eu que a matei.

- Quem tava com você?

- Eu tava sozinho.

- Não...

- Tava. Eu levei no mato e matei.

- Não é isso.

- É verdade, sim senhor.

- Não foi.

- Fui eu que matei, sim.

- Que dia que foi?

- Eu não lembro o dia. Eu não lembro o dia certo.

- Que horário você matou ela?

- Acho que à noite.
- Onde você a matou?
- Num mato ali. Eu levei ela pro mato.
- Por que você levou a criança pro mato?
- Eu não sei, bateu uma loucura na minha cabeça.
- Mentira.
- Não, é...
- Se você me narrar os fatos, o seu nome nem vai aparecer ... (*trecho inaudível*). – Você quer sentar um pouco?
- Quero, por favor, deixe eu sentar um pouco (*mais um trecho ininteligível*). O senhor quer saber os nomes, de quem tava comigo? Tá, tá, tá... tudo bem... Quem tava comigo? (*pausa longa*). Tava eu e... (*ininteligível*)
- A pessoa?
- A Beatriz.
- Qual esta Beatriz?
- A Beatriz Abagge.
- Quem é ela?
- Filha do senhor Aldo Abagge.
- A Beatriz Abagge e quem mais?
- Tava só ela no carro.
- Você e ela?
- É.
- Que carro era?
- Um carro... no Escort dela.
- Daí vocês levaram aonde a criança?
- No mato e matamos...
- Que local que foi?
- Perto da casa da criança, lá.
- E daí?
- Eu matei a criança, tirei os órgãos todos.
- Por que você tirou os órgãos?
- Eu não sei por quê. Eu tava meio bobo, não me lembro...
- Quem mais tava com você, quando você retirou os órgãos?
- Tava eu e a Beatriz.

- Só você e ela?
- É.
- Pra fazerem o quê?
- Uma oferenda a exu.
- A pedido de quem?
- A pedido dela.
- A pedido dela?
- É.
- Referente a que era?
- Abrir caminhos, proteção.
- Quanto você ganhou pra fazer isto?
- Não lembro quanto ela me pagou. Um milhão, dois milhões...
- E vocês pegaram a criança?
- Pegamos a criança, levamos pra fábrica no carro, lá eu matei ela, tirei os órgãos.
- Com que roupa estava a criança?
- Eu não lembro bem, eu tava bêbado.
- Não lembra da roupa?
- Não.
- E onde você colocou os órgãos?
- *(resposta ininteligível)*
- Você enterrou, você jogou?
- Deixei no alguidar.
- Próximo de onde?
- Próximo de onde foi achado o corpo, lá. No meio do mato.
- Então estavam você e ela, então?
- É.
- Com o que você cortou a criança?
- Com faca.
- E onde está a faca?
- Joguei fora a faca no mato, lá.
- Onde?
- Não lembro onde no mato.
- Como você não lembra?

- Não lembro. Acho que tá com a Beatriz a faca.
- O que esta Beatriz faz?
- Ela é filha do senhor Aldo Abagge.
- Quem mais sabe disto?
- Acho que só eu e ela.

(trecho inaudível, tanto da pergunta, quanto da resposta)

- Você matou a criança dentro do carro dela?
- Não. Foi numa casa lá.
- E onde é a casa?
- Não, não, foi no carro, me lembrei. Foi no carro.
- Ficou sangue no carro?
- Não lembro se caiu sangue no carro.
- Como é o carro?
- Um Escort cinza metálico.

(interrupção)

- Com quem você tava, quando você pegou o guri?
- A... Beatriz.
- E quem mais?
- A mãe dela tava junto.
- E daí? Quem chamou o guri? Como foi que pegaram o guri?
- Elas conhecem o guri, eu não conheço.
- O que ela disse?
- Não me lembro. Ela chamou a criança
- E daí?
- Ela me chamou pra fazer o sacrifício da criança.
- E daí?
- Oferecemos ao diabo o sangue dela.
- O que vocês procuravam?
- Fortuna. Abrimos a barriga dela e retiramos tudo.
- É o seguinte: você está falando a verdade ou está mentindo?
- Estou falando a verdade.
- Jura? Jura lá pros teus guias, lá pros teus...?
- Juro, juro.
- Jura pelo diabo?

- Juro, juro.
- Você quer por tudo no papel?
- Ponho, tudo no papel.
- Se colocar no papel, você assina?
- Eu assino.
- Me diga uma coisa: você estava com quem?
- Eu tava com a Beatriz Abagge e com a Celina Abagge.
- Que horas que eram?
- Não sei o horário...
- Mais ou menos?
- Eu acho que era ... eu não me lembro ... duas ou três horas. Eu não tava com relógio.
- E daí? Na casa de quem vocês foram, onde vocês mataram, o que vocês fizeram? Quero saber isto?
- Nós cortamos o pescoço da criança, tiramos, na hora em que a criança morreu, aí ela pegou, abriu e retirou e entregou numa bandeja os órgãos da criança.
- Onde é que vocês mataram a criança? Onde vocês mataram a criança?
- Eu não sei, ela que levou a gente lá, eu não conheço lá.
- Que carro vocês usaram pra chegar até lá?
- Um Escort cinza metálico.
- Quem estava com você na hora em que pegaram a criança?
- Tava ela.
- Ela quem?
- A Beatriz Abage.
- E quem mais?
- Tava a Celina e tava um rapaz que trabalhava comigo...
- Como é o nome dele?
- O De Paula.
- O De Paula tava junto?
- Tava.
- E onde é que está o De Paula?
- Acho que está em Curitiba.
- Quem te ajudou a pegar a criança?
- A Beatriz, a dona Celina e o De Paula.

- Como que é o De Paula?
- O De Paula é um rapaz que estava com a dona Celina.
- Qual foi a orientação do De Paula?
- Eu não consigo me lembrar direito. Mas ele que ajudou a fazer, ele que...
- Ele que cortou a criança?
- Foi. Foi ele com a Beatriz, não sei.
- E você estava fazendo o que?
- Eu tava segurando a criança...
- Mas, por quê? Ela estava se debatendo?
- Estava, ela estava se debatendo.
- Então, ela não tinha morrido ainda?
- Não.
- Daí?
- Ela gritava, a gente segurava. Daí a criança morreu e ele retirou os órgãos
- Daí foi feito o quê?
- Foi feita a entrega. Entrega ao diabo.
- Daí, vocês mataram a criança, o sangue ficou lá no local?
- Não me lembro o que fizeram com a criança. Eu não me lembro direito, eu não sei.
- Pra que vocês fizeram o ritual?
- Uma entrega pro diabo. Para abrir os caminhos da política do pai dela.
- Por que? Ele estava com problemas?
- Ele era prefeito e estava nervoso com a nova política, agora...
- Então, o pai dela também sabe disto?
- Eu acho que sim.
- Onde é que vocês combinaram?
- Foi o De Paula que combinou com ela. Eu não tenho certeza.
- Onde que foi? Foi na sua casa?
- Não. Só sei que o De Paula chegou pra mim e disse assim, assim, que tinha um trabalho pra fazer com uma criança, pra fazer...
- E daí?
- Daí ele disse vamo fazer, vamo fazer...
- Tá. E quem se encarregou de escolher a criança?
- Foi o De Paula. Foi a dona Celina, porque ela conhecia a criança.

- Como é que ela conhecia a criança?
- Eu não sei, é da mesma cidade, ela conhecia...
- E daí?
- Daí ela escolheu a criança, achou a criança.
- E quem autorizou vocês a pegarem a criança?
- Ela e a mãe dela. Fomos pegar juntos a criança, com o De Paula, ela e a mãe.
- E onde vocês pegaram a criança?
- Quem pegou foi o De Paula e elas, quando cheguei...
- Onde estava a criança?
- No porta-malas.
- No porta-malas?
- No porta-malas.
- Tava viva?
- Tava viva.
- Daí vocês tiraram ela do carro e levaram pra onde?
- Eu não sei, foi pra um lugar que eu não sei direito.
- Então, vocês levaram a criança a um lugar e mataram em outro? E quantos dias depois vocês jogaram a criança?
- Uns dois dias depois, eu não me lembro.
- E quem ficou com a criança durante o dia?
- Eu não sei o que elas fizeram, não sei exatamente o que elas fizeram...
- Quando vocês pegaram a criança, vocês foram pra onde?
- Quando pegaram a criança, me pegaram no trabalho e me levaram para um lugar, que eu não sei onde era.
- Daí, mataram a criança?
- Mataram a criança.
- Daí, dois dias depois é que jogaram?
- Foi, dois dias depois.
- Nestes dois dias, a criança ficou aonde?
- Não sei. Eu saí de lá e não participei.
- É para abrir os caminhos...
- Políticos...
- Quem que sabia deste trabalho?

- Eu não tenho certeza, provavelmente a mãe dela.

(interrupção na gravação)

- Provavelmente, a mãe dela.

- Quem é a mãe dela?

- A dona Celina.

- Quem é dona Celina?

- Celina Abagge.

- Quem mais?

- A Beatriz Abagge.

- Quem mais?

- O De Paula, o Osvaldo.

- Quem mais sabia?

- Acho que o Aldo Abagge.

- Ele sabia?

- Não tenho certeza se sabia, eu não posso falar nada, mas se a mulher dele sabia...

- Agora uma coisa: quando a polícia esteve aqui investigando, alguém te falou alguma coisa? Quando a polícia estava investigando e foi encontrado o guri?

Quando tinham achado o guri?

- É.

- Houve muitos comentários na cidade de que foi achado o corpo. Quem foi no mato uma noite, ajudar a procurar a criança?

- O De Paula foi, não tenho certeza. Mas eu não fui.

- Agora, quem pegou a criança?

- Quando chegamos lá, a criança já estava no carro. O De Paula que deve saber...

- Mas quem conhecia a criança?

- A dona Celina Abagge.

- E a?

- A Beatriz Abagge.

- Elas já conheciam a criança?

- É.

- Quem foi pegar a criança?

- O De Paula e a Beatriz. Não sei se a Celina tava junto ou não.

- A mãe da Beatriz participou da sessão lá?
- Participou.
- Quem cortou a criança?
- O De Paula.
- Me fale de quem participou: a Beatriz...
- O De Paula, a Celina...
- E só?
- Só.
- E qual era o trabalho?
- Abrir caminhos para o pai da Beatriz.
- Então, o trabalho era para abrir caminhos para o pai?
- Isso. Posso levantar a cabeça um pouquinho, tá me doendo o pescoço...
- Claro. Quanto que vocês levaram de dinheiro?
- Acho que foi dois milhões.
- O que vocês fizeram com o dinheiro; colocaram no banco?
- Não. Eu gastei este dinheiro.
- E quanto o De Paula levou?
- Eu não sei quanto ele levou. Só sei que era uma quantia maior ainda. Não sei, ele não me falou direito. Talvez cinco milhões.
- Cinco milhões para o De Paula e pra quem mais?
- Acho que só.
- Então, vocês pegaram a criança. Quando vocês pegaram a criança tava aonde?
- Tava no porta-malas do carro.
- Tava viva?
- Sim. Tava afogada, com o pescoço sufocado.
- Tava amarrada ou tava livre?
- Tava amarrada.
- O que tava amarrado?
- As mãos, os pés.
- Me diga uma coisa: quando você vai fazer um sacrifício, qual a parte do animal que você corta?
- A parte do pescoço.
- O que mais?

- As veias do pescoço, principal dela.
- O trabalho exige que corte mais?
- Não, é um trabalho geral isto aí.

A seguir, a íntegra do segundo depoimento do pai-de-santo Osvaldo Marcineiro, gravado em fita cassete na mesma noite em sala do Fórum de Guaratuba. Eis a confissão, obtida pelos interrogadores:

- Nome?
- Osvaldo Marcineiro.
- Data de nascimento?
- 19 de março de 1971.
- Nome do pai e da mãe?
- Eduardo Marcineiro e Leopoldina da Silva.
- Nome da esposa?
- Andréia de Barros.
- Residência?
- Rua Luciana Martini, 62.
- Quanto tempo mora em Guaratuba?
- Cinco meses.
- Trabalha com quê?
- Artesanato e jogo de búzios.
- Me conta a história referente à morte do garoto?

- Eu estava em casa, era umas sete horas ou oito horas mais ou menos, quando chegou o carro da Beatriz com o De Paula, que me chamou; ele disse, como tá de dinheiro? Eu disse, tô sem dinheiro aqui. Então tá bom. Vamos dar uma volta para arrecadar dinheiro, ele disse. Então eu fui. Quando a gente chegou lá, tinha uma criança no porta-malas do carro da Beatriz. Daí, o De Paula falou que ia fazer um trabalho para abrir os caminhos políticos do pai dela... Daí o De Paula iluminou com farol, então eu pude ver que a criança estava amarrada nos pés, no pescoço, tava amarrada toda ela; acho que tava morta ela; eu tava junto, tava a dona Celina, a Beatriz, ele pegou e tirou a criança do carro. Ele cortou o pescoço, abriu a barriga, comecei a passar mal, me deu náuseas, tirou os órgãos da criança, não sei como é que foi, daí foi colocado numa tigelinha de barro. Daí eu não vi o que fizeram com os órgãos.

- Qual é o objetivo deste trabalho com a criança?
- Pelo o que ele me falou, é alguma coisa para abrir os caminhos políticos.
- Caminhos políticos de quem?
- Do pai dela, da Beatriz.
- Quem é o pai da Beatriz?
- É Aldo Abagge, prefeito de Guaratuba.
- Quem é a Beatriz que você cita?
- É a filha do Algo Abagge.
- Nome completo dela?
- Beatriz Abagge, filha do Aldo Abagge.
- E a outra mulher que tava lá?
- Celina Abagge, esposa de Aldo Abagge.
- Quanto vocês receberam por este trabalho?
- Eu recebi dois milhões. O De Paula recebeu cinco.
- Como que foi planejado este trabalho?
- Foi ele que planejou, pois quando chegaram lá em casa já tava planejado.

Eu tava meio bêbado, não me lembro como que foi, mas acabei participando.

- Que carro vocês utilizaram no dia do trabalho?
- Foi um Escort cinza metálico.
- De propriedade de quem?
- Não sei se é da Celina ou da Beatriz.
- Quem escolheu a criança pra ser pega?
- Pelo o que o De Paula comentou foi a dona Celina, porque já conhecia a criança, já sabia a residência, tudo.
- Como vocês pegaram a criança?
- Os primeiros a chegarem lá foram o De Paula, a dona Celina e a Beatriz.
- Que horário que era isto?
- Passaram lá em casa era umas sete, oito horas, mais ou menos.
- É da tarde?
- Da noite. De tarde, sim.
- O que você me diz referente a este caso?
- É, eu tava bobo, fui induzido. Não queria participar, uma hora passei mal, quando cheguei a criança tava morta, tive ânsias, passei mal, eu tava junto. Eu

passei mal, fiquei nervoso, nervoso na hora e não posso dar detalhado o que aconteceu. Só o De Paula mesmo pode detalhar.

- Como foi morta a criança?

- Eu acredito que pode ter sido enforcada... sufocada. Quando eu cheguei já tava morta.

- Da onde foi retirada a criança?

- Do porta-malas do Escort.

- O que a Beatriz e a Celina comentavam durante o trabalho que o De Paula fez?

- Não comentavam nada, não. Não lembro direito, não escutei direito, eu não tava muito perto, não lembro da conversa delas.

- O que foi feito com os órgãos que foram retirados da criança?

- Foi colocado numa tigelinha de barro e iam fazer uma entrega, uma oferenda.

- E o resto das partes do corpo?

- Acho que ficou no mesmo lugar, eu não sei, porque começaram a falar vamos embora, vambo embora, não lembro direito o que fizeram com o corpo. A Beatriz ficou com a dona Celina e eu não sei o que ela...

- Aonde foi deixado o corpo da criança?

- Num lugar do mato; não sei o nome do local também.

- Quem levou o corpo para aquele local?

- Foi no Escort, no porta-malas.

- Osvaldo, você tem filhos?

- Tenho, sim senhor.

- Quantos?

- Três filhos.

- O que você diria diante de um fato destes, se tivesse acontecido com um filho seu?

- Ah, eu não sei falar. Eu...

- Você acha se existisse pena de morte, você mereceria isto?

- Eu acho... bem, eu não matei a criança. Não fui eu que matei. Mas acho quem realmente matou mereceria.

- Mas você participou, você sabia. Por que você não denunciou isto à polícia?

- Ah, porque eu já tava envolvido, já tava enrolado. Não sei falar.

(pausa na gravação, seguida de trecho inaudível)

- Ah, para ganhar a eleição. Então, era pra fazer um trabalho forte, daí foi eu e o De Paula, porque ele mexe com a parte de candomblé e estas coisas; ele é feito no centro, ele é o ogan de corte. Daí ele falou, vamos fazer um trabalho assim, com uma criança, para abrir caminhos políticos. Daí, ela achou uma boa ideia e falou para a mãe dela e combinou com o De Paula para pagar sete milhões de cruzeiros, que é o número cabalístico de exu, é o número de sorte para fazer isto aí. Agora eu não sei, a criança já tinha sido escolhida ou se foi uma coincidência, eu não tenho certeza para dizer pro senhor. Mas foi ele que pegou a criança junto com ela para fazer o trabalho para abrir os caminhos políticos do pai dela.

- O Escort dela é cinza metálico ou cinza escuro?

- O De Paula é quem foi com ela pegar a criança pra colocar lá. Lá chegando a gente tirou a criança, matamos a criança, eu e o De Paula, porque ela não parava de se mexer.

- Quem matou?

- O De Paula. A gente ajudou a segurar, depois o De Paula abriu partes do corpo dela e cortou a barriga com uma faca. É ele que mexe com corte, então eu não posso informar. Então, ele começou a abrir, foi tirando as partes e foi colocando numa tigela. Daí levamos e entregamos ao santo, acendemos uma vela (*trecho ininteligível*). Foi cortado com uma faca de serra, uma navalha e uma machadinha de açougueiro.

- Cortaram aonde na criança?

- Foi aberta a barriga dela, tirada a buchada, tiradas as coisas, cortada uma das mãos dela, um pedaço do calcanhar debaixo do pé dela, um pedaço da orelha dela.

- O que mais?

- Um pedacinho do pinto da criança. Acho que um pedacinho do pinto. O De Paula que cortou ele. O De Paula que fez os cortes, é o mestre dos cortes.

- Onde é que vocês cortaram a criança? No chão ou colocaram em cima do carro?

- No chão, em cima de um saco de estopa.

- Foi aberta no chão?

- Sim senhor.

- Daí largaram o corpo aonde?

- Um pouco para cima, perto do ginásio. A dona Celina sabia o lugar onde esconder, mas eu não sei o nome direito do local.

- Então, quem pediu primeiro o serviço foi a filha do prefeito?

- É. Ela falou pra mim que ia fazer um trabalho forte, alguma coisa.

- Conversou com o De Paula?

- Daí, conversando com o De Paula, ele falou que ia fazer um trabalho assim, assim e assim.

- Aí, o De Paula topou?

- Topou, sim senhor.

- E aí?

- Fomos fazer o trabalho. E aí ele cortou, ele que abriu, ele conhece este tipo de trabalho.

- Onde foram deixadas as partes do corpo da criança?

- Num mato, perto de um arbusto, assim, um arvoretinha.

- O que tinha lá, a tigela?

- Tava com o sangue, tava com os órgãos, um pedaço da buchada, com um pedaço da mão, um pedaço do pé, um pedaço do pintinho;

- Ofereceram pra quem?

- Pro exu. É. Exu é um orixá que tanto faz o bem. quanto faz o mal, é um empregado do diabo, do diabo.

- Ele é tão forte assim?

- É, mas eu não sei o que vai acontecer com nós agora. (*parte inaudível*). Acho que foi levado para uma casinha lá, perto da serraria, foi mudado pra lá (*trecho com muito ruído*).

IV

A MULHER QUE QUERIA SER PREFEITA E RICA

A doutora Anésia conversou com Osvaldo na sede do Fórum naquela noite e com todos os que iam sendo detidos na sequência. Ele confirmou tudo para a juíza e deu detalhes do assassinato, de tal forma que convenceu a juíza, repetindo, confirmando o que nós já havíamos gravado. Tanto que, às nove horas da manhã, o mandado de prisão para a dona Celina estava na mão. Logo pela manhã, plantamos em frente à casa dela.

Veja bem, ele deu detalhes e nós fomos gravando tudo, mas não nos precipitamos. Éramos do entendimento de irmos somente atrás daquilo que falou. Fora da gravação, ele deixara bem claro: o negócio que vocês querem descobrir é só vocês pegarem a dona Celina, porque o que o Grupo Tigre, da Polícia Civil, estava levantando não vai chegar a lugar algum. Os policiais estão parados em hotel pago pela dona Celina e estão bebendo, estão comendo e não vão descobrir nada. Pois, iam jantar todos juntos, policiais e o Osvaldo, na casa do prefeito.

Olha: o Osvaldo, a Celina e o pessoal andavam juntos. O Osvaldo andou para cima e para baixo no carro dele, carregando o pessoal do Tigre nas investigações. Acontece o seguinte, lá dentro da casa da dona Celina, chegamos lá, havia dois HT (rádios transmissores) da Polícia Civil, carregando sobre um móvel da casa, ligados à tomada. Conforme levantamos mais tarde, os rádios pertenciam ao doutor Aduato e à doutora Leila, ambos delegados da PC. A impressão que dá é que estes dois agentes estavam passeando na praia de graça.

Saiu o mandado de prisão e nós fomos à casa da dona Celina pela manhã. Meu Deus do céu, imagine? A juíza chamou a escritã e veio também o promotor público, que agora já era o Antônio Cesar Cioffi de Moura. Estávamos todos apreensivos, não adiante negar, porque estaríamos, a partir dali, mexendo com pessoas poderosas, influentes. Vários deputados e políticos já vinham, em nível de comando da Polícia Militar, ameaçando de parar toda a operação e dar punição aos policiais empenhados nas investigações. Eram pressões e ameaças claras, pois a família Abagge era tradicional nos meandros políticos não só da cidade, como de todo o Estado do Paraná.

Sáimos do Fórum eram umas oito e pouco e perto das nove horas arroteamos a casa dela, que fica ali perto, no centro da cidade, com a equipe completa e todas as seis viaturas do grupo. Eu tenho foto da equipe, toda enfileirada, com os carros, assim. Eu, particularmente, estava com o coração na mão, pois me perguntava em pensamento: e agora, José? Isto porque o capitão Neves não era de esquentar muita a cabeça. Quando tinha um negócio assim, grave, nós em dúvida se continuávamos ou não com uma ação policial, ele chegava a mim e dizia bem assim:

- Nos fodemos? Nos fodemos mesmo? Então, toca o barco, nem que se foda.

Esta postura passava certa confiança à equipe. Por isto que eu não me canso de falar uma coisa. O Neves, eu não topo ele, não gosto mais dele, porque eu nunca quebrei a confiança dele em mim, eu não. Olha sempre foi assim, assim, aguentei o repuxo, segurei as pontas, mas ele fez... Uma vez assaltaram um ônibus na serra que vai para Guarapuava. Nós viemos e tentamos capturar os assaltantes, mas eles tinham se embrenhado em matagal na serra, isto perto das cinco horas da madrugada. Eu estava fazendo buscas lá no alto, perto de umas maçanzeiras e ele me passou um rádio:

- Você está aonde?

- Estou aqui em cima, passando o posto de combustível.

- Desça aqui ... – esperou que me juntasse ao grupo. – Passe o carro para alguém. Olha pessoal, amanhã ou depois a gente se encontra lá em cima, vamos nós dois a pé por aqui – disse, indicando um carreiro estreito que dava na floresta. Eu e ele, entramos por dentro do mato e saímos no outro dia à tarde lá em cima. Passamos a noite inteira andando pelo mato, só nós dois. Encontramos os criminosos e os prendemos. Então, quantas vezes e quantos serviços atendemos? Em Paranavaí, uma vez, nós chegamos e começamos a planejar a entrada também em matagal fechado – temos que entrar aqui, sair ali, dar a volta, puta merda. Mas era comum, sempre alguém da equipe tinha algum problema, uma desculpa. O capitão então chegava e já dizia para mim: vamos nos mandar. Eu tenho até hoje uma, está lá na cidade de Tibagi, bolsinha que eu carrego, usada em pescaria. Pegava aquela bolsinha e enchia de bolacha, pão, estas coisas, e ia, se mandava, a pé. Lá em Paranavaí, eu e ele ficamos três dias dentro da mata, passando só a bolachinhas.

O capitão Neves aprendeu a ter muita confiança em mim. É o caso lá no dia, em Guaratuba. Sempre que eu pressentia que ele ia fazer alguma coisa errada, só me aproximava e fazia sinal com a cabeça, desaprovando, era o que bastava. Bem, em Guaratuba, nós cercamos a casa, facilitando a ação o fato de ser numa esquina e ter o muro baixinho. Duas viaturas pararam deste lado aqui, outras duas na frente da casa, uma lá em cima, a última embaixo, todos os carros descaracterizados, num cerco completo, perto das nove da manhã. Foi aquela correria.

Não havia ninguém no quintal. Pela quietude, ainda estavam deitados, dormindo, talvez. Só a guria, a empregada, que estava fazendo a limpeza é que veio à porta. Na entrada, já voltamos a ver os carregadores e os HT da Polícia Civil sobre o móvel da sala. Estavam na frequência da polícia e pudemos reparar que os dois aparelhos estavam em nome dos doutores Adauto e Leila.

Nós as levamos para o Fórum. Numa sala assim, ficou a Beatriz sentada ali, logo atrás da velha Celina, também sentada, de frente para mim, eu pertinho delas. E na outra sala ali, ao lado, estava o Osvaldo Marcineiro e o outro ... como é o nome dele? Puta que pariu...

Anteriormente, na casa delas tudo aconteceu desta forma. Nós batemos na porta: pá,pá,pá... daí saiu a guria:

- Oi, bom dia, tudo bem? – simpática, sem desconfiar ainda da operação.
- Tudo bem. A dona Celina se encontra?
- Está, mas ela está dormin... – paaaaaaaaaaaaaaaaarará.

Ela já levantou, rapidamente, é porque não sei o quê, muito assustada, usando roupão.

- Calma, calma, pode deixar...

Ficamos na sala. Ela voltou, achou a roupa adequada e se apresentou na sala.

- Nós queremos conversar – eu disse. – O que a senhora quer? Infelizmente, vai ter que nos acompanhar até o Fórum.

- O que é isso? O que aconteceu? – repetia-se, transtornada, surpreendida pela ação policial. – Quero falar com o meu advogado, já, imediatamente.

- Pode – eu respondi. – Pode ligar pro seu advogado e informar a ele que a senhora está indo lá pro Fórum.

- Não, o senhor está enganado, eu não vou a lugar algum – endureceu ela.

- Fale pro seu advogado que a senhora está indo pro Fórum – eu levantei a voz, deixando claro que aquilo era uma ordem, porra, não um pedido.

A Beatriz estava no imóvel também, mas nós não tínhamos o mandado de prisão dela, porque se tratava de uma estratégia combinada com a juíza. Primeiro ia a mãe para ver se confirmava toda aquela história absurda, depois a filha não teria argumentos para desmentir a própria mãe. Apesar de não termos o mandado, a Beatriz se solidarizou com a mãe e seguiu junto à sala do Fórum. Bem, recapitulando, ela estava sentada aqui, a Beatriz um pouco atrás e eu na frente das duas. Voltando mais um pouco: na casa, quando ela falou que não ia, eu expliquei do meu modo.

- A senhora não entendeu o que estou falando – ela me olhou seriamente. - A senhora não está entendendo o que eu estou falando. Eu estou falando que agora, que agora, a senhora vai pro Fórum e que o seu advogado vá pra lá. Mas a senhora vai agora, neste exato instante. A senhora entendeu ou não?

- Entendi, entendi – dizia, parecendo que o mundo havia desabado sobre as suas costas.

Demos tempo para que elas colocassem roupas, se arrumassem primeiro. Fomos camaradas, porque, até então, a gente só sabia o que o Osvaldo havia contado, nada mais. As ruas estavam tranquilas, sem curiosos, sem agitação, o que colaborou bastante com a operação.

O Osvaldo estava na outra sala e eu sentado aqui, na frente das duas. E a gente conversando, eu com aquele gravadorzinho no bolso.

- Pois é – dizia a Celina, cabisbaixa, chorosa, muito afetada.

- O que a senhora fez? – perguntei, iniciando o interrogatório, informalmente, e sozinho, sem mais nenhum policial na sala, a pedido do capitão Neves, que temia algum policial fazer gracejos ou dar motivos para que as duas mulheres alegassem algo mais tarde.

Eu, então, sentado, com o gravador ligado, comecei a conversa. A Celina conversou comigo, como tenho gravado em fita.

- Por que você fez isto? Quem te mandou, quem te obrigou a fazer? – falei assim, porque ela, antes, já tinha dito que sabia mais ou menos do que se tratava.

- É o Osvaldo, o Osvaldo, que...

- Mas por que você fez?

- Não, a gente tinha medo dele, ele mandava a gente fazer as coisas. Ele falava se a gente não obedecesse... a gente tinha medo dele, não é.

- Mas vocês faziam o que?

Elas tinham muito medo do Osvaldo, porque o esquema era o seguinte... - vamos mudando para eu não perder o fio da meada e lembrar direitinho a história. É assim, no começo, quando o Osvaldo foi morar em Guaratuba, como é que ele ia tirar dinheiro das pessoas da alta sociedade? Só jogando búzios? Não tinha jeito, porque eram poucas pessoas que o procuravam para esta prática. Até ele descobrir quem gostava e quem não gostava. Então, encontrou o meio mais rápido: chantagens.

Ele era um cara de boa aparência, ganhava no papo, fácil, fácil. Pelas informações nos repassadas, ele namorou a Beatriz Abagge. Alguns destes detalhes foram repassados pela enfermeira, nossa informante, porque ela participava das reuniões no centro e levantava os pormenores e, assim, sabia do namoro dele com a Beatriz. O Osvaldo era vivo. Ele ficava sabendo que uma mulher ali tinha um problema com um cara lá. Ele descobria, depois se chegava à mulher e dizia: olha o negócio é o seguinte. E fazia a chantagem, avalizado de certa forma pela mulher do prefeito, dona Celina, e a filha, porque o povo pensava, poxa, este cara vive com elas, deve ter alguma influência, algum peso, o cara não é nenhum João-Ninguém. Então, o que ele fazia? Ele passou a usar esta influência.

Os usuários de drogas também caíam em sua rede de chantagens. Como? Ele participava de rodada de drogas, mas, esperto, ficava de lado, observando. Usou droga perto dele, o cara também estava fodido. E as rodadas de maconha e cocaína aconteciam no centro dele, durante as sessões. Os usuários ficavam com o rabo preso. Em algumas ocasiões, ele organizava verdadeiras orgias, quando então prendia o rabo de todo mundo.

Sobre o prefeito Aldo Abagge, eu não conversei com ele, mas fiquei sabendo de umas histórias... Sei que ele sofria de câncer. Bem, tinha o Orlando Silva, uma figura que passou a ser assessor dele. Ele andava "assessorando" o velhp. Um dia, eu conversando com a Mãe Luzia, ela me contou uma passagem deles. Na rua da casa dela foi cortado o mangue para se construir moradias e havia uma certa precariedade. A rua tinha uma valeta enorme, prejudicando o trânsito, ensejando reclamações à prefeitura. Certo dia, o velho foi até lá, acompanhado do seu assessor Orlando Silva. Ela, a Mãe Luzia, conversou com o prefeito, explicou a

situação, "... o senhor veja ali, porque tá assim, tá assado". "Tá bom, dona, vamos dar uma olhada", ele teria respondido. Em seguida, ele desceu para a rua indicada, com o seu assessor. Passado um tempo, a Mãe Luzia lembrou que tinha uma outra rua, mais distante, que precisava receber melhorias com tratores, resolvendo, então, ir atrás do prefeito para continuar com suas cobranças, porque tinha um parente dela que iria comprar um terreno nas imediações. A Mãe Luzia se mandou por um carreiro e em determinado trecho se surpreendeu ao ver o Orlando Silva fungando nas costas do velho.

Foi uma situação vexatória. A Mãe Luzia disse que ficou apavorada com a visão, porque não teve como voltar. E eles viram que ela os viu. O prefeito teria dito: "Oh, dona do céu, me perdoe". Ela não teve como escapar, foi andando ligeiro e quando se deu conta estava a uns poucos passos deles. Bem, tem mais uns negócios. A Rita de Cássia era mulher do Orlando Silva, também nos passou a informação de que o prefeito não saía da casa deles. Então, o Osvaldo, o que ele fez? Começou a pegar no rabo de todo mundo, tinha todo mundo aqui, na mão.

Tem um turco em Guaratuba, empresário poderoso, esqueço o nome dele. O que acontece? O Osvaldo o levou para o seu centro de umbanda, pois ele tinha dinheiro. Não sei o que fez, mas o turco acabou trabalhando no centro. O turco recebia o espírito do tal Pai Mamão, uma história até hilária, que eu anotei naquele caderno que virou fogueira. O turco era sem-vergonha, ele pegava as mulheres nas sessões e mamava nos peitos delas, por isto o seu guia era chamado de Pai Mamão – as mulheres não podiam se esquivar das investidas da entidade.

E tudo acontecia no centro do Osvaldo. E olha, o ambiente era fino. Havia duas salas, uma delas forrada com tapetes vermelhos, cortinas e sofá da mesma cor; e a outra sala já era tudo azul, bem decorada, coisa grã-fina. Pé-de-chinelo que nem nós, lá não... Até a maioria dos pobres que ia no centro, o Osvaldo atendia na escada. Tinha cara que não pagava nem a sujeira do sapato que tirava lá dentro, então ele não recolhia para atender. Têm mil histórias do Osvaldo. Portanto, veja só, quando foi o dia do depoimento do pessoal, apareceram cento e poucas pessoas para depor a favor, como testemunhas deles. E a favor do lado da família do Evandro, acho que tinha cinco ou seis.

Uma pausa na conversa para um novo golpe do café ralo, que mal consegue sair da garrafa térmica. Romálio apresenta uma fita-cassete contendo os depoimentos de Celina, Beatriz e Osvaldo, numa espécie de acareação com os

envolvidos, conduzida pelos mesmos interrogadores, no interior do Fórum de Guaratuba.

Eis a gravação da fita:

- Que horas você levou o menino para a localidade?
- Beatriz: Entre duas e três horas...
- Osvaldo: Quando cheguei, ela já tinha levado a criança lá.
- Beatriz: Quando cheguei você...
- Osvaldo: Ela tinha passado lá em casa...
- Quem estava junto?
- Osvaldo: Tava eu, o De Paula, ela e a mãe dela.
- Daí o que vocês fizeram na fábrica?
- Osvaldo: Levamos a criança pra lá e a deixamos.
- Beatriz: Levamos a criança lá e deixamos presa num quartinho.
- A deixaram com quem?
- Beatriz: Com o Bardeli.
- Com quem?
- Beatriz: Com o Bardeli.
- É verdade isto, Osvaldo?
- Osvaldo: (resposta inaudível, mas, no contexto, ele fala da criança).
- Então, foi o Bardeli que ficou cuidando da criança?
- Beatriz: Bem, ficou trancada lá a criança e o único que tinha a chave era o Bardeli.

- Que horas vocês voltaram lá?
- Beatriz: Só à noite, antes de o trabalho ser feito.
- Que horas?
- Beatriz: Era noite. Sete horas.
- Daí, começou o trabalho a que horas?
- Beatriz: Logo em seguida.
- Quem matou a criança?
- Beatriz: Foi o De Paula.
- Quem matou?
- Beatriz: O De Paula.
- Quem cortou?
- Beatriz (chorando): O De Paula.

- Osvaldo - o De Paula cortou.

- Beatriz: (choro e balbucios inaudíveis, confundindo-se com o que fala Osvaldo).

- Daí?

- Beatriz: Daí o Osvaldo e o De Paula que fizeram o trabalho.

- Quem tirou o sangue da criança?

Beatriz: O De Paula.

- Como foi?

- Beatriz: Ele cortou o pescoço da criança.

- Osvaldo: (fala algo, inaudível... Tem uma música sertaneja de fundo, todo o tempo).

- E você o que fez?

- Beatriz: Nada, né. Fiquei olhando.

Interrogadores e interrogados silenciam; o volume da música sertaneja sobe, depois segue espécie de microfonia, por alguns minutos; há conversa de várias pessoas, longe do gravador. Há barulho de móveis sendo arrastados e volta o silêncio.

- E daí, a criança ficou lá dentro daquela casinha, daquela igrejinha?

- Beatriz: Ficou dentro da casinha, depois colocaram dentro da igrejinha.

Volta o silêncio, depois ouvem-se vozes ao longe, entre elas a de uma mulher, parece a de Celina Abage; mais silêncio demorado e outras vozes. Em trecho mais nítido, na sequência, parece Beatriz chorar.

- Que tal, dona Celina, a senhora falar a verdade?

- Celina: Que verdade, fia?

- Beatriz: Que nós pegamos ele no carro...

- Que carro?

- Beatriz: No meu carro.

- Que carro é o teu?

- Beatriz: Um Escort.

- Que cor?

- Beatriz: Cinza.

- Placas?

- Beatri: CH 2993

- Quem estava com você?

- Beatriz: Eu e minha mãe.
- Quem dirigia?
- Beatriz: Eu.
- Quem estava no carro?
- Beatriz: Eu e minha mãe que estávamos no carro.
- A que horas vocês pegaram o guri e onde ele estava?
- Beatriz: Na esquina já da casa dele.
- Que horas era isto?
- Beatriz: Eram mais ou menos duas horas da tarde.
- Por que ele foi o escolhido? Por que este garoto?
- Beatriz: Podia ser qualquer criança... foi escolhido ele.
- Por que ele?
- Beatriz: O De Paula que mandou, que fosse uma criança loira de olhos claros.
- Por que loiro de olho claro?
- Beatriz: Eu não sei. Ele falou que ele era o pai-de-santo e que ele mandava.
- Por que foi feito isto? Por que foi sacrificada a criança?
- Beatriz: Pra abrir mais fortuna, justiça...
- Pra quem?
- Beatriz: Pra minha família.
- Por que pra sua família? Qual o significado disto?
- Beatriz: Pra eles também: pro Osvaldo, pro De Paula, pra eles se tornarem mais do que pai-de-santo.
- O que eles receberam por isto?
- Beatriz: Aí eu não sei dizer. Foi acertado tudo com o Bardeli.
- Dinheiro?
- Beatriz: Pois é, todo o acerto foi feito com o Bardeli, ele que é o responsável pelas finanças.
- Você sabe quanto foi?
- Beatriz: Foi sete milhões.
- Confesse direitinho. Quem ficou com os sete milhões?
- Beatriz: Foi o Osvaldo. Foi o De Paula.
- Como foi dividido entre eles o dinheiro?

- Beatriz: Da divisão deles eu não participei. Foi particular deles, eu não participei.

- Quem deu o dinheiro?

- Beatriz: Foi o Bardeli.

- E o dinheiro de onde era?

Beatriz: Da fábrica.

- O Bardeli sabe tudo?

- Beatriz: Esta parte, o Bardeli sabe.

- Sabe?

- Beatriz: Acho que sabe. Ele que fez.

- E onde é que vocês deixaram os restos do menino?

- Beatriz: A gente não pode ver. O De Paula que mandava. Tudo o De Paula que manda.

- Ele guardou onde os restos do menino?

- Beatriz: Numa bacia, pra te dizer o que é eu não sei.

- E levou pra onde?

- Beatriz: Eu não sei. Talvez pra casa dele. Não comentaram nada. Eles proibiram a gente de falar. Eles fazem uma lavagem cerebral. Eles mandam.

- Como é que foi a história do corpo lá. Vocês cortaram onde o menino?

- Beatriz: Lá na fábrica.

- Em que lugar da fábrica?

- Beatriz: Lá na casinha.

- E a mulher que mora lá?

- Beatriz: Eu não sabia que morava mulher lá.

- A fábrica que você diz é a serraria?

- Beatriz: É.

- E a mulher que mora naquela residência?

- Beatriz: Acho que não tinha ninguém lá. Eu não sabia que morava alguém lá.

- Daí, o menino tava morto já quando vocês começaram a mexer?

- Beatriz: Tava morto já.

- Vocês transportaram o menino onde?

- Beatriz: No Escort.

- Mas aonde?

Beatriz: No porta-malas.

- Mas como é que vocês fizeram para pegar o menino na rua?

- Beatriz: Demos uma bala pra ele e ele entrou no carro.

- Como foi? Vocês chamaram pelo nome, vocês já o conheciam?

- Beatriz: Não. Nós dissemos, ei, toma uma bala, vem aqui. E ele veio e entrou no carro.

- Como ele estava vestido?

- Beatriz: De bermuda e camiseta.

- E está onde a roupa?

- Beatriz: Tá com o Tigre, eles encontraram a camiseta.

- É? Encontraram?

- Beatriz: Já.

- E a faca, o material, tá aonde?

- Beatriz: Tá tudo com o De Paula.

- E onde vocês cortaram o menino, sujou de sangue?

- Beatriz: Sujou a areia da frente.

- Como é que vocês fizeram?

- Beatriz: Daí, é... jogamos areia em cima só. O sangue ficou só na areia.

- Mas vocês não cortaram o menino dentro da casa? Onde vocês cortaram o menino?

- Beatriz: Na frente da casinha.

- Que horas era isto?

- Beatriz: Não sei. Não olhei no relógio, só sei que era noite.

- Você não tá querendo falar, né?

- Beatriz: Eu tô falando, eu tô falando ... era noite, acho que oito horas. O Bardeli também tá sabendo, ele levou a gente, foi junto com a gente.

- O Bardeli sabe de tudo?

Beatriz: Sabe a parte da casinha, porque ele ficou na casa.

- Na casa? Não cabia na casinha?

- Beatriz: Não, naquela outra, tem uma casinha pequenininha, assim, ao lado da fábrica, onde funciona um escritório.

- Ah, tá, foi lá que fizeram, então?

- Beatriz: Sim, naquela casinha.

- Outra coisa, Bia, vou levar você e colocar tudo isto no papel. Isto tudo é verdade?

- Beatriz: Tá bom, eu boto tudo no papel.

- Você agora é prisioneira minha, vou levar você pra Curitiba. Se você não contar direitinho como você fez aqui pra mim e na hora mudar a história, você vai conversar com o delegado.

- Beatriz: Minha mãe tá aqui. Eu posso falar com a minha mãe?

- Depois você fala com a tua mãe. Se você continuar direitinho, daí não tem erro.

- Beatriz: Eu falo tudo em Curitiba, como vocês quiserem.

- Confirme tudo, se não do contrário eu vou levar você embora.

- Beatriz: Tá bom.

- Tá certo. Estamos conversados?

- Beatriz: Tá certo. Eu prometo pra vocês contar tudo direitinho.

- Lá vai estar o advogado seu, o promotor, todo mundo, você tem de contar a história direitinho, certo?

- Beatriz: Tá certo. Eu confirmo tudo o que vocês quiserem.

(Dá-se o reencontro de Beatriz com sua mãe, Celina, que, como se nota, teria sido tirada da presença da filha, o mesmo acontecendo com o Osvaldo Marcineiro, que numa altura da gravação deixa de falar; fora levado a uma sala ao lado. A transcrição a seguir é uma das partes mais importantes de todo o interrogatório, quando a mulher do prefeito acaba por admitir a sua participação no sequestro do menino Evandro).

- Beatriz: (inaudível, devido a conversas paralelas). – Beatriz: ... eu e você seguramos... e o De Paula, nós fizemos o trabalho...

- Celina: É mentira, é mentira minha filha (choro).

Beatriz: Tava eu, você...

- A sua filha já confessou.

Beatriz: O De Paula fez o trabalho, retirou os órgãos. Fomos eu, você, o Osvaldo e o De Paula; o Bardeli ficou cuidando da criança... e o Bardeli pagou pra eles. Fale mãe, fale... conte isto...

Celina: Ah, minha filha, se você está falando, então é verdade.

- Agora é a tua mãe que vai falar...

- Celina: (pequeno trecho ininteligível; na sequência voz fraca de uma pessoa no limite do nervosismo). – Nós matamos ele, abrimos a barriga dele e daí matamos a criança.

- Quanto vocês pagaram?

- Celina: Eu não me lembro - (chorando).

- Qual a quantia?

- Celina: Eu não me lembro.

- A tua filha já admitiu, o De Paula já caiu, todo mundo já caiu...

- Celina: O De Paula? Foi o De Paula que nós pagamos?

- Com que ele abriu a criança? Que instrumento foi usado? Machado, picareta?

- Celina: Foi com uma faca.

- Como que ele abriu?

Celina: Ele abriu no estômago - (voz arrastada).

- Veja bem, não minta, a sua filha está te pedindo.

- Celina: Foi aberto na barriga...

- Sua filha está te pedindo.

- Celina: Daí, nós matamos o menino.

- Quem matou?

- Celina: O Osvaldo e o De Paula.

- A hora que vocês pegaram o menino e quando ele cortou, o menino estava vivo ou não?

- Celina: Não, não tava vivo não. Tava morto já.

- Que horas ele tinha morrido? Que tinham matado ele?

- Celina: De tarde, né.

- Que horas, mais ou menos?

- Celina: (resposta inaudível).

- Quando ele ficou no quartinho, ele ficou vivo ainda?

- Celina: Ficou vivo ainda.

- Ficou vivo?

- Celina: Ficou vivo ainda.

- Até que horas?

- Celina: Era de dia ainda... era meio-dia ainda quando ele tava vivo ainda. -
(silêncio – ela volta falando com dificuldade). - ... pra chamar um dinheirão, para ser
bem rica.

- Mas quem alugou a cabeça de vocês que isto dava dinheiro?

- Celina: Ah, foi o De Paula.

- Quem foi o outro?

- Celina: O Osvaldo.

- Quanto vocês pagaram?

- Celina: Não, não ...- (esquecida).

- Quanto pagaram? Nós sabemos já até quem pagou?

- Celina: Não lembro quanto pagaram, não.

- Outra coisa, com que vocês abriram o menino?

- Celina: Com uma serra.

- Que serra?

- Celina: Um tipo de serrote.

- Onde é que está?

- Celina: Está na serraria.

- Tá lá na serraria?

- Celina: Tá lá.

- Que lugar que tá lá?

= Celina: (resposta inaudível).

- A sua filha pediu pra você confessar, porque ela já confessou, já contou a
história...

- Celina: Tá lá numa casinha.

- Eu não vou levar vocês pra Curitiba, viu Celina, eu prometo que vou deixar
vocês em Guaratuba, com o advogado de vocês, então confesse, se não vou levar
vocês pra Curitiba e entregar vocês lá.... O que mais foi usado, além do serrote?

Celina: Foi usada uma faca, né, e a serra, o serrote.

- O que mais você viu?

- Celina: É que eu fechava o olho de vez em quando...

- Como é que vocês fizeram?

- Celina: Daí, nós deixamos a criança lá...

- Ela gritou muito?

- Celina: Não gritou muito ...

- Por que não gritou? O que vocês fizeram?

Celina: Nós demos... nós demos... assim...

- O que? Me conta?

- Celina: Uma pancada na cabeça dele...

- Na nuca?

- Celina: *(resposta muito baixa)*.

- Como ele estava vestido, então?

- Celina: Ele tava com um calçãozinho e uma camiseta.

- Camisa?

- Celina: Uma camisetinha...

- Que cor era?

- Celina: A camisetinha era amarela, né.

- E o calção?

- Celina: O calção era azul.

- Celina, vamos confessar direitinho pra vocês ficarem em Guaratuba, se não vamos levar vocês e continuam presas, tá?

(Ouve-se, por um bom trecho, somente música sertaneja de fundo).

- ... Onde é que vocês largaram o material depois da “festa”?

- Celina: Largamos lá no mato, no caminho onde foi encontrado.

- Onde está este material? Você sabe achar lá?

- Celina: O corpo do menino já foi achado.

- E o resto do material que vocês tiraram de dentro?

- Celina: Tava muito - *(trecho inaudível)*.

- Vocês tiraram a roupa dele? O que vocês fizeram? Cortaram o que antes?

- Celina: Cortamos, cortamos o estômago...

- Fale?

- Celina: Cortamos a barriga, daí tiramos os órgãos dele... daí o Osvaldo e o De Paula pegaram... eu fechei o olho, porque não queria ver, porque eu não gosto de ver sangue. Daí, ele ofereceu, fez a oferenda aos guias.

- Eu vou te ajudar Celina.... com certeza, está falando a verdade. Continue...

- Celina: Daí, nós levamos esta criança naquele caminho e a jogamos lá no mato.

- Quem foi jogar?

- Celina: O De Paula, o Osvaldo, eu e a Bia, no carro da Bia. – (segue longo silêncio) - ... pra abrir caminhos.

- Pra que foi feito?

- Celina: Foi feita uma oferenda...

- Pra onde que foram estas partes?

- Celina: Não sei pra onde foi... porque o Osvaldo que tava ...

(somente ouv-se a música; nova parada do interrogatório).

- Celina: ... O Osvaldo

- É ele o bom da boca ou é o De Paula?

- Celina – Os dois são, são os dois que estavam nesta com a gente.

- Então, os dois é que alugaram a cabeça de vocês e entraram nesta? É isto?

- Celina: É .

- E outra coisa: o que vocês têm na casa de vocês lá embaixo, o que vocês têm lá? Tem alguma coisa de diferente?

- Celina: Não.

- Não tem nada lá?

- Celina: Não. Tem só... - *(inaudível)*. Do lado tem uma peça, tipo um escritório, e mais pra lá tem uma casa de madeira.

- E o que mais tem lá?

Celina - Tem bastante madeira, serra, tem...

- O que mais ... você está falando a verdade? O que tem mais lá?

- Celina: Tem uns... - *(trecho inaudível)* - ... dentro do pátio.

- É? Dentro do pátio aonde lá?

- Celina: Perto da entrada, assim, da serraria.

- O que tinha lá?

- Celina: Nós fizemos uma oferenda.

- Por que foi feita a oferenda? Conta?

- Celina: Nós fizemos uma oferenda, nós oferecemos os órgãos...

- O que mais Celina? Guardaram alguma coisa ali dentro?

- Celina: *(palavras desconexas, ininteligíveis)*.

- Aproveite Celina pra contar tudo, aproveite que tem a tua chance, eu vou te ajudar.

(O interrogador continua falando bastante, mas não dá pra ouvir o que ele fala com nitidez, mas algumas palavras dão a entender que ele exorta a mulher a que

fale para ser ajudada e para aproveitar a oportunidade, se não depois as coisas vão ficar mais difíceis para ela e a filha).

(Interrupção).

(Som de televisão ligada em desenho animado).

(Silêncio, apenas o barulho do próprio gravador por um bom tempo, alguém manuseando o aparelho, ruído das teclas).

(Silêncio total).

(Um falas: “conheço um fazendeiro...”, aparentemente sem ligação com o interrogatório de Celina).

(Fim da fita cassete).

Agora, vamos falar das testemunhas. Antes de tomar os depoimentos, o promotor Aciofi me chamou e disse, “olha rapaz, nós temos que dar um jeito nisto; temos que desbancar estas testemunhas”. Porque se fossem testemunhas mesmo, quentes mesmo, era uma coisa; mas todos queriam depor apenas para dizer que conheciam os acusados, para mentir também, e só pra fazer volume, então não.

Até havia no meu caderno anotações sobre estas pessoas, inclusive sobre um sujeito que comia bananas para dar golpes. Como é? Eram dois irmãos, um foi morar em Guaratuba e prometia fazer as pessoas emagrecerem em poucos dias, tendo o irmão dele como modelo. Pois é, estava tudo naquele caderno, que acabei queimando, jogando fora. O golpe funcionava assim: o irmão mais novo comia banana, cachos inteiros, e engordava até ficar irreconhecível. Era apresentado às vítimas do estelionato e tomava alguns remédios falso. Parava, então, de comer a fruta, repentinamente, e em semanas emagrecia, assustadoramente. As pessoas ficavam surpresas e compravam os medicamentos, caros e que não serviam para nada; só enganação. E este golpista era uma das primeiros testemunhas de Celina e Beatriz.

Mas o doutor Ciofi disse que nós tínhamos que desbancar estes caras, eram mais de cem pessoas, ou perto disto, que queriam depor.

- Eu não sei como, você se vire ... – me disse ele. – Vai ter de achar um meio para desbancar estas falsas testemunhas.

- Então, tá bom – respondi.

- Mas o que você vai fazer?

- Eu não sei - fui sincero, porque eu não tinha a menor ideia dos procedimentos a tomar, isto em tempo curtíssimo.

Comecei a levantar a ficha de todo o pessoal que se apresentava para serem testemunhas. Não havia outra forma se não esta: descobrir os podres. Sinto pena de ter quimado minhas anotações, mas era necessário esquecer, depois da minha aposentadoria; era necessário colocar uma pedra em cima de tudo isto.

Vamos, agora, voltar ao Fórum – tenho de intercalar a história para poder me lembrar de toda a situação, se não me perco. Eu tenho uma outra fita cassete, gravada pouco depois da primeira confissão de Celina, quando, disfarçadamente, coloquei um gravador na gaveta.

- Não quer tomar uma água? – perguntei de repente.

- Ah, meu Deus, uma água era bom – disse Celina.

- A senhora quer água gelada ou pode ser sem gelo?

- Da torneira mesmo, por favor.

- A senhora aguarde, que vou buscar – fui gentil, tentando obter a sua confiança e corri levar a fita da primeira confissão à juíza.

Uma coisa importante. Eu sempre estive em contato com ela, desde o momento de sua prisão. Por que ela, nem uma vez só, me citou ou fez menção do meu nome durante todo o processo? Ela sabia o meu nome, tudo, mas não seria conveniente, pelo o que eu sabia e pelo que ela tinha me contado. Inclusive, na hora em que o cara tentou meter a faca nela na saída do Fórum, eu estava lá e rebati o golpe, como tem na fita de uma filmagem. Era um velho, que queria matá-la, porque, nesta altura dos fatos, muitas pessoas já se aglomeravam em frente ao Fórum, em protestos, que também se espalhavam pela cidade.

Bem, eu dei água a ela e saí dali, e voltei a falar com a doutora Anésia. Nossa, a juíza ficou estarecida.

- Meu Deus, tem que matar esta mulher – a juíza deixou escapar toda sua indignação, assim que ouviu o conteúdo da primeira confissão no pequeno gravador.

No primeiro contato que tive com a dona Celina, já com o aparelho ligado, eu falara desta forma:

- Puxa dona Celina, sabe de uma coisa: eu não acredito que a senhora, esposa do prefeito, se meteu com um rapaz deste aí, um bandido deste...

- Pois é... – ela não tinha palavras, resmungava cabisbaixa, realmente abatida.

- A senhora não podia se envolver com uma pessoa desta índole. Sabe que o cara é bandido e uma pessoa assim não tem nada a perder. Está procurando alguém para se encostar.

- Pois é. Mas vamos fazer o que, não é?. Ele pegou o nosso fraco. Foi nos ajudar pra termos mais dinheiro, pra ter saúde, sucesso político e... e acabamos matando o guri... mas eu não matei o guri – tentava justificar-se.

- Ah, sim, a senhora não matou. O que a senhora fez então?

- Nós só estávamos juntas, só participamos. Só vimos, mas não o matamos – dizia ela, quase sem forças para pronunciar as palavras.

Portanto, fomos eu, o capitão Neves e o Fontana à serraria, levando a dona Celina para que ela nos mostrasse como se deram os fatos. Entramos na serraria e na salinha onde fizeram o ritual, ela mostrou tudo certinho, como foi, assim e assim.

Continuando a conversa com ela no Fórum, eu a orientei:

- Olha dona, ali é a porta do banheiro. Se a senhora quiser tomar água, fique à vontade. Eu vou até o outro banheiro e já volto – aproveitei este momento para mostrar a fita à juíza. Ah, cara, a juíza ficou possessa.

- **Tem que matar esta mulher, tem que arrebentar, tem que dar um tiro na cabeça dela. Onde já que se viu uma coisa desta. Se eu não fosse juíza, tirava ela pra fora e a matava. Mas o que eu vou fazer, tenho que ficar quieta e me ater aos procedimentos legais - desabafou a doutora Anésia.**

A magistrada era uma loira, baixinha, muito inteligente, fora de série. Ficou tão irritada com o teor da fita, que deixou seu gabinete e foi até a sala onde estavam os acusados. Falava em tom severo:

- Dona Celina do céu... pelo amor de Deus, o que você tinha na cabeça, mulher? Pra que fazer isto? Você é mãe de família, tem filha também. Eu não tenho filho, mas quero saber de você que tem? Eu nunca tive filho. O que se passou na sua cabeça? O que você pensou, mulher? – a Celina ouvia e chorava, apenas resmungava algo sem nexos. – Onde já se viu uma coisa desta – a filha de Celina, Beatriz, não dizia nada, só ficava olhando, sentada logo atrás. – Onde já se viu, a sua filha aí, do lado. E se alguém pegasse e fizesse algo parecido com ela, quando era pequena. Eu não me conformo. Eu não me conformo – repetia a juíza, chocada, realmente, chocada com a descoberta, em parte porque conhecia toda a família Abagge nos relacionamentos sociais de Guaratuba e jamais poderia acreditar que a mulher e filha do prefeito se envolvessem em uma situação tão sórdida. – Olha, você

faz o seguinte, o que você tem que fazer, mulher, é se apegar com Deus... isto, se apegue com Deus. Olha, até o fim da sua vida, você vai ter que fazer isto, pensar em Deus todo dia, todo momento.

- É, pois é... – a Celina só conseguia dizer isto e chorar, transtornada, abalada; a sua filha, Beatriz, não chorava, mas mostrava-se assustada e irrequieta na cadeira, logo atrás.



Celina

e Beatriz Abagge em capa de revista, alegando serem vítimas de farsa policial



Beatriz Abagge dando entrevistas a jornalistas em saída de julgamento



Beatriz sendo amparada por advogada ao saber de sua condenação em 2011



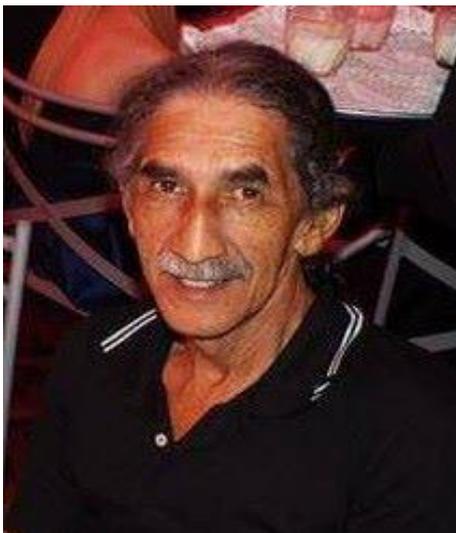
Celina acompanha sessão do seu julgamento no Tribunal do Júri de Curitiba



Beatriz, chamada de bruxa ao lado da mãe por assassinarem uma criança, afaga um “bichano”



Beatriz e Celina se dizem injustiçadas e torturadas para confessarem o ritual de magia negra



O “caboclinho” José Romálio Machado: um dos melhores policiais investigativos do Paraná e que solucionou o Caso Evandro, entre tantos outros, como o da menina Graciele, na cidade de Telêmaco Borba; faleceu em 16 de maio de 2016



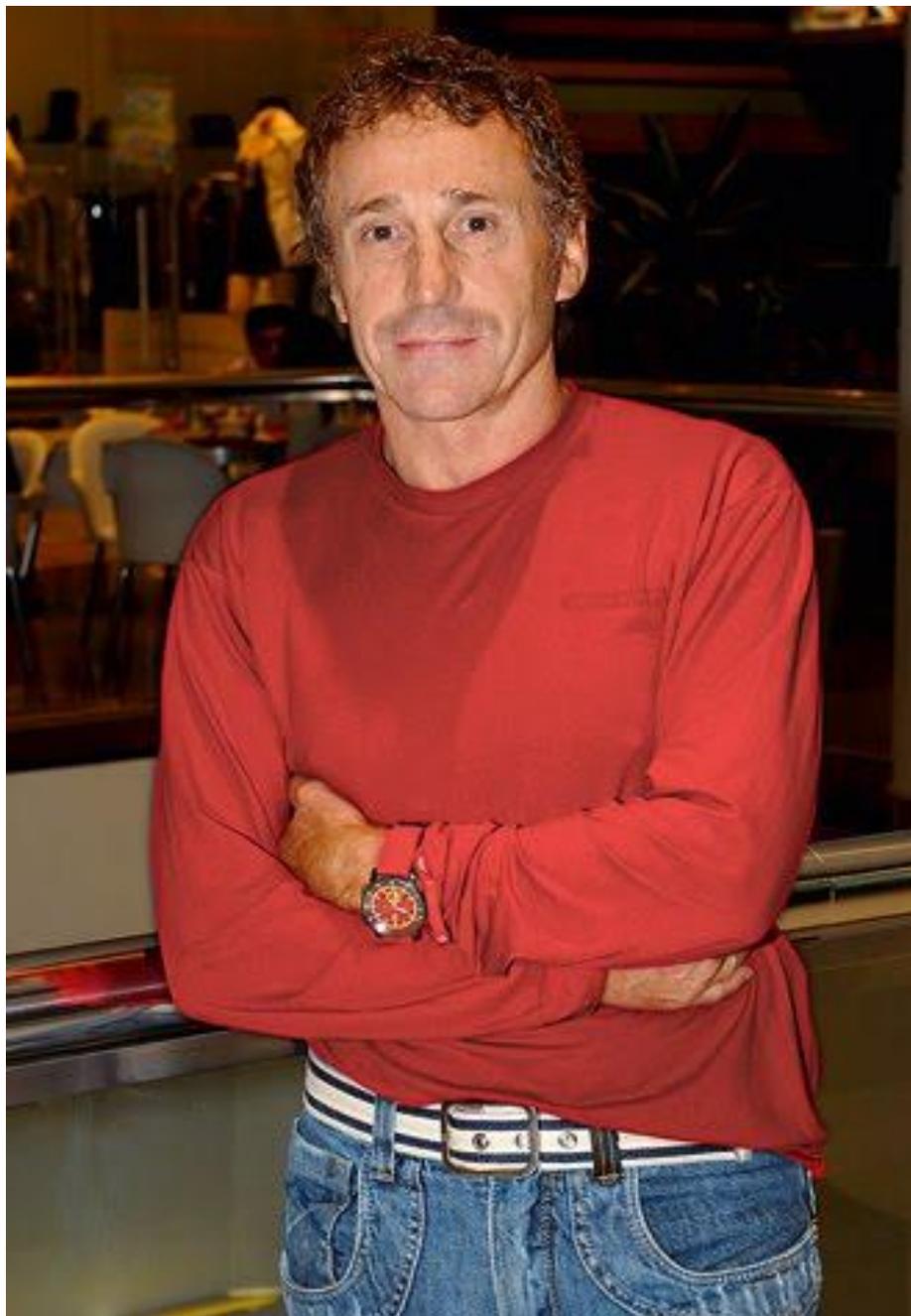
Mãe e filha são conduzidas por advogado na saída do Júri Popular



Beatriz depois do primeiro julgamento, em que fora absolvida



Com um traje cristão, Beatriz aparece em redes sociais e imprensa



O comandante do grupo que prendeu as bruxas de Guaratuba, Valdir Copetti Neves, hoje, coronel aposentado

Cronologia do caso

7 de abril de 1992
O estudante Evandro Ramos Caetano, 7 anos, é assassinado em Guaratuba, tendo membros amputados e vísceras arrancadas.

12 de abril de 1992
Corpo do garoto é encontrado no meio do mato. Polícia diz que ele foi vítima de um ritual de magia negra.
Semanas depois, tumultuadas investigações realizadas pela Polícia Civil e depois pela Polícia Militar levaram à prisão de sete suspeitos:

- Celina Cordeiro Abagge (mulher do então prefeito de Guaratuba, Aldo Abagge)
- Beatriz Abagge (filha de Celina e Aldo)
- Osvaldo Marcineiro (pai de santo)
- Vicente de Paula Ferreira
- Davi dos Santos Soares
- Aírton Bardelli dos Santos
- Francisco Sérgio Cristofolini

23 de março de 1998
Celina e Beatriz são levadas a júri no Fórum de São José dos Pinhais; após 34 dias de julgamento – o mais longo do País – ambas são absolvidas. Jurados entendem que o corpo não era de Evandro, apesar do DNA positivo e do exame de arcada dentária.
Promotor Celso Ribas (falecido em 7 de fevereiro de 2004) deixa o fórum chorando, abraçado pela mãe. Recorre da decisão e pede novo júri.

2003
Segunda Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Paraná anula o júri que absolveu Celina e Beatriz
Defesa entra com recurso

25 de abril de 2004
São julgados em Curitiba Osvaldo, Vicente e Davi. Os dois primeiros recebem condenação de 20 anos e 2 meses; o terceiro é condenado a 18 anos e 8 meses. Os três saíram algemados do tribunal e estão cumprindo as penas em regime fechado

20 de junho de 2005
Bardelli e Cristofolini são levados a júri popular, em Curitiba. Ambos foram absolvidos (já tinham ficado presos durante 7 anos e 7 meses). Promotoria recorre.

Outubro de 2006
A 1.ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Paraná manteve a absolvição de Bardelli e Cristofolini. Ministério Público entra com recurso no STJ. Está sendo aguardado julgamento do recurso que pode levar até 2 anos.

14 de abril de 2009
Segunda Turma do Supremo Tribunal Federal, por unanimidade, indeferiu o pedido de habeas corpus (número 94052) para Celina e Beatriz, determinando que sejam levadas a novo júri popular, no Tribunal do Júri de Curitiba.

O processo tem 52 volumes e 11 mil páginas.



Cronograma do Caso Evandro apresentado pela imprensa com base em dados policiais



Foto rara do arquivo de Romálio: Osvaldo Marcineiro em oferenda na praia de Guaratuba; teria sido neste dia o sacrifício da primeira criança, Leandro Bossi, que teve os restos do seu corpo jogados na baía



Evandro, 6 anos, sequestrado e assassinado no ritual de magia negra em abril de 1992



Fotografias, lembranças e brinquedos colocados junto ao túmulo de Evandro Ramos Caetano



O chamado guia espiritual dos bruxos de Guaratuba: Exu Sete da Lira, que exigia tudo com o número sete nos rituais a ele oferecidos



Na época da descoberta do corpo de Evandro, seguiram-se dias de terror; muitas crianças desapareceram no Estado do Paraná, gerando pânico nas famílias, como noticiavam os jornais



O julgamento de Celina e Beatriz, quando foram absolvidas para indignação do público



Os pais do menino Evandro, Maria e Ademir Caetano, durante o julgamento das bruxas



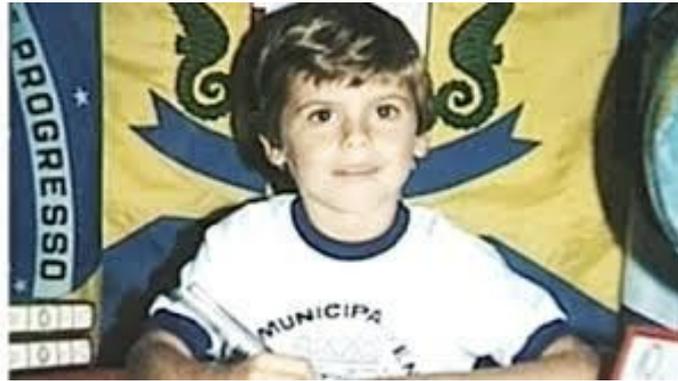
Celina e Beatriz comemoram a absolvição no primeiro julgamento ao lado de familiares



Valentina de Anrade da seita LUS – Lineamento Universal Superior – acusada de realizar reituais com mais de 14 crianças no Estado do Pará, Brasil; frequentemente, era vista em hotéis e eventos realizados na cidade de Guaratuba



O secretário de Segurança Pública do Paraná, Moacyr Favetti, que ameaçou soltar as bruxas numa praça de Guaratuba, diante das pressões políticas que sofreu para aliviar as investigações



Evandro em foto tirada na escola pouco tempo antes do seu assassinato



Beatriz é consolada durante audiências do seu julgamento em Curitiba



Evandro em outra foto recém tirada à época de seu sequestro pelos bruxos



O prefeito Aldo Abagge, em foto quando era mais novo; faleceu em 1995, vítima de câncer



A sala da gerência da serraria dos Abagge e, também, onde fora praticado o ritual de magia negra em que sacrificaram Evandro



Os jornais cobriram cada passo do caso, depois que a PM prendeu as bruxas



Túmulo do menino Evandro: polícia teve que montar plantão para que não furtassem o corpo durante as investigações e antes que se fizesse o exame de DNA

Mãe de Evandro já desconfiava da mulher do prefeito

Júlio Covello

'Depois que ele sumiu, ela vinha quase todo dia'

GUARATUBA, PR — Na casa da família Caetano, o desespero de Maria Ramos, mãe de Evandro, é permanente. Sempre abraçada à fotografia do filho, ela é uma mulher acabadada pelo sofrimento.

— Sempre desconfiei da dona Celina Abagge. Depois que o Evandro sumiu, ela vinha aqui quase todos os dias. Fazia chá para me acalmar e levava meus outros filhos para passear. Mas sempre queria evitar que a gente cobrasse a solução do caso, que se fizessem passeatas, cartazes — contou Maria, que trabalha na secretaria de uma escola municipal.

Ademir Caetano, pai de Evandro, também é funcionário municipal. Trabalha no Departamento de Pessoal da Prefeitura e tinha contatos frequentes com Celina Abagge.

— Acho que tudo o que está acontecendo, a prisão, o ape-



A família de Leandro: o pai, Ademir, os dois irmãos e a mãe, Maria, que mostra a foto do filho assassinado

drejamento da casa, a indignação das pessoas, já é um castigo para ela — disse ele.

Os outros dois filhos do casal — Caetano Júnior, de 12 anos, e Márcio, de 11 — continuam indo e voltando da escola sozi-

inhos, ao contrário de outras crianças da cidade, que deixaram de estudar ou são levadas pelos pais até os colégios.

— O que aconteceu com o

meu filho é uma fatalidade que não pode se repetir. Os culpados devem pagar, principalmente se tiverem relação com a morte do Leandro e de outras crianças. Agora, é confiar na Justiça — disse Ademir.

Prefeito pede licença e vai para Curitiba

GUARATUBA, PR — O prefeito de Guaratuba, Aldo Abagge (PB), pediu licença de cinco dias à Câmara de Vereadores do município, sexta-feira, alegando problemas de saúde. Desde a prisão de sua mulher e uma filha, dez dias, Abagge está em casa parentes em Curitiba. A casa família em Guaratuba foi visitada duas vezes, depois de ter o apedrejada durante manifestação de protesto. Também o departamento de Abagge em Curitiba foi revistado pela Polícia. Assim, assessores do prefeito garantem que ele não pensa renunciar.

— Aldo Abagge é uma pessoa lúta e voltará à Prefeitura assim que as coisas ficarem devidamente esclarecidas — disse o procurador do município, Sérgio none. Na Câmara municipal, locali-

zada no mesmo prédio, o recesso foi suspenso também na manhã de sexta-feira, para a instalação de comissão especial de investigação, aprovada pela maioria dos nove vereadores.

— Queremos acompanhar de perto o trabalho na Polícia e verificar se a Prefeitura teve algum envolvimento. Vamos inclusive analisar as contas do município, pois há rumores de que o dinheiro gasto no "trabalho" seria público — afirmou o presidente da Câmara, Emílio Amélio Matos de Souza (PMDB).

Para o assessor de imprensa da Prefeitura, Paulo Brasil, acusado pela multidão que depreudou a casa do Prefeito de ter conhecimento do ritual macabro, toda tentativa de envolvimento da família Abagge com o crime

não passa de retaliação política.

— O prefeito tem um atrito antigo com o governador Roberto Requião, desde quando este era presidente do Conselho do Litoral e impediu que em Guaratuba fossem construídos prédios de mais de quatro andares.

Em Guaratuba, que tem população fixa de cerca 18 mil habitantes, praticamente toda a população acredita no envolvimento do prefeito e de sua família no crime.

Depois de protestarem em frente à Prefeitura, cerca de 800 pessoas apedrejaram durante várias horas a casa da família Abagge: todos os vidros da varanda da frente foram quebrados e a multidão chegou a entrar algumas vezes na casa, carre-

gando cadeiras, mas foi contida pela ação da polícia. Desde então, a casa, assim como a serra-ria e um supermercado dos quais a família do prefeito é sócia, estão permanentemente guardados pelo batalhão de choque da Polícia Militar. Além dos vidros quebrados e das pedras no jardim, restou uma vassoura de bruxa pendurada por um manifestante num canto da sala.

AMANHÃ

'Polícia do Paraná investiga outros desaparecimentos de menores'

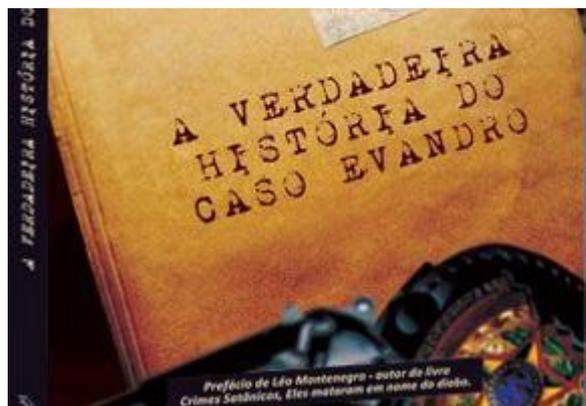
Evandro fora vítima das bruxas porque elas já conheciam a rotina dele e de sua família: ficou mais fácil sequestrá-lo



O delegado da Polícia Civil, Luiz Carlos de Oliveira, que duvidava que o corpo encontrado seria de Evandro; defendia a inocência das rés



Doutor Adalto do Grupo Tigre da Polícia Civil, que investigou o caso: sem sucesso



Livro escrito por Diógenes Caetano, tio do menino assassinado



O menino Leandro Bossi que, conforme confissões do pai-de-santo Davi dos Santos Soares em fita-cassete gravada, fora sacrificado em fevereiro de 1992 e seu corpo jogado na baía de Guaratuba para atender trabalho encomendado por Valentina de Andrade, presidente da seita LUS, sediada na Argentina. Apesar da confissão do bruxo, o caso foi ignorado pelas autoridades

FALTAM FOTOS (tentar tirar de vídeos do youtube):

- Diógenes Caetano (tem no youtube)
- Os bruxos sendo apresentados na SESP (ENTREVISTA COLETIVA) – tem num vídeo
- Protestos da população (o mesmo vídeo em que aparece Romálio) i
- Alguidar de sacrifício aparece no vídeo do Romálio;
- Várias fotos em vídeo do youtube: Caso Bruxas de Guaratuba no Hoje em Dia. (fechou).

V

O ASSASSINATO DA SEGUNDA CRIANÇA: LEANDRO

Ah, meu Deus do céu. Tivemos, às pressas, que retirar a mãe, a filha e o Osvaldo de Guaratuba e levá-los para concluírem os depoimentos na Companhia da Polícia Militar de Matinhos, para segurança delas, porque, num dado momento, a coisa explodiu, quando a população ficou sabendo das prisões. A notícia das detenções correu de forma espetacular, porém, muitas pessoas ainda não sabiam ao certo o que estava ocorrendo, mesmo assim os populares iam para as ruas protestar. Isto porque começaram a ligar as ocorrências: primeiro vai o pai-de-santo Osvaldo preso, depois a mulher e a filha do prefeito. Questão de lógica; foi uma avalanche. Nossa Senhora...

Muitos falaram que o Diógenes Caetano, tio da vítima, é quem inflamou o povo, mas nada disso. Quanto ele ficou sabendo das prisões, nós já estávamos em Matinhos (cidade a cerca de 12 quilômetros). Dava para sentir o clima de revolta e digo que eles corriam sério risco de linchamento. Comunicamos Matinhos sobre o nosso deslocamento, porque lá havia mais policiais para garantir a tomada de depoimentos. Matinhos tinha uma companhia da PM, já Guaratuba possuía quatro ou cinco policiais apenas, acho que seis policiais na época. Para se ter ideia, foi necessário também chamar a PM de Paranaguá até Matinhos para garantir alguma segurança. Houve necessidade de uma operação em que a PM fechou a entrada da cidade, liberando apenas o acesso à nossa equipe, que seguiu em comboio até a sede da Companhia.

Então, com mais segurança, a juíza doutora Anésia e o Promotor de Justiça Aciofi puderam dar continuidade aos questionamentos, em que, conforme o teor dos autos, os três acusados confirmaram as informações obtidas nos primeiros interrogatórios que havíamos gravado. E, olha, eles confirmaram abertamente, abriram o jogo de verdade, sem contrariedades.

Isto é importante, porque veja bem, se elas tivessem sido torturadas, tudo bem, elas foram torturadas. Mas quando chegou a hora dos depoimentos oficiais, estavam eles, a juíza, o promotor e o advogado de defesa; diante disto, o que ela, a Celina, deveria fazer? Não tinha dado depoimento em parte alguma ainda, nem em

delegacia, nem em nada. Daí qual a alegação dela – e delas -, tortura. A grande pergunta é: porque não denunciaram, durante a prestação de depoimentos, que haviam sido torturadas. Silenciaram, sabe por quê? Porque não foram torturadas e isto é ponto pacífico.

A dona Celina abriu numa boa, dizendo que havia participado, mas não matado o menino. Inclusive, numa conversa que tive com ela no Fórum, ainda em Guaratuba, ela me disse claramente, quando perguntei porque elas não se recusaram a seguir adiante no ritual:

- A partir do momento em que ele levou o menino lá e disse que ia só fazer o trabalho e acabou matando o menino, o que a gente ia fazer?

- Se vocês saírem daqui agora e eu for preso... vocês também vão – teria ameaçado o Osvaldo, segundo me contou Celina.

- Daí nós fomos obrigadas a ficar até o final - explicou-me ela.

Na hora em que nós fomos à casa... puta que pariu. Olha, se a gente, se a pessoa não tiver cabeça faz cagada... Lá na serraria, quando levamos a Celina para nos mostrar tudo direitinho como havia acontecido o ritual, no momento em que ela contou que cortou o pescoço do guri, de lado, pegou o sangue e derramou sobre a cabeça que era para ficar... puta que pariu, me escapa o termo. Ela contando, filha da puta, não é? Eu vou dizer uma coisa, olha, foi terrível ouvir aquela história. Ela contou da mesma maneira – como ele cortou, mostrou tudo, como foi cortado o pescoço, assim do lado assim, para tirar o sangue, onde foi feito o corte aqui para retirar as vísceras e o coração, com o guri ainda vivo.

Segundo Celina, eles seguraram, todos segurando assim, em sete pessoas. O que tem de acontecer: é que eles estavam fazendo um trabalho... Eu até perguntei: por que precisa de sete pessoas para segurar uma criança? O Osvaldo me explicou:

- É assim: são sete pessoas, no dia sete, às sete horas da noite, feito com uma criança que tenha sete letras no nome – explicou-me o bruxo, catedrático, levando-me a pensar também no menino Leandro Bossi, desaparecido meses antes, com mesmo número de letras no nome.

- E pra que isto?

- Para ser oferecido ao Exu Sete da Lira.

- Sete da Lira? O que vem a ser isto?

- O Exu Sete da Lira é o meu guia e ele exige tudo com número sete, ou seja, dia sete, sete horas da noite com a participação de sete pessoas – afirmou Osvaldo, explicando que isto incluía a criança com sete letras no nome, como Evandro, levando-me a também pensar no Leandro, que havia desaparecido meses antes em Guaratuba.

Tenho plena convicção de que as duas mulheres são culpadas, por isto que sempre digo: existe um corpo, não existe? Inclusive, confirmado por DNA. Existem as pessoas que declararam, abertamente, as barbaridades que cometerem com este corpo, de uma criança, correto? Ora, quem é que vai matar e depois vai dizer que não matou? Veja bem: nem que seja para mudar uma coisinha... Como a Celina, acha que não matou, apenas segurou. Mas ela não teve participação? É coautora, no mínimo, e mandante também.

Vamos a um exemplo banal: eu tenho esta televisão. Os caras vêm aqui e furtam-na, vão ali e a vendem. Se não tivesse outro cara pra comprar, os primeiros não teriam vindo invadir minha casa para furtar. No mínimo, o terceiro vai responder por receptação, numa quase coautoria, porque motivador do ilícito, assim em penso. Se ele não existisse, os ladrões não viriam furtar. Só o fizeram, porque tinha alguém interessado na compra. Então é assim, eles, o Osvaldo e os demais só mataram a criança porque tinha alguém que ia pagar pelo assassinato.

Em nenhum momento praticamos qualquer tipo de agressão contra estas duas senhoras, pois não houve qualquer necessidade, elas contaram o crime, espontaneamente. É o que eu estou atestando. Olha, a única hora em que Celina quis ser mais durona foi no momento da prisão, na casa, quando ela disse que só saía dali depois de ligar ao advogado. A única hora em que a Celina se mostrou mais resistente, porque dava a impressão de que ia emperrar. Em nenhum instante mais, depois disto, ela teimou, esboçou algum tipo de reação.

As duas mulheres, orientadas por advogados, nos acusaram de tortura. Mas como praticaríamos tal ato dentro do Fórum? Nas dependências do Fórum, a poucas quadras da casa das então acusadas, que só não é possível enxergar dali por causa de uma esquina? Da residência do prefeito, saímos com elas direto para o prédio, onde prestaram os primeiros depoimentos que tivemos a importante ideia de gravá-los com aparelhos portáteis, equipamentos avançados para a época.

A advogada Isabel Kruger, dos Direitos Humanos da OAB do Paraná, vem denunciando que até hoje as duas mulheres têm marcas de violência pelo corpo,

hematomas e resquícios do que seriam choques elétricos. Vou contar uma história sobre esta advogada, que é minha velha conhecida. Olhe só. Eu prendi um cara no Município de Tibagi, região dos Campos Gerais, tomando o cuidado de levá-lo até o Fórum, onde conversei com a juíza. Expliquei-lhe que havia prendido o rapaz com quantidade considerável de maconha e que ia fazer o flagrante dele na delegacia. Com o assentimento da juíza, o levei primeiro ao hospital da cidade, onde fizemos exames de lesões corporais, conduzindo-o em seguida à delegacia. O cara foi ouvido e... bem, tinha um pessoal lá do Conselho da Comunidade, cujos integrantes eram uma freira da igreja católica, o senhor Lasmar, gerente de farmácia, a dona Anita e o Carlinhos. Eu expliquei pra eles que o cara havia sido preso, era rico e influente na cidade, neto de proprietário de uma das maiores indústrias da região. Imagine o estouro? Eu dizia: vai dar pra cabeça. Os caras queriam me matar. Então, eu pedi para que estas pessoas, desta comissão, fossem lá e vissem o preso e fizessem o favor de constatar se ele havia sofrido alguma agressão, para depois não alegar que sofrera algum tipo de espancamento ou coisa parecida. Eles concordaram comigo. O Lasmar ainda bancou gente boa comigo, fez mais do que o esperado. Chegou, entrou na sala e todos nós saímos.

‘ Bem, meu rapaz - disse ele. - Aqui está a irmã e estas outras pessoas idôneas da comunidade. Tire a camisa, por gentileza.

- Tirar a camisa por quê? - quis saber o preso.

- Nós precisamos ver se você não está machucado e se os policiais não te bateram.

- Não, em mim ninguém bateu.

- Tá, mesmo assim, tire a tua camisa – ordenou o Lasmar.

- Não, não vou tirar, não há necessidade, até porque já fui ao hospital e fiz exame de lesões.

- Nós estamos pedindo, é importante, tire a tua camisa.

Ele, com muito custo, tirou a camisa e depois a calça. Todas aquelas pessoas confirmaram que ele não tinha nada, nada mesmo. A advogada Isabel Kugler, então, pegou o caso – eu tenho tudo isto no papel - e alegou que eu queimei o preso com cigarro, enfiei a cabeça dele no vaso sanitário, amarrei os punhos dele com arame... A Isabel Kruger era advogada sediada em Curitiba, mas que pegava causas em todo o Estado, O rapaz de Tibagi era neto de industriários poderosos, que a contrataram. Além disto, ela fazia parte da Comissão de Direitos Humanos da OAB/Paraná. Olha,

se você soubesse como ela defende a Celina e a Beatriz Abagge? É coisa espantosa, tanto empenho, empenho que não se viu no caso dos demais bruxos, como o Osvaldo, por que será? Porque não tinham dinheiro?

É uma situação complicada. Bem, esta advogada entrou com uma ação na Justiça e eu respondi processo por tortura. Na continuidade do processo, ele foi ouvido, juntamente com a sua defensora. Um dia, cheguei para ser ouvido. Na audiência, eu neguei que o tivesse torturado, mas a advogada Isabel Kugler rebateu, dizendo que o rapaz havia sido preso e ficado horas em meu poder.

- O policial prendeu o meu cliente pela manhã, às 10 horas, e no outro dia eu estive na cela da delegacia e constatei que meu cliente não podia levantar da cama, de tanto que apanhou, apresentando queimaduras de cigarro na barriga, queimado nas nádegas – discorria ela, acusando-me perante a juíza.

Lembrei o nome do acusado: Moacir Terésio Teixeira. Bem, na audiência, a advogada terminou a sua argumentação. A juíza chamou as testemunhas. A primeira a entrar foi a freira.

- A senhora conhece o senhor Moacir Terésio Teixeira? – indagou a magistrada.

- Sim, conheço.

- A senhora fez visita em cubículo da delegacia local?

- Fiz.

- Por que?

- Porque o policial pediu o nosso apoio para averiguarmos se o preso estava ou não ferido.

- Daí, o que a senhora viu nele?

- Não, não apresentava ferimento algum.

- Qual o sinal de agressão que a senhora constatou nele?

- Não, ele não possuía sinal algum que ensejasse agressão, espancamento. Inclusive, o senhor Lasmar mandou-lhe tirar a camisa e ele se opôs por um bom tempo, dizendo que já havia feito exame de lesões corporais no hospital. Diante da insistência, ele tirou a camisa e a calça, ficando seminu, quando, então, pudemos constatar que nada existia.

- Havia queimaduras de cigarro pelo corpo do preso?

- Não, de forma alguma.

- Cortes?

- Não vimos.

A juíza questionou da mesma forma as demais testemunhas, o Lasmar, o Carlinhos, a dona Anita, sendo que todos confirmaram a mesma história, a mesma versão e a negativa de que tinham notado qualquer tipo de agressão. Tenho tudo isto registrado, tenho o processo em mãos.

Numa época, também no Município de Tibagi, eu prendi o maestro da cidade; deste caso eu tenho fita cassete de toda a situação. Bem, eu prendi o maestro. Ela, a advogada Isabel Kruger, me denunciou também por tortura. A mesma advogada, acho que tínhamos uma ligação transcendental. Ela morava fora, boa parte do tempo em Curitiba, mas tinha muita amizade com a família do coronel Paredes da PM, originário de Tibagi. Ela é onipresente, acompanhou o caso Guaratuba: era o meu carma de vidas passadas. Há fotos dela na Internet: é alta, elegante e usa sempre cabelos curtos.

Quando eu estava em Tibagi, um dia chegou ao Fórum o deputado estadual Algaci Túlio. Entrou no prédio, apressado, cheio de autoridade.

- Bom dia – se dirigiu ao escrivão e eu ali, ao lado da porta. – Preciso falar com a juíza da Comarca -, dizia, enquanto me encarou e só deixou sair um “bã”, cara amarrada. – Diga pra doutora que eu sou o deputado Algaci Túlio e preciso falar com ela.

- Então, o senhor tem que falar com ele aí – o escrivão me apontou, junto à porta.

- Tudo bem soldado Romário – falou o meu nome, porque já me conhecia de outros carnavais.

- Tudo bem – respondi seco.

- Eu preciso falar com a juíza, é possível?

- Pode, claro, excelência – dei alguns passos, abri a porta e fui até a magistrada. – Doutora, o deputado Algaci Túlio está aí...

- E o que ele quer? – disse, atarefada com processos sobre a mesa.

- Acho, acredito, tenho a remota sensação de que ele veio me denunciar pra senhora – fui irônico, não segurando um riso indisfarçável. – Vai me denunciar por tortura.

- Eu não quero falar com ele.

- Seria bom a senhora atendê-lo – aconselhei, na verdade interessado em saber do que se tratava, pois a curiosidade minha era grande e também não queria ficar com a expectativa de mais um processo.

- Então abra a porta – disse a juíza.

- Bom dia, com licença. Doutora, eu sou o deputado estadual Algaci Túlio, muito prazer...

- Está bem. O que o senhor deseja?

- Eu preciso falar um assunto com a doutora...

- Então, o senhor pode falar.

- O que eu tenho para falar tem que ser em particular – dizia, olhando-me de soslaio, preocupado, atrapalhado com as palavras.

- O senhor pode falar – disse ela, enquanto o deputado, constrangido, olhou para mim. – Pode falar tranquilo, porque o soldado não fala; ele é surdo, mudo e cego.

- Eu gostaria de que ele saísse do seu gabinete.

- Se o senhor não puder falar na presença dele, vossa excelência venha outra hora.

- Bem, doutora, é que é o seguinte... é sobre ele mesmo.

- O que é sobre ele? Pode falar.

- É sobre tortura...

- O senhor tem alguma coisa concreta?

- Eu tenho aqui, umas cartas.

- Me passe aqui. Não vou nem abrir. De quem são estas cartas?

- Eu as recebi no meu gabinete na Assembleia Legislativa. São denúncias contra o soldado.

- São cartas anônimas?

- Sim, são.

- Então vossa excelência vai me desculpar, mas eu não tenho tempo a perder. Tenho que terminar meu trabalho. Ele é policial militar, o senhor vá lá no batalhão dele e faça a sua denúncia. Cartas anônimas, eu não aceito. Passar bem.

O deputado entregou, na sequência, as cartas no batalhão a um capitão, que me ligou dias depois, informando-me da denúncia. Ele pediu para falar com a juíza, porque a denúncia era de Tibagi. Ah, então o senhor pode vir a Tibagi, quando quiser, eu disse. Numa manhã, ele apareceu no Fórum, conversou com a doutora,

fomos almoçar juntos; esclareceu alguns fatos, inclusive a juíza repassou a ele que todos aqueles que me denunciavam em cartas eram uma tropa de vagabundos, pois todos conhecidos pela falta de caráter e idoneidade, a parte podre da cidade, com o que o capitão concordou e disse que se era assim, por ele estava tudo bem, sem mais problemas.

Almoçamos numa churrascaria e a juíza é quem pagou a conta. Dias passados, no entanto, fui indiciado em inquérito policial militar no batalhão da cidade de Ponta Grossa. Eu relatei o fato à juíza, porque havia saído o resultado do inquérito, pedindo punição disciplinar para mim. Falei à doutora... ah, homem do céu. Na sexta-feira, eu a levava para Curitiba, quando ela me pediu para sairmos mais cedo, porque queria passar no batalhão. A gente saía de lá quatro e meia, cinco horas, mas, naquela sexta, saímos às treze horas. Seguimos direto para o quartel e lá chegando eu estava fazendo a volta na frente do portão para estacionar e conduzir a juíza até a sala do capitão, quando ela pediu para que eu entrasse junto. Eu disse que seria melhor esperar no carro, pois não queria me indispor com meus superiores hierárquicos.

Eu parei o carro junto à guarita e perguntei ao sentinela se o capitão estava. Quando o soldado me respondia, avistou o capitão que passava pelo pátio indo em direção à sua sala, que ficava num prédio à esquerda da entrada do batalhão. Eu o chamei até o carro, ele veio meio contrafeito, passos lentos, pois não sabia quem estaria no interior do veículo. Rente à janela do passageiro, levou um susto.

- Tudo bem, doutora? – se apressou a estender a mão.

- Tudo bem, não senhor – ela o cortou. – Senhor capitão, eu vim lá de Tibagi só para falar uma coisa. O senhor me fez perder tempo. Foi lá em Tibagi, conversou comigo, eu lhe expliquei o que estava acontecendo, pensei que as coisas haviam ficado claras; paguei o almoço para abrir uma oportunidade de falar do policial e... capitão, ele é policial de vocês, não meu. E defendo ele até o final contra aquela corja de vagabundos que o denunciou. E você, meu camarada, pedir punição a ele. Este é o pior dos absurdos. Sabe de uma coisa, senhor capitão, nunca mais cruze a minha frente – falou mostrando toda sua indignação, olhando-o, ali, junto à janela do carro, pasmado, sem ter o que dizer; quando ele quis dizer algo, ela se antecipou. - Tchau, capitão. Vamos embora, toque este carro – o deixou falando com o vento.

O capitão insistiu em pedir punição na conclusão do inquérito, mas, chegando os autos a Curitiba, o pessoal do CPI – Comando do Policiamento do Interior –

rechaçou tais alegações, anulando qualquer tipo de decisão tomada em nível de batalhão, isto porque, acredito, aquele comando já conhecia o meu trabalho de longa data. Por eu estar trabalhando diretamente com a juíza, veja bem, não havia tempo hábil para ficar com um preso por horas e, assim, poder torturá-lo, como alegavam aquelas pessoas de Tibagi. A juíza daquela cidade era bem rígida quanto a este procedimento. Prendeu em flagrante, leva à delegacia e, posteriormente, já apresenta a papelada no Fórum. Portanto, as denúncias eram infundadas, como entendeu a própria magistrada e, mais tarde, a cúpula do comando estadual.

Estou citando este caso de Tibagi de forma ilustrativa, porque fora algo parecido com o que acontecera em Guaratuba, onde a nossa equipe PM trabalhava em sintonia com o Judiciário, o Ministério Público Estadual e, por vezes, a Polícia Federal. Os envolvidos no caso Evandro foram caindo como num efeito dominó, começando pelas primeiras declarações do pai-de-santo e, depois, pelas confissões de Beatriz e Celina, sem haver necessidade de dar um tapa. Assim derrubaram os demais participantes, como o Bardeli, o Christofolini, o Davi dos Santos e o De Paula, os quais fomos recolhendo e levando à presença do Poder Judiciário.

De algumas prisões, eu não participei, diretamente, porque havia seguido para Curitiba, onde permaneci cuidando das duas então acusadas e do Osvaldo. Eu os levei e, dias depois, voltei para continuar as investigações. As prisões dos demais envolvidos se deram todas num mesmo dia. Um deles, este desgraçado de que não me recordo o nome, foi preso em Curitiba pelo capitão Xavier da Companhia de Choque. Mas que cara, não é possível? Olha, o pior é que não tenho mais nada deste troço, joguei fora, queimei.

Confesso uma coisa, neste cidadão do qual fogue-me o seu nome, eu tive que dar uns petelecos na cara dele. Falo abertamente, porque me tirou do sério. Numa das conversas, ele ergueu a voz e disse: “Eu sou policial militar, cara”. Policial militar o quê, vagabundo, e... realmente levou uns bons tapas. Já tinha sido preso pelo capitão Xavier e nós fomos buscá-lo. Ele quem contou aquela história do Pai Veco, irmão do deputado estadual Aníbel Curi, presidente da Assembleia Legislativa.

Depois que me obrigou a “basqueteá-lo”, ele abriu o jogo. Isto aconteceu na balsa em Guaratuba, quando estávamos atravessando; ficamos na parte de trás, escura, quando quis botar banca: “... é, eu sou policial militar”. Eu: pá, policial militar tá aqui... Após a refrega, resolveu dar o endereço do Pai Veco, que ficava atrás da Coca-Cola, em São José dos Pinhais, Região Metropolitana de Curitiba, onde

funcionava um centro de umbanda em que havia suspeitas de marcas de sangue humano nas paredes.

Na sequência, relatou tudo, deu detalhes, envolvendo todos. Inclusive, ele assumiu que era o ogan, como é chamado na umbanda. Ogan? É o senhor mão-de-corte. O cara que corta, que sabe o local certo para cortar. Ele batia o tambor e era ogan de corte. Não é como nestes centros fajutas em que uma mulher vai lá e torce o pescoço de galinha ou outro animal. Com eles, o negócio era mais sério.

Já o Osvaldo fez uma confissão importante, sem levar um tapa. Sabe como? A gente estava nos corredores da Companhia PM de Matinhos, esperando que as testemunhas fossem ouvidas. Algum policial deu o toque, dizendo que não era bom deixar o Osvaldo no corredor, porque de repente chegava algum louco e o esfaqueava. Eu, então, o levei para os fundos da Companhia, um terreno, junto de uma motocicleta que estava estacionada. Ele, neste instante, estava sem algemas. “Mas este cara sem algemas?”, preocupou-se um dos policiais. Eu falei: não, é para ele correr mesmo.

- Fiquem tranquilos, eu não vou fugir – disse o Osvaldo, encostando-se na motocicleta, rente ao muro. Foi neste momento que me contou a história do Leandro Bossi, o outro garoto que estava desaparecido desde fevereiro.

- E a história do Leandro? – eu perguntei; estava junto o sargento Vinícius.

- Num dia em que teve o show do Moraes Moreira... – daí contou a história: foi ele que pôs o corpo do guri num saco e o levou numa motocicleta, jogando-o em certo trecho da baía de Guaratuba. Um dia, íamos passando à beira mar, quando pedi para que mostrasse mais ou menos aonde havia dispensado o corpo da criança.

- Vai passando devagar ... – ia nos dizendo. – Passa a casa do Barrichelo, Barrichelo não, do Maurício Gugelmin, piloto de Fórmula 1; quando passar a casa, do lado de lá, onde está instalado o late Lady Laura ... – foi nos indicando, quando demos uma segurada na viatura. – Está vendo aquelas pedras lá? Então, foi naquela beirada ali que eu joguei o pacote com o corpo do Leandro.

Todas estas informações nós as repassamos ao Poder Judiciário, ao Ministério Público e à Polícia Civil, que chegaram a ouvir o Osvaldo sobre este suposto segundo assassinato, porém, todas as autoridades se aquietaram, não deram sequência às investigações. O que atrapalhou bastante a elucidação deste crime foi a conduta do pai do menino Leandro.

O velho Bossi é maluco, porque de repente apareceu um menino em Guaratuba e ele andou mostrando a todo mundo. “Aqui, ph, é o meu filho que tinha sumido e agora voltou pra casa, graças a Deus”. E falava, anunciava aos quatro cantos: “Falaram que tinham matado meu filho e agora tá aqui ele”. Passaram alguns dias, foram ver o garoto que ele levava para cima e para baixo e descobriram que se tratava de uma criança de Santa Catarina, nada a ver com o seu filho. O velho é um retardado, porque acompanhou tudo, todas as apurações, inclusive quando fomos lá ver onde o Osvaldo disse ter jogado o corpo do Leandro. Mais tarde, sei que policiais estiveram fazendo buscas e levantamentos na baía, acompanhados do Osvaldo.

Pelo que pude acompanhar, houve abertura de inquérito na Polícia Civil que deu em nada, abafaram, acabou. Do ritual em que vitimaram o Leandro Bossi, não houve participação de Celina e Beatriz Abagge, mas tiveram envolvimento o Osvaldo Marcineiro, o Christofolini e o Davi. Só os três. Eu até tenho uma outra fita cassete, em que o David dos Santos Soares confessa participação e delata os comparsas na morte do menino Leandro. Deixei-me só encontrar neste emaranhado de caixas e caixas; eu já a encontro, pois está uma bagunça esta edícula ou galinheiro, como prefira.

Está aqui a fita em que o Davi dos Santos Sores fala, revela, dá detalhes sobre o assassinato do Leandro, envolvendo seu comparsas. Infelizmente, o inquérito não foi adiante, apesar de haver robustas provas que levariam estas pessoas à condenação. Esta confissão de Davi se deu já quando Celina, Beatriz e Osvaldo estavam sob custódia da polícia.

Eu e o capitão Neves o interrogamos. Vamos ouvir:

- Qual o seu nome?
- Davi dos Santos Soares.
- Quantos anos tem?
- Tenho 30 anos.
- Você mora onde?
- Na Rua Manoel Ribas, 321, Guaratuba.
- Você é aqui de Guaratuba?
- Não. Sou de São Mateus do Sul.
- O que você sabe a respeito do Osvaldo e do pessoal que está envolvido aí?

- Até onde eu sei, este pessoal mexe com umbanda e canbomblé e vieram para cá pra instalar uma tenda aqui.

- E daí?

- Instalaram uma tenda e atendiam muitas pessoas da cidade, que foram todas pro lado dele, que o procuravam e iam lá pra fazer vários despachos de umbanda e candomblé. E como eu era conhecido dele, eu ia sempre lá, mas não participava. E com o tempo comecei a participar para poder me desenvolver, né. Daí, comecei, né, mas passou um tempo eu desisti, pois já faz mais de um mês que eu saí de lá. E é isso.

- Você saiu de lá por quê?

- Por causa que eu não, não, concordava muito com o que acontecia, pois eles davam mais preferência para as pessoas que tinham dinheiro do que pra gente. Por exemplo, eu jogava búzios e dizia que você está condenado e tem de dar comida pro teu santo, mas quando a pessoa voltava pra nova consulta, eu daí não jogava búzios, deixava esperando, mas, quando chegava gente de dinheiro, passava na frente. Daí, eu já tava achando que era sacanagem, daí com o tempo que comecei a sair de lá.

- A respeito do caso do guri, o que você sabe?

- O que eu sei foi o seguinte: eles tinham que fazer um corte, um trabalho forte... (*trecho inaudível*) e que o De Paula sabia ... (*trecho inaudível*) é o corte de “bázaro”, um trabalho forte da macumba Um negócio forte. Daí, na noite anterior à morte do moleque, do menino, né, do Evandro, eles se encontraram lá na casa, o Osvaldo, a Andréia, o De Paula e esta Beatriz, né, que é ela que tinha encomendado o serviço. A Beatriz é filha do senhor Aldo Abagge.

- Quem é Aldo Abage?

- Aldo é o prefeito.

- E daí?

- Eles estavam na mesa conversando, daí ela disse que sabia onde o garoto morava e sabia a hora que a mãe do garoto trabalhava; daí ele saía sozinho de casa, aí era a hora boa. Daí combinaram dela passar pela manhã lá e pegar o De Paula.

- Quem ia pegar?

- A Beatriz.

- Quem pegou o guri?

- A Beatriz e o De Paula, né. Daí a noite eu fui pra minha casa, daí no outro dia eu só fui à noite lá. Eu tinha ido no centro da dona Hortência e fiquei por ali e daí era onze horas, quando foi uma pessoa dizer que havia sumido o menino e que as pessoas estavam procurando; daí que foi todo mundo para a casa do Evandro. A mãe dele conversou com eles, daí eles ainda estavam vestidos com as roupas do centro.

- Quem foi lá?

- O Osvaldo, a Andréia e o De Paula foram na casa do Evandro no dia em que ele sumiu. Foram lá, a mãe dele conversou com eles, pediu que fizessem alguma coisa, que ajudassem ela, daí que o De Paula falou que ia chamar a entidade Zé Pretinho, que o Zé Pretinho é responsável, daí que saímos dali.

- Você estava junto?

- Eu tava junto, né, eu tava na casa deles. Dali, saímos para a cidade, porque a gente ia fazer um lanche, pois já era umas onze e cinquenta, perto da meia-noite; quando paramos num bar, quando chegamos ao Talito Bar, ali, para comer uma batatinha lá, mas o cara falou que não tinha, que não tinha, daí nós fomos para a casa do senhor Costa. Lá a mulher dele fez uma janta lá, né, e quando a gente estava jantando, daí veio esta mulher, a mãe do Leandro, do Evandro, e ficou lá. Eu sei que duas horas da manhã, ela perguntava as coisas para o De Paula e ele respondia, né, falava de buscar em alguns lugares e tal. Daí, pediram para sair procurar, eu fui, amanheci na rua procurando por ele.

- Você sabia o que tinha acontecido?

- Não sabia, não sabia, pois se eu soubesse tinha falado.

- Você sabia pra que era este trabalho?

- Não, acho que só o Osvaldo mesmo, porque se a pessoa tem um trabalho ela encomenda, então ela fala só com o pai-de-santo, né, daí ele faz o que você precisa.

- (*Pergunta inaudível*)

- Daí eu não sei. Deve ser desta posição, né, porque eu, sinceramente, não sei dizer pro senhor pra que eles iam fazer este trabalho. Eu ainda sou leigo no assunto, neste negócio de trabalhos.

- Quem é o vereador que vocês falam?

- O vereador é o Odílio, não sei o sobrenome.

- Ele tava junto?

- No dia seguinte ele saiu junto, saiu junto com eles.
- Saiu para pegar a criança?
- Não, ele andava com eles... espera aí, eu estou confundindo. Sei que à noite ele tava lá, sabe, eles não falam estas coisas com a gente ou perto da gente, acho que é uma certa segurança, sabe?.
- Quem é a pessoa candidata a prefeito, uma mulher, quem é?
- É, eu tô tentando lembrar o nome dela, que é do partido do seu Aldo; da secretaria de Cultura, é Denise, Denise, Denise, ela é mulher do Acemar, o médico Acemar; ela seria candidata a prefeita.
- Este trabalho era para ela ganhar a prefeitura?
- Não ela mesma, a Denise, era novinha ainda, e não sairia candidata à prefeita. Nesta época, ela ainda não era candidata ainda, o Aldo que ia lançar um candidato do partido dele. No começo, ele queria lançar o vice dele, que era o Ananias, ele queria colocar o Weber, Gleber, eu não sei o nome direito do jornal, né, tinha outro cara que eu não recordo o nome, mas acho que não acertaram, porque tem também o Antônio Costa também ficou de ser, porque é do PST. O Antônio Costa poderia ser candidato deles. Daí no final das contas, o PST lançou cinco candidatos a vereadores só e só o seu Aldo a prefeito.
- Qual é a participação do senhor Antônio Costa?
- Do garoto, eu não sei se ele tem alguma ligação, porque o trabalho não era pra ele; o trabalho era para este pessoal da política. É o senhor Ananias, o senhor Aldo Abage, a dona Celina, a Beatriz, é este menino lá, o vereador, esqueci o nome dele...
- *(pausa na gravação)*. .
- ... a gringa? Eu não sei que trabalho que ele fez pra eles, mas sei que numa temporada deu 550 dólares pra ele.
- Pra quem?
- Pro Osvaldo.
- Pra fazer quê trabalho?
- Eu não sei que trabalho era feito, mas eu sei que todo mundo ficou espantado por ele ter feito um trabalho para ela e ela veio e deu 550 dólares.
- Foi quando sumiu o Leandro?
- É. Foi no Carnaval, né.
- De onde é esta gringa?

- É da Argentina. Eles têm o endereço dela.
- Eles têm o endereço dela?
- Eles têm.
- Como é o nome desta gringa?
- Eu não sei. É difícil. Eu sei que ele recebeu este dinheiro, porque ele falou.

Daí eu perguntei: o que você fez pra ela? Ele disse: eu fiz um trabalho pra ela pra fechar negócio com uma rede de bancos na Argentina. Daí que eles jogaram no mar o trabalho, fizeram um pacotão e jogaram no mar, na baía;

- Quem fez o pacotão?
- O Osvaldo... saíram no carro e jogaram o pacote na baía.
- Ele comentou alguma coisa sobre o lugar?
- Não, sei que nesta época o Leandro sumiu; ele fez um trabalho pra gringa,

fez um trabalho grande e jogou no mar.

- Um pacotão?
- Sim, um pacotão.
- Quem jogou o pacotão no mar?
- O Osvaldo.
- Quem mais?
- O Osvaldo e o De Paula. Eles encostaram o carro ali e foram lá e jogaram,

né.

- Quem os viu jogando o pacotão no mar?
- Quer ver, foi o... não consigo lembrar, nem dizer precisamente, mas a informação que eu tenho é esta a de que quando o Leandro sumiu a gringa pediu um trabalho, parecido com este pra abrir caminhos na política, um trabalho grande feito aqui, que o Osvaldo recebeu um monte de dinheiro e daí é isto.

- Você acha que este pacotão que jogaram?
- Acho que pode ser o Leandro, né, porque ele não apareceu, né.
- (*Trecho inaudível*).

(*Fim da gravação*)

Mesmo depois de todos eles presos, nós demos continuidade a muitas diligências e cumprimento de mandados de busca e apreensão; apreendemos, por exemplo, capas de bruxos, entre outros objetos. Até foi interessante. Na casa daquela mulher... da velha Mãe Jussara, estávamos eu e o Silva, que também é

meio maluco, um gordão. Ele chegou assim, numa capelinha do centro de umbanda dela:

- Ei dona, o que é este negócio aqui? – queria saber ele, junto de umas imagens de barro.

- Ah, estes aí são meus guias – respondeu ela, tentando ser alegre, embora estivesse preocupada, porque já sabia das prisões do Osvaldo e dos demais. – São meus guias, meu filho – dizia a velhinha mãe-de-santo.

- É dona, mas este aqui é o diabo, não é?

- Mas por quê?

- Ele tem chifrinho, ué, é diabinho.

- Ah é, então é.

O Silva fez espatifar no chão a imagem, voando cacos pelo piso da capelinha inteira.

- E este outro aqui, dona, também é o diabo?

- Se o senhor tá dizendo que é, é – dizia a coitadinha, meio arcadinha, olhos semicerrados, sentindo na alma a perda das suas entidades de barro, pois o Silva fez um estrago, quebrou quantas pode, quantas ele desconfiava de que fossem diabos.

- E este outro aqui, dona? É, este não tem chifrinho. Mas espere aí, olha, aqui tem uns sinaizinhos de que ele já teve chifre, tá vendo, dona, tá vendo. Então... – e lançou este último com toda a força contra o piso.

Era louco, acabou com os santos da mulher.

- O senhor pode quebrar tudo aí, pode quebrar, meu filho, são todos diabinhos mesmo; o senhor quebre – dizia a velha com dor no coração.

Voltando a falar do interrogatório do Davi, a gringa a que ele se refere é a Valentina Andrade, presidente do LUS – Lineamento Universal Superior –, com sede na Argentina, que gozava de livre trânsito no Brasil e vinha com muita frequência a Guaratuba. Pena, pena mesmo, que eu tenha queimado todos aqueles cadernos de anotações, pois havia muito material sobre esta instituição e sua mentora, idealizadora, investigada por sacrifícios de crianças no Pará e que nunca fora condenada, sabe por quê? Poder econômico.

O que me envergonha do Brasil é a impunidade. Usam-se dois pesos e duas medidas. Quem tem dinheiro tem bons advogados. Tem mais um detalhe: nem sempre há justiça, nem sempre ela é feita. As pessoas, geralmente, falam assim:

porque juiz e promotor tratam o cara pobre assim, se é rico, assim. Estão erradas, não é isso. Eu digo que não é, porque eu trabalhei bastante com juízes e promotores por este Paraná afora. O grande diferencial para se fazer justiça ou não está nos advogados, porque se um advogado for inteligente se aproveita das brechas deixadas pelos legisladores. E são muitas estas brechas e são muitas as interpretações.

Contudo, não há necessidade de mudar, de criar novas leis, bastava que elas fossem cumpridas, só isso, mas jamais juízes e promotores têm alguma culpabilidade nisto, pois apenas cumprem os seus papéis, limitados justamente pela legislação que apenas aplicam.

Eu vou citar apenas uma situação, dentre as tantas que vivenciei. Tinha uma promotora lá em Tibagi, doutora Ana Carolina Schafka. Ela era nova na cidade, inclusive era prima daquele cara que eu prendi, o Moacir Terésio Costa. Veja bem, como ela foi inteligente. Quando eu prendi o Moacir, ela, imediatamente, já se deu por impedida devido ao parentesco com o réu. Bem, no julgamento do José Amorim Pires, o homem que havia atirado na cabeça da enteada, depois de estuprá-la, na hora eu falei ao juiz, pois tinha liberdade: “Doutor Marcos, a doutora Ana Carolina vai levar um vareio dos advogados”. Por que, me perguntou o juiz. “Claro, os três advogados de Curitiba, um deles mais afamado, vão pra cima da promotora e acho que ela não tem muita chance”.

Veja bem, quando chegou o julgamento, preste atenção: o que eles, os advogados, se aproveitam... Por que é que acontecem as coisas, o cara é absolvido, comete a maior besteira do mundo e é absolvido? Às vezes, o cara que não fez, que não cometeu um crime, é condenado, vai ficar na cadeia. Bem, na hora em que se iniciou o júri popular, um dos advogados começou a fazer a sua explanação, chamando a atenção dos jurados para o Amorim, o criminoso que eu prendi, de cabeça baixa em sua cadeira de réu.

- Senhores jurados – dizia o advogado que liderava o trio de defensores. – Este cidadão aqui na frente dos senhores: observem, se condoam, tenham pena, tenham raiva. Vocês vão tirar um pai de família do meio da sociedade e colocá-lo num depósito... Vocês vão acabar com a vida de um cidadão. Prestem atenção no que eu estou falando. Vocês são pais de família também, igualmente a ele, são mães de família. Olhem, prestem atenção neste pobre diabo, que está cabisbaixo aqui, vejam o que vocês vão fazer com ele. É um pai de família, eu repito. A polícia e

o Judiciário tentaram provar que ele errou, mas não apresentaram testemunhas convincentes, testemunhas que fizessem a diferença no sentido de confirmar os fatos de forma definitiva e inquestionável... – e assim continuou com sua explanação por longo período.

Veio, então, a vez da promotora. Fiquei pensando: “Coitada da doutora Ana Carolina”. Ela iniciou o seu monólogo, trêmula, parecia inexperiente.

- Senhores e senhoras que compõem o corpo de jurados... Eu não tenho muito o que falar sobre este cidadão, José Amorim Pires. Agora, neste momento, eu sinto pena dele. Agora estou sentindo pena dele, porque o caro colega, defensor, como os senhores viram e ouviram, não está tratando este cidadão como ser humano. Pois ele falou para as senhoras e os senhores que são pais e mães. E ele pediu para que prestassem a atenção. Se ele como defensor está achando que ele é o diabo, o que devo achar eu que estou fazendo a acusação? E o que devem achar os senhores e senhoras que são pais e mães? O que nós devemos fazer com um diabo? – continuou ela a questionar os jurados, vendo os três advogados em desespero ao notarem a reação das pessoas; eles se coçavam, punham as mãos nas cabeças, visivelmente contrariados e pegos de surpresa pela estratégia errada que escolheram: o tiro saiu pela culatra. Moral da história: o cara foi condenado a dezoito anos de prisão.

O Tribunal do Júri é um teatro, quem debater melhor, quem falar melhor, quem tiver a lábia mais apurada, ganha. Resumindo, como diz o pessoal lá do mato, o boi lerdo só bebe água suja. Você entendeu? Os advogados procuram brechas na lei, aliado ao fato da influência da política e do poder econômico.

Mais uma história. Eu estive na cidade de Irati, onde um rapaz matou um taxista, porque estava sendo traído, pois a vítima, apesar de certa idade, andava traçando a mulher dele. Ele descobriu a traição e deu umas facadas certeiras no motorista. Foi preso, tinha que ir, ora, claro. Daqui a pouco, os advogados já alegavam que o assassino não podia ir preso, porque o que fizera qualquer um faria: lavara a honra atingida pelo comportamento infiel da mulher. Teria agido em legítima defesa da honra, o que é uma tremenda besteira. Moral da história: o cara, com boa parcela de chance seria absolvido pelo que vinham pregando os advogados de defesa, embora discutíveis suas alegações.

O que o advogado de acusação fez? Quando o velho taxista acabou assassinado, a perícia apreendeu a camisa dele, que, óbvio, não foi lavada. Ficou

com o sangue e os rasgos feitos pela faca. No dia do júri, o advogado, sabendo que estava a causa perdida, porque o assassino agiu porque, poxa, a vítima, mesmo idosa, ia buscar a mulher dele na casa para saírem a motéis. E o cara, sendo homem, porra... Bem, começou, então, o debate acirrado no tribunal do júri. O advogado de defesa: “é porque isto e aquilo, porque meu cliente, porque isto, porque aquilo, é assim, é assado”. Já o advogado de acusação, quando da sua vez de falar, ele se dirigiu aos jurados: “Olhem, eu vou falar uma coisa e vocês vão imaginar. Vocês têm um pai e ele está trabalhando... Ele cometeu um erro? Cometeu muitas vezes, visto que é um ser humano como nós, sujeito a erros, é, pois, da nossa natureza. Mas é seu pai. Mas você vai dizer: meu pai errou. Porém, se você olhar e ver ...” – daí se abaixou. “Se vocês olharem e verem seu pai chegar em casa nesta situação...” – e mostrou a camisa usada pela vítima no dia em eu foi morta, toda esburacada e ensanguentada, uma simbologia que realmente chocou a todos. O advogado passeava em frente dos jurados com a camisa naquele estado, por uns bons minutos. A maior oratória que ele pudesse ter ou desenvolver para impressioná-los não teria conseguido melhor efeito. Alguns dos jurados começaram a chorar. O que aconteceu? O cara pegou 21 anos de reclusão.

Outro exemplo de batalhas nos tribunais é o caso Graciele, a menina brutalizada, barbarizada por vagabundos maconheiros em Telêmaco Borba, em setembro de 1991. Houve um esforço descomunal para absolve-los, contando para tanto com influência polícia e poderio econômico, pois um dos acusados é filho do melhor advogado da cidade e o outro, de promotor de Justiça. Muitos deles estão presos até hoje, merecidamente. Até hoje, há grande dificuldade para ter acesso aos autos do processo no Fórum, porque material protegido como se fosse um segredo de Justiça. É para não constranger os pais dos envolvidos.

Bem, o que se deu lá?. Eles foram condenados mais devido ao clamor público. Se não fosse isto, eles estavam nas ruas, livres para cometerem outros crimes. Passados muitos anos, encontrei a menina que participou de toda aquela barbaridade, junto dos envolvidos. Eu a encontrei no Paraguai, a Cristiane, parece que é assim o nome dela, numa boate. Ela cometera o crime quando era menor de idade, por isto não ficou muito tempo atrás das grades. Agora é maior de idade. Era um dia, quando eu estava trabalhando naquele país.

Estes caras vão ter sempre as vidas fodidas, não é? Nunca vão se livrar do passado, do que fizeram. Sabe, as pessoas fazem coisas, às vezes... porque é adolescente, não sei o que lá? O Vilmar, por exemplo, tinha filhos ao tempo do assassinato da Graciele. Ele está preso até hoje, em Guarapuava ou coisa assim. Ou deve estar saindo, já. Pergunto: as crianças, os filhos, deste cara, que agora devem ser adolescentes, como se portam sabendo do que seu pai fez? Quanto tempo faz isto? Dezenove anos? Então, os filhos dele já são adultos.

Imagine só o que eles devem pensar sobre o pai. Um dia, querendo ou não, vão pesquisar sobre a cidade e se depararão com a história de um crime hediondo de repercussão não apenas na cidade, como no Estado e no país e que chamou a atenção até da imprensa internacional. Verão que seu pai fez parte de tudo isto. É, realmente, um trauma.

Outra coisa grave é a maneira como tudo aconteceu, porque o Anderson morava em frente à casa da Graciele. O pai dele tinha uma oficina de motocicleta e ele andava muito de moto. Quando a Graciele desapareceu, o Anderson amanhecia e anoitecia ajudando a procurá-la. Dias antes, ele a levava para a escola. Era assim, ele ia levar a irmãzinha dele à aula e aproveitava para dar carona à vítima, junto, na garupa. Quando Graciele saía da escola, ele a trazia de novo à casa, todos os dias. No dia do desfile de 7 de Setembro, o Anderson vinha passando de motocicleta e a viu no ponto de ônibus. A Cristiane, aquela que a encontrei no Paraguai, estava na garupa da moto. O que aconteceu? Lá se foi...

A imprensa pegou pesado com isto e todo mundo se empenhou. O Poder Judiciário teve que tirar o processo da Comarca e levar para outras cidades, devido à indignação, à revolta, do povo. Daí teve tudo aquilo, uma montoeira de rolo. Foram julgados fora, porque lá, em Telêmaco Borba, não havia condições.

VI ABSOLVIÇÃO E INDIGNAÇÃO

No caso Guaratuba, meu Deus do céu... A mim, que acompanhei e protagonizei as investigações, sei dos detalhes, dos bastidores, das tentativas de abafar o crime, do peso das influências políticas, entre tantos empecilhos que enfrentamos, bate uma indignação, uma perplexidade indescritível. Ainda mais com a absolvição de Celina e Beatriz no primeiro julgamento. Acho que o termo correto seria revolta. A gente fica, na verdade, sem saber o que fazer, sem atinar sobre o que aconteceu. Porque eu sou sincero. Vamos supor: se fosse meu caso, eu nem ia levar à delegacia os envolvidos, não, eu não levaria nunca. Eu os mataria, instantaneamente, já, já. Falo assim, porque tenho a certeza absoluta de que elas são culpadas.

Também porque, quando um bandido, um cara que mora na favela... ou vamos voltar a alguns casos que estão aí na mídia. Acontece o seguinte: este jogador aí que falam tanto, o Nilmar, Neimar, Nei... Neymar? Ah, é o Animar. Veja bem, os caras, geralmente, bons jogadores de futebol vieram da favela, da pobreza, da miséria. No Brasil é assim: o melhor lutador de boxe vem da favela, o melhor árbitro de futebol, o melhor não sei o quê...

Então, se dá desta forma. Por que não fazer o seguinte, um acompanhamento psicológico do menino (parece agora que as autoridades estão acordando para o fato). Um cara destes, como este Animar aí, que veio lá da favela, agora está milionário, como aconteceu com o Adriano Imperador, o Wagner Love, o goleiro Bruno, entre tantos outros. Ora, tem que pegar um psicólogo e enquadrar o guri: olha cara, hoje você não tem um canário para dar água, amanhã, no entanto, você estará poderoso, com muita grana, carros, mulheres à volta; então, orientar esta piaçada para enxergar o mundo de forma diferente.

Mas não... você se coloque no lugar de um guri assim: hoje você está ganhando um salário mínimo por mês, na outra semana acerta na mega sena... o cara chega e fala: "Putá merda, ali perto de casa mora um cidadão que tem um carro velho e ele acorda cedo e põe aquele carro para roncar e ronca até umas horas. Você diz: quanto ele quer pelo carro? Ah, ele quer R\$ 500,00. Você diz: está bem,

eu te dou R\$ 1 mil, vai lá, compre o carro dele e mete fogo. Você tem dinheiro Compre este carro, vai lá e mete fogo nesta bosta. A pessoa enriqueceu, já toma medidas antes impensadas, como trocar de mulher, quase uma regra, e outras mudanças radicais, próprias, acho, da natureza humana.

Já no caso do pessoal de Guaratuba, a situação é diferente. Sabe por quê? Por causa de uma coisa... e tudo favorece. É inadmissível uma pessoa que estudou, se formou, gente esclarecida e instruída, acreditar que matar um outro ser humano faça bem a ela, que traga algum benefício. Eram mulher e filha do prefeito, não são analfabetas, envolvidas com a alta sociedade e bem relacionadas. São pessoas que mandam numa cidade e a população é influenciada por elas. Em qualquer cidade é assim: o prefeito e a primeira-dama são referências, quer queiram ou não, é assim. Quantas mulheres da população, gente comum do povo, fazem as coisas pensando nelas, nas primeiras-damas, tendo-as por exemplos? Elas, a Celina e a Beatriz, estiveram toda a vida pensando que faziam o bem para a sociedade, mas será que elas não imaginaram que aquela criança, o Evandro, também não fazia parte desta mesma sociedade?

É o que sempre falo. Eu nem gosto de discutir religião, porque religião é a coisa mais complicada que existe. Religião é igual cú, cada um tem o seu. Cara, como é que você pode acreditar que no Iraque, no Afeganistão, lá, um cidadão crie um filho e vá treinando ele para na adolescência virar um homem-bomba. Há toda uma crença em cima... que ele vai morrer, vai se martirizar na chamada Guerra Santa e depois vai ser recebido por setenta virgens em algum paraíso. Apesar de a ideia de setenta virgens ser bastante provocante, não é? Haja fôlego.

Mas estes aí ainda têm uma coisa... qual é o objetivo deles? Há toda uma cultura religiosa que se aprende desde criança. Mas no caso de Guaratuba, se você chegar, assim, e perguntar: por que você matou, por que você fez isto? "Porque a gente ia ficar bem, pra gente ser mais famosa, ter mais saúde, mais fortuna, mais...". Como? Você sabe, na internet, principalmente em sites evangélicos, há a informação de que muitos artistas teriam vendido a alma ao diabo, num pacto, para fazerem sucesso. Tem quantos e quantos que sucumbem a esta besteira. É isto que estou falando. Chega num ponto em que as pessoas fazem...

Sabe o que acontece? Bem, eu não sou o mais indicado para comentar isto, porque sou meio burrão, não tenho estudo algum. A única coisa que a gente tem é vivência. E a vivência ensina muito. Não me canso de falar para os meus piás,

sempre falei uma coisa que meu pai falava. Meu pai, veja bem, malmente assinava o nome, mas ele falava umas coisas que até hoje lembro. Se eu for fazer algo e acho que está errado, já penso nas palavras dele. Sabe o que ele falava para nós?

- Oi rapaz... – ele tinha uma voz grave, era muito sério - se você sair e **andar** com uma pessoa, um ladrão, um vagabundo, veja bem, você sai porque quê... porque se você andar junto com um cara que é manco, dali uns dias você está mancando. Se você sai andar junto com um cara que é gago, dali uns dias você está gaguejando... com um cara que é viado...

Era assim. Ah, e existem pessoas que vêm com esta história de mudar os nomes por causa do número de letras, não sei mais o quê... este troço de numerologia e tal. É a mesma coisa que vejo na televisão, aquelas propagandas de remédios que você toma e emagrece e não sei o que lá. Então, se é milagroso assim, porque não pegam este remédio e levem para os obesos que estão entulhando as clínicas, os spas pelo país afora, com duzentos, trezentos quilos e estão sofrendo. “Olha, nós vamos fazer um tratamento aqui; quantos quilos você está pesando?” Duzentos e oitenta quilos. “Então, daqui um ano este cara vai estar com setenta quilos”. Seria a oportunidade de mostrar, de provar o milagre do que eles falam... é uma palhaçada total.

Por que falo que não gosto de discutir religião? Vem um cara e prega o evangelho; está lá, falando e curando... e ele manda em Deus. Às vezes, fico assistindo à tevê. Na realidade, estes caras deviam ser presos por estelionato, por charlatanismo. Eu vi estes dias aquele R.R. Soares falar assim:

- Jesus – dizia ele, colocando a mão sobre uma mulher com problemas – Jesus eu te determino que...

Porra, espere aí, o que é isso? Se um pastor destes falar “determino a Jesus” perto de mim, dou um soco na cara dele. É outro absurdo. Hoje em dia com todas as doenças que estão aparecendo: do porco, frango, macaco, não sei mais do que, como é que um pastor pega uma toalhinha, passa no rosto, tira o suor e dá para o crente levar embora para se curar? Será que o desgraçado não tem doença nenhuma? É que o povo está meio no desespero e aí que estes religiosos entram.

Agora, o caso do pessoal de Guaratuba... se fala assim: a polícia vai investigar a fundo e vai arrebentar os envolvidos no assassinato do menino. Está bem. Mas espera aí, o governador é chegado deles por questão da força política que representam. Ora, se um policial chegar e falar: eu quero que vocês votem no

governador nas próximas eleições. Se ele conseguir um que vote no governador, é muito. E eles, o prefeito e seus correligionários, a mulher, a filha *et cetera* fazem uma reunião e dizem é o seguinte, quantas pessoas estão aqui, trinta, quarenta, vocês vão ter que votar no governador. Qual é a proposta? A proposta é se não votar no governador, você lá está com o IPTU atrasado, vai perder sua casa e assim por diante.

Dá-se também a negociata de cargos nas prefeituras, na Assembleia, no Governo... Daí as pessoas fazem isto, não é? As pessoas têm miolo mole e aceitam a pressão. E o delegado, que é para investigar? Foi determinado que o doutor Fulano fosse lá. Está bem. Manda o delegado que venha falar comigo, diz o governador ou o seu chefe. “Olha, eu tô mandando você lá, mas você vai fazer vista grossa. Sei lá, se vire. Dê uma satisfação ao povo, mas não me...”. Bem, daí fica aquele negócio da contraprova. Como por exemplo o caso de Guaratuba, foram mandadas duas pessoas especiais para lidar com o assunto, o doutor Aduato e a doutora Leila, ele o delegado-chefe do Grupo Tigre, um grupo de elite da Polícia Civil, que mais tarde foi nomeado delegado-geral da instituição.

Apenas para exemplificar a dimensão da influência política, o delegado-geral da época das investigações era o doutor José Maria, que fora vereador várias vezes em Curitiba e, tempo depois, prefeito de Matinhos, cidade vizinha a Guaratuba. É por isto que acontecem muitas coisas, devido não apenas à influência político-partidária, mas também ao poderio econômico, a ditar regras. Infelizmente, é assim.

Então, como nós estávamos falando, se você chegasse e dissesse: vou te enforcar, vou te meter o cacete, vou fazer isto, vou fazer aquilo e você vai falar isto. Está tudo bem? Não, espere aí, só que o negócio foi totalmente diferente. Foi conversado. Sinceramente, preferia nem chegar a dar um tapa na Celina, por exemplo, eu chegaria e a arrebentaria. Se pudesse matá-la, eu a mataria. Porra, se você escutar numa fita, ouvir o depoimento numa fita, está legal, se comove, se emociona no momento e... passou. Mas olhe no olho, fique cara a cara e a pessoa fala o que fez... Até hoje, cada vez que me lembro disto, me dá até um arrepio de estar olhando na cara da pessoa, parecendo que estou vendo, ela, a Beatriz Abagge, bem assim: “Pois é, por que não sei o quê”, sentadinha, tentando passar por coitada, por mal compreendida ou seja que diabo seja. “Fale mãe, fale, eles já sabem de tudo, a polícia já descobriu, por favor mãe, fale...”

Olha, se fossem duas mulheres burras, mas não, são duas pessoas esclarecidas. Daí você fica indignado, perplexo, revoltado, porque pergunta assim:

- Como é que vocês cortaram o guri?

- Pois é, o Fulano que cortou – com a maior naturalidade, como se estivessem contando algo comezinho do dia-a-dia, porra. – Pois o Vicente que é pai-de-corte cortou assim e assim...

- E o sangue da criança?

- O sangue foi colocado numa tigelinha, que eles chamam de alguidar, e daí mandaram eu despejar o sangue na minha cabeça, assim.

- Mas por que despejar na cabeça?

- Pra que a força do sangue da criança, os seus fluídos, passaria a nós para atrair sorte, fortuna, saúde...

Porra, como é que uma pessoa vai achar que pegando o sangue de um inocente, despejar numa tigelinha e depois sobre a sua cabeça vai adquirir algum tipo de benefício, força, fortuna, sucesso político... É isto que estou falando: se fosse um tongo. É o que a gente falava a respeito de um jogador de futebol, que sai da favela, ignorante e pobre, este a gente até pode dar passagem se vier a cometer erros.

Nestas minhas idas e vindas, aprendi muito com o linguajar popular e as gírias, estas coisas. Se você for num lugar, como dizem os malandros, fica boiando, porque não entende o que os caras estão falando. Como na região de Tibagi: “E daí mano, ontem, como foi o esquema?”. “Ah, não deu nada não, cara”. “Por que?”. “Eu ia chegar tarde em casa, daí caí na braquiara, bicho”.

Braquiara é um tipo de capim. A gíria quer dizer ir embora, ir para casa, cair no trecho, cair no mundo. Dias destes, eu estava ali no Negão e chegaram dois rapazes. Um deles foi levar o carro para arrumar na oficina. A certa altura da conversa, um deles disse: “O mano, tô saindo fora”. “Falô”. “Falô, cara”. “O negócio é o seguinte: depois das três chegue no meu celu”. “Belê”. Daí foi embora.

Outro dia, em Ponta Grossa, tomei um ônibus no Bairro da Ronda e entraram três viventes, vestidos a caráter, boné atochado na cabeça, calça cura abaixo do joelho, cheios de correntes e pulseiras e naquele jingado característico dos chamados manos. Fiquei espantado. Eu em pé, fardado, os três sentados no último assento do coletivo. Começaram um diálogo insólito:

- Pá meu, pá...

- Pá, tá ligado?

- Você foi na Big? – fazendo referência à Big Night, um clube noturno, reduto de manos.

- Pá, meu, fui, tá ligado?

- Pá, meu, nervoso, nervoso.

Eles se comunicaram com o tal “pá meu, tá ligado?” até o centro da cidade, um percurso de mais ou menos cinco quilômetros. E o pior é que se entendiam, davam risada, contavam piadas, ironizavam, falaram da compra de um carro, um Fusca, que tinha o motor nervoso. Um deles comentou que aquela mina, nervosa, estava ainda mais nervosa, pá de gostosa, tá ligado? Estavam indo para um trampo nervoso de meio turno, pelo que entendi, lavar carros – e carros também nervosos – num lavacar ou coisa parecida, porque, como diziam, precisava ter resposta, porque a mãe de um deles, nervosa, não queria saber dele no seu mocó. “Tá loco, tá legal”. Achei aquele diálogo uma tragédia, um retrato da nossa juventude, sem perspectivas, sem alento.

Estou comentando estas passagens para traçar uma comparação com as duas mulheres de Guaratuba. Por mais que não tivessem instrução de ensino superior, ora, nasceram em berço de ouro, viveram acompanhando prefeito, a política, eram relacionadas no meio social, convivendo com pessoas inteligentes a vida toda. Pois, a Beatriz dizia assim: o meu padrinho é o Paulo Pimentel. Quem era o Paulo Pimentel à época? Quase nada... só foi governador do Estado, dono de rede de canais de televisão no Paraná inteiro, proprietário de jornais – O Estado do Paraná e Tribuna do Paraná, entre outras empresas. Ah, o Paulo Pimentel é seu padrinho? Puta merda. Sabe, o dono da Clínica Paciornick, em Curitiba, também é meu padrinho. A família Paciornick já se revezou em secretarias e postos de comando da Capital e do governo do Estado, tradicionalmente influente.

Vamos analisar da seguinte forma: você está numa blitz, para o cidadão, bom dia, por gentileza os documentos do carro e sua habilitação... Daí, o cara está com a habilitação vencida. “Escuta”, ele fala. “Você conhece o Pedro Paulo?”. “Qual Pedro Paulo?”. “O comandante do seu batalhão. Será que ele tá lá no quartel? Não, porque eu sou amigo dele, eu vou telefonar pra ele”. Graças a Deus isto não está acontecendo mais como no tempo daqueles vagabundos que passaram por ali. A influência política se dá pelo mesmo viés nojento, asqueroso, nocivo a toda sociedade.

Comparando as situações, você chega a uma cidade para investigar a morte brutal de uma criança e se depara com a mulher e a filha do prefeito como mandantes, coautoras, partícipes de algo inacreditável. Nas conversas, dá como resposta que é afilhada não sei de quem, conhecida não sei de quem, que há influência política no meio, que pretendia ser prefeita de Guaratuba. Em se tratando dos demais envolvidos, até daria para se acreditar que chegassem a cometer tal ato, embora injustificável sob todos os ângulos. O sonho da Celina era o de substituir o marido no cargo mais alto da cidade, numa ânsia de poder, literalmente, sobrenatural. Até entrarmos nas investigações, ninguém em sã consciência, duvidaria da conduta dela como primeira-dama.

E depois de tudo o que aconteceu, pasme: as duas foram absolvidas no primeiro julgamento, talvez no episódio mais negro da Justiça brasileira, um descalabro, um *non sense*, uma afronta à lei e à decência do Poder Judiciário e um tapa nos rostos dos cidadãos de bem deste país. Os demais envolvidos, diretamente, foram condenados, porque, ora, não possuíam advogados à altura da complexidade do caso; uns já até devem estar soltos. Mas acredito que o erro possa ser retificado e a Beatriz ser condenada à pena máxima num segundo julgamento. Já a Celina, devido à idade superior a setenta anos, pode gozar do instituto da prescrição, aquela bruxa velha, mas não se livrará de algo muito mais rigoroso e punitivo: a sua consciência, pelo resto dos seus dias.

Vou ser sincero. Acredito que também para a Beatriz tudo vai redundar em nada, nada e nada. Sabe por causa do quê? Porque hoje em dia, o cara que comete um crime já calcula a sua pena. Um roubo, por exemplo, digamos que a pena seja de dois a seis anos. Então está bem... Não, vamos analisar o sistema aqui no Brasil: são trinta anos, a pena máxima, mesmo que você pegue quinhentos anos no papel. O criminoso pegou trinta anos, usa-se daí a calculadora, junto do advogado. Já se enturma no presídio, passa a ajudar, vira bibliotecário, trabalha na cozinha ou de repente vira evangélico lá dentro e começa a pregar a bíblia, vai se agilizando. Ei espere aí, avalia a direção, este cara aí merece o bom comportamento, vamos baixar a sua pena para vinte anos. O cara vira santo, começa a estudar e se forma em alguma coisa, mesmo atrás das grades, e quando vê a pena cai para dez, quinze anos. No final das contas, ele não tira cinco anos e volta às ruas, totalmente recuperado como querem acreditar, o que nem sempre é real, é verdadeiro. Quem sou eu pra falar sobre execuções penais? Mas no Brasil tinha que haver prisão

perpétua para crimes hediondos. É mas... não, não, prisão perpétua? Não, mas o cara está doente... Prisão perpétua, vai morrer na cadeia?

Pena de morte seria uma enorme contribuição à sociedade, mas como isto nunca vai ser aprovado, acredito que a prisão perpétua cumpriria bem o papel de fazer a pessoa refletir pela eternidade de seus dias sobre o crime bárbaro que cometera, acossada pela sua própria consciência, confinada a espaço mínimo como se fosse um animal.

Pelo nosso sistema como aí está, acompanhei muitos casos em que o indivíduo não fica um ano sequer preso. Nas ruas, volta a delinquir e retorna à cadeia para mais uma temporada mínima, numa clara sensação ou demonstração de que o crime, infelizmente, compensa. O marginal, fica planejando o seu futuro desta forma. Agora, chegar e dizer a ele: olha, você pegou prisão perpétua... Não adianta, os advogados podem fazer o que quiser, está condenado à prisão perpétua, cara. Opa, o buraco é mais embaixo. Não pode ter volta. Porra, tem tantos exemplos por aí. Aquele rapaz do Nordeste que estuprou e matou não sei quantos meninos. Daí tava preso... olhe só: o próprio laudo dizia que o cara não podia mais conviver com a sociedade...A juíza, por sua vez, num desserviço à comunidade, mandou soltá-lo e ele voltou a cometer crimes semelhantes. Fazer o que com ele?

É como no caso do Café Presidente, em Foz do Iguaçu, extremo Oeste do Paraná, em que o empresário foi assassinado, porque estava atrapalhando uma rede de contrabandistas. O assassino, tal de Benitez, acabou sendo enforcado dentro da cadeia e as autoridades deram por certo suicídio, ou seja, um ato para atender interesses e assegurar a impunidade de poderosos envolvidos na passagem de café contrabandeado para o Brasil. Havia muita gente influente no esquema que atravessava fronteiras de vários estados. Gente de peso da política, mas tudo fora acobertado, apaziguado, morreu na casca, como dizem. Como tentaram e tentam fazer no caso Guaratuba, cujos envolvidos eu defendo que a prisão perpétua para eles seria uma medida exata de punição.

Veja bem, o meu pai, que tinha origem índia Caingangue, nunca surrou a mim e a meus irmãos. Quando fazíamos alguma besteira, ele dizia: “Sente aqui. Olhe rapaz, porque você está errado e isso e isso... eu sou homem... e acredito que você, sendo meu filho, também seja homem”. Nunca esqueço o meu irmão. Nossa casa era assim, tinha a cozinha e, do lado de fora, você saía por aqui, ia dar num quartinho, onde, na parte externa, havia uma bacia para gente lavar o rosto, sobre a

qual era pregado um espelho. Certo dia, meu pai pegou o meu irmão e deu uma dura.

- Olhe aqui pra mim, rapaz – voz sempre grave, rouca. – Quando estou falando, não olhe pro lado, olhe pra mim... Quero saber se você é homem? Se for homem, vá lá e se olhe no espelho e diga assim: eu sou homem e não fiz burrada. Vá lá e faça isto, filho da puta.

Eu gostava de apanhar da minha mãe. Ela, coitada, dava cada surra na gente com um porrete, e pau e pau e pau. A dor que a gente sentia era naquela hora ali, mas, depois, sarava, a gente esquecia. Mas já as exortações do meu pai, porra, ele não batia, mas homem do céu... aquilo ficava o dia inteiro martelando na cabeça da gente; martelava a consciência, realmente doía mais do que qualquer pancada.

Para se ter uma ideia, meu irmão, numa destas conversas sérias com o pai, fez assim. De manhã bem cedo, a gente levantava, ia lavar o rosto para ir à aula... tinha a parede e sobre a pia o espelho. Ele saiu pela porta do quatinho, parou de lado, lavou o rosto, saiu andando de lado, sabe por quê? De vergonha de olhar no espelho por tudo que o pai tinha falado a ele na noite anterior. Hoje em dia, não são muito comuns conversas assim, entre pais e filhos. Correria atrás de dinheiro, o sucesso financeiro a qualquer custo, o carrão na garagem, a boa casa, mansões, um bom emprego, o consumismo desenfreado...

Com meus filhos, sempre tentei ter um diálogo aberto, repassando a eles tudo o que meu pai repassou. Mas esta passagem do meu irmão me marcou muito e nós lembramos até hoje, mesmo tendo passado mais de cinquenta anos. O pai chamava e dizia: senta aqui; e ficava nem que fosse uma hora passando aqueles sermões. Já a minha mãe era uma negrona, do meu tamanho, e se fizesse assim, coitados de nós. Ela pegava a gente com um dedo na gola da camisa e nos fazia voar de perto dela. A gente fazia um griteiro, saía ao quintal e de repente passou a dor. Mas quando a gente ia fazer uma coisa errada, olhava do lado, parecia que o velho estava alí, falando no ouvido, não tinha jeito, marcava mesmo.

Hoje, vivemos uma crise moral, todos nós brasileiros, e acredito que no mundo inteiro este processo também se dê. Bem, é minha maneira de pensar, ninguém precisa aceitar o que vou dizer. Nós vivemos num país e temos um gerente, não um presidente, mas um gerente, que é o Luís Inácio Lula da Silva. Mas quem são os donos do Brasil? O José Dirceu *et caterva* são os donos. O Lula não passa de um garoto propaganda. O testa-de-ferro. Por exemplo: vou montar uma

empresa e especificar cada função dos meus assessores. Você vai ser o porteiro, obviamente, vai cuidar da portaria. Você, quando meus amigos chegarem, já sabe. O outro vai cuidar da porta do banheiro, escolhido especialmente para a função, porque quando chegassem meus amigos e necessitem do toalete, este estivesse em condições de bem atendê-los e ir lá chacoalhar os pintos deles e assim por diante. Quando o cara não chacoalha direito, estava distraído, ou chacoalhou com muita força, ele, o Lula, como gerentão, não viu nada, não sabe de nada, mas é assim mesmo, porque não passa de um gerente, encarregado apenas, pois os donos, sim, estes sabem de tudo o que se passa, debaixo da barba do gerentão. Como no caso do Mensalão, todo mundo sabe, mas o Lula não viu e nem quer ver.

Quero dizer com isto que a corrupção no Brasil é congênita, acho que nasceu junto com o descobrimento por Pedro Álvares Cabral e a miscigenação de raças e que no transcorrer da história muitas Beatriz e Celina já foram e continuam sendo protagonistas. É assim. O prefeito de Curitiba, como exemplo, roubou, deitou e rolou. Está bem. Já o prefeito de Carambeí desviou verbas, digamos, mil reais. Ele vai ser expulso do partido, responder a processos administrativos e penais, sair em todos os jornais: prefeito de Carambeí roubou mil reais, um sem-vergonha. E assim acontece com os criminosos que se ocupam do contrabando de armas e drogas a partir do Paraguai.

Eu tenho três caminhões e sou contrabandista. O que faço: pego um “tangerina”, um “mexerica”, porque nem “laranja” é. Pego, então, uma caminhonete ou um carro de passeio e coloco cinquenta quilos de maconha. Mando o cara trazer e ele sai de lá em direção a uma cidade da região. Neste ínterim, eu ligo para a Polícia Federal e digo, olha, tem um cara, um carro, assim e assim, que vai passar a tal hora pelos postos de vocês, carregado de maconha, cocaína ou sei lá o que. E vão mais dois caminhões atrás, não sei o que lá. Os policiais, com esta informação, entram em prontidão. De repente, o cara passou aqui e vamos lá, cerco, tiros, prisões, sai todo mundo correndo atrás. Daí, quando está todo mundo envolvido nesta grande descoberta, eu passo, então, com duas, três carretas carregadas até a tampa com “trocentos” quilos disto e daquilo.

Voltando a Guaratuba, quando Celina e Beatriz Abagge cometeram o crime, elas tinham certeza da impunidade, pois apostavam, antes da fragilidade das leis, no poder político que possuíam, o que as colocava acima de qualquer suspeita. Ninguém vai saber, ninguém vai ter coragem de investigar a mulher e a filha do

prefeito, acho que era este o pensamento delas. Os policiais de elite da Polícia Civil ficavam hospedados num hotel de que não recordo o nome, mas viviam mais dentro da casa do prefeito. Imagine o por que dos HT (rádios transmissores) estarem na residência, carregando as baterias sobre um móvel da sala? Eles não poderiam carregar estes equipamentos tão importantes no próprio hotel?

O próprio secretário de Segurança Pública, Moacyr Favetti, pergunta em entrevista, à época, como os policiais iriam trabalhar se ficavam praticamente hospedados na casa das envolvidas e os próprios bruxos levavam as equipes do Grupo Tigre para cima e para baixo nas investigações? Eu penso assim: o barco nosso, lá em Guaratuba, não afundou mais, sabe por quê? Porque foram mandados uma delegada da Polícia Federal e investigadores, que atuaram juntos com a gente; se não a casa teria caído e tudo daria em nada.

Várias forças políticas queriam abafar o caso de qualquer jeito. Quando veio à tona o caso, o governador Roberto Requião catou umas pedrinhas, pôs de baixo do braço e subiu o muro e ficou esperando o resultado de tudo aquilo, as repercussões. Conforme o lado em que estourasse a bomba, ele atiraria as pedrinhas.

O José Maria era o delegado-geral da Polícia Civil à época. Havia duas forças que se opunham durante as investigações, pois o secretário de Segurança, Moacyr Favetti, era delegado da Polícia Federal, que se empenhou no caso, destinando os policiais federais para nos acompanhar. E olhe bem, eles, os envolvidos e as forças políticas nem contestaram tanto o nosso trabalho investigativo devido a esta participação dos federais. Acho que a maior perplexidade da mulher e da filha do prefeito foi, justamente, com relação à petulância dos policiais que ousaram investigá-las e prendê-las. Um ultraje ao poder, real ou imaginário, que pensavam representar

A prática de prestar os primeiros depoimentos e depois negá-los, alegando tortura, vem sempre pela orientação posterior dos advogados, que se aproveitam desta brecha nas leis, que, acredito, começou após o ano de 1964, quando da instalação do Regime Militar no Brasil. Ingressei na Polícia Militar do Paraná em meados de 1970 e desde então já novava esta prática: todo preso se dizia torturado para confessar os crimes cometidos.

Toda a vida, me interessei por este troço, porque quando servia ao Exército Brasileiro, em 1964, aqui em Ponta Grossa existia um tal de Felipe Ched, que diziam ser comunista. Este cidadão tinha um tal livro de ouro e pegava só os abobados

para assinar o livro, um embrião da formação do que seria mais tarde o PT – Partido dos Trabalhadores – ou Partido Comunista na região, soisa assim. Nesta época, eu tinha um primo, verdadeiro “banana” que assinou este tal livro e se filiara, tornando-se comunista.

Recapitulando, servi ao Exército no início da Ditadura Militar, pois entrei em 1964 e dei baixa em 1966. Lembro que ali na Avenida Vicente Machado existia o jornal *A Última Hora*. Tinha o coronel Índio, na época tenente, e eu era do PELOPS, grupo de elite do Exército local. Numa noite, às sete e pouco, o tenente Índio chegou – era bem louco este cara – na 6ª Companhia, à qual eu pertencia, e colocou todo mundo de prontidão. Entramos em forma e coisa e tal. “Nós vamos estourar uma boca, aí”, o tenente falou. Era só esta informação que nos repassou. Pouco mais tarde, nós partimos nas viaturas e fechamos as esquinas próximas do jornal, uma correria tremenda, o povo sem saber o que acontecia. Fechamos a esquina dos Correios e as demais ruas que davam acesso ao jornal, isso em questão de minutos.

Nós entramos no jornal e páááááá... quebramos tudo, arrebentando porta, pegando máquina de escrever e tudo mais, moendo tudo pela frente. Lembro que tinha um baixinho, jornalista, que reclamava aos berros, tentando impedir a ação. Ele e os demais jornalistas foram todos presos. Nós os levamos para o quartel do 13º Batalhão de Infantaria Blindada, o 13. Com os jornalistas todos presos, passado um tempo, prenderam o tal de Felipe Ched, turco, proprietário de uma loja, que estava envolvido até o pescoço com o movimento comunista. Acharam o nome do meu primo, coitado, lá naquela porcaria de livro. Ele era carpinteiro e não tinha nada a ver com aquilo.

Um dia, eu estava de guarda no quartel. Tinha uma sala, onde os presos comunistas ficavam e que só o PELOPS tirava serviço, devido, diziam nossos oficiais, à periculosidade deste pessoal. De repente, durante a ronda, olhei assim, numa das celas, o meu primo: o que este louco está fazendo aí? Eu me perguntava. E eu não poderia nem falar, não é, senão sobrava até pra mim, imagina, parente de um subversivo filho da puta. Lembro que também estava preso um senhor dono de farmácia, um tal de Libório, com quem meu primo tinha ligação, certa amizade. Perguntei ao oficial de dia, um jovem que era padre, acho que aspirante Everson, e este pessoal ali, veio por quê? “Não, soldado, estes caras são comunistas, são terroristas, altamente nocivos e perigosos”. Então, está bem, não é?

Pensando hoje, quem eram estas pessoas presas, apresentadas a nós recrutadas como “os bichos”? José Dirceu da vida, José Genoíno, Dilma Rousseff, Fernando Gabeira *et cetera*. Até um dia, nunca me esqueço, fui limpar o cubículo, bem... Por esta época do fechamento do jornal *A Última Hora*, terroristas mataram o sargento Carlos Ademir de Camargo, que era de Ponta Grossa e estava fazendo uma patrulha na região do Município de Leônidas Marques. Os terroristas eram liderados por um coronel do Exército, que virou guerrilheiro. Ele se chamava Jeferson Cardim Alencar Osório, sobrinho do Castelo Branco, general-presidente. Então, o coronel, juntamente com o sargento Alberi e um grupo de civis, matou o sargento em tiroteio; existe até uma rua em Ponta Grossa em sua homenagem. Mas este grupo acabou preso e trazido ao 13º BIB.

Um dia, fui limpar a sala onde estava preso o coronel Jeferson, o líder dos terroristas. Eu estava começando a aguçar minha curiosidade sobre investigação e atividades policiais. Na época, o tenente Índio estava sendo promovido a capitão; tínhamos como tenente o Ângelo Pilatti Júnior, comandante da Companhia que, mais tarde, se firmaria como um dos mais notáveis advogados criminalistas do Estado e, quem sabe, do país.

Bem, fui faxinar a sala do perigoso terrorista e havia a recomendação expressa do comando para que não entrássemos nas salas-cubículos com cadarço nos coturnos e nos tênis – a gente usava os tênis da marca Brasileirinho, que estava na moda –, porque os caras seriam tão perigosos e astutos que poderiam nos enforcar, gratuitamente, ao menos era o que os oficiais nos diziam. Havia umas mesas na sala e o coronel me ajudou a empurrar a um canto.

- Eu subo aqui na mesa e você limpa o piso – me disse, aparentemente sem a tal periculosidade; em cima da mesa, como se estivesse falando a uma plateia de um homem só, ele continuou. – Olha, meu filho... vou falar uma coisa pra você. Hoje, você está me cuidando... eu sou contra o Exército. Quando os seus filhos forem homens formados, adultos, casarem, te derem netos, você vai ver que nós que lutamos, que pegamos em armas, não estamos totalmente errados. Até lá, não vou existir mais. O nosso Exército está deturpado, maculado, está sendo levado para um lado obscuro, que não quer o bem da nação. Só que existe uma coisa: eu não faço parte de guerrilha de assassinos – mas ele havia participado da morte do sargento -, como acontece lá pra cima, em outros estados, onde estão realmente matando gente. Mais tarde, você que hoje é jovem, vai saber que nós queremos apenas a

liberdade. Somos amantes entusiastas da liberdade. E preste atenção no que vou te dizer: quando tiver os seus filhos, você vai saber o que é a liberdade.

Este coronel ficou de quinze a vinte dias ali preso, até que o levaram a um quartel de Curitiba, de onde, no dia seguinte, fugiu. Já meu primo, abobalhado, ficou preso um ano e pouco no 13º BIB e foi liberado juntamente com alguns outros comunistas. Até hoje, 2010, eu brinco com ele, que tem quase noventa anos de idade. Às vezes, o encontro no centro da cidade, caminhando devagarinho; é alto, meio curvado, cabelo pichaco, sem um fio branco, mas passos firmes. Pergunto a ele: o que está fazendo aí, cidadão? “Estou vendo as meninas, rapaz”. Que menina o que, cara? Cuidado com a pedofilia. “Cuidado o que, rapaz, menina pra mim é de trinta, quarenta anos”. Ele anda faceiro ali pela avenida, pelo calçadão, pela praça, vai pra lá, vem pra cá, tardes inteiras. Com certeza ainda se lembre que um dia fora preso de alegre.

Quando ingressei na Polícia Militar, havia toda uma atmosfera pesada no país inteiro, por conta da queda de braço entre militares e comunistas. Éramos obrigados a entrar nesta briga, pois nossa função constitucional como força auxiliar do Exército.

Vou contar uma história. Em 1979, quando já estava na PM, eu, o sargento Gaudêncio e o soldado Migliorini iniciamos investigações sobre comunistas na cidade e região, pois estavam se fortificando os movimentos que culminariam na formação do PT – Partido dos Trabalhadores –, considerados pelas autoridades como atividades subversivas, perigosas.

Em Ponta Grossa, proliferavam-se reuniões abertas e fechadas. Levantamos uma informação de que os caras teriam uma reunião na cidade de Telêmaco Borba. Para poder acompanhar este encontro estadual, tivemos de montar uma farsa. O Gaudêncio era o jornalista, eu, o fotógrafo, e o Migliorini o motorista do carro do jornal fictício, do qual tínhamos carteirinha, crachá e tudo mais. A reunião aconteceu durante uma semana. Nós posávamos numa igreja, junto de um bando de comunistas roxos, empedernidos, entusiastas ferrenhos do regime Soviético e de outras correntes de pensamento socialista.

Havia entre eles um clima de terror e se fôssemos apanhados, estaríamos fodidos mesmo. Pela manhã, todos saíamos da igreja, seguíamos em grupos até o sindicato, onde fechavam as portas, só parando as palestras e debates na hora do almoço. À noite, jantávamos na igreja e sete, oito, nove horas da noite já tínhamos

de dormir. O teor das palestras eram mesmo para derrubar o governo, fazer e tal coisa e tal, que impressionava, porém, já não falavam mais em guerrilhas e terrorismo, o que já significava um avanço, beirando ali os anos 1980. Falavam muito da propriedade no campo, que tinham de tomar, porque conversar não adiantava; queriam implantar a reforma agrária à força, porque tinha que invadir, os latifundiários tinham que se ferrar, porque os bancos estatais eram nossos, as empresas estatais, isto e aquilo.

O nosso jornalista, sargento Gaudêncio, ia anotando e anotando, não perdia um detalhe, entrevistava o pessoal, circulando por ali, e eu fotografando. Num determinado dia, eu chamei o Gaudêncio a um canto e mostrei a ele que tinha um cara, moreninho, que estava desde manhã tirando fotografias de nós, uma atrás da outra. E este cara tinha vindo junto de uma comitiva de São Paulo; a gente, então, não tinha a ficha dele. Ele estava fazendo um álbum de fotografias nosso. O sargento já se apavorou, achando que nos haviam descoberto. Mas deixe, fique frio, que vou acertar um esquema, falei.

Passei muitas vezes perto do fotógrafo e pude ver que a máquina dele era igualzinha a nossa, semelhante a que eu estava usando para também bater muitas fotos dele para fichá-lo na P/2 do batalhão. Eu nem imaginava o que poderia fazer, mas veio a oportunidade na hora do café da tarde, em grandes mesas que se estendiam pelo salão. Ele pôs a sua máquina sobre a mesa para poder se alimentar, quando eu pus a minha máquina ao lado da dele. Dei mais um tempo, coloquei a minha no lugar da dele, numa velocidade a que eu mesmo me espantei, ali, junto do cara, em meio a dezenas de comunistas, com o coração na mão, pois se me pegassem estava tudo perdido.

Fui devagar, pedindo licença aqui e ali, fazendo de conta que batia mais fotos, até chegar à distante porta do banheiro. Lá dentro, eu chiuuupsss, tirei o filme da máquina e o expus à luz, rebobinando-o em seguida. Voltei, apressando-me, e conversa vai, conversa vem e, numa olhada de lado do tal moreninho, troquei novamente as máquinas. Conteí em seguida ao sargento, que se apavorou ainda mais, porém, a missão quase impossível estava cumprida. Bem, o encontro terminava no sábado, mas na sexta-feira nós tivemos que sair vazados de lá, porque estava na iminência de descobrirem que éramos policiais infiltrados. Tudo por causa do soldado Migliorini, numa tarde em que estávamos todos paralisados nos bancos ouvindo palestras e mais palestras, gritos de guerra, debates quentes e assim por

diante. O Migliorini se aproximou, naquele jeitão de ratão branco d'água, e junto de mim e do sargento falou: "Porra, cara, não acabaram ainda as pilhas dos nossos gravadores?". Nós sentados ali do lado de todos aqueles comunistas. E o Migliorini insistia, perguntando se os nossos gravadores ainda tinham pilhas carregadas. Bastou para que o pessoal atrás de nós, a partir daí, passasse a nos cuidar e repassar a informação aos demais participantes do encontro. A casa havia caído. Mais que depressa, o sargento Gaudêncio conversou com o chefe deles, pedindo autorização para que o motorista do nosso jornal, o Migliorini, pudesse sair, já que ele tinha de pegar autorização para abastecer o carro, se não, noutro dia, estaríamos a pé para voltarmos para casa. "Quem é o cara, em qual carro vocês estão?". É ele, o sargento apontou, e o carro é aquele Fusca amarelo. "Pode sair", disse o cara, anotando numa prancheta.

Nós permanecemos ali, tomamos café, sentindo que o clima estava pesado para o nosso lado. Quando iniciavam novas palestras, eu tive uma ideia, tratada antes com o sargento. Levantei de repente, fui até uma janela que estava aberta e fiz de conta que estava conversando com o Migliorini: O que? Fale mais alto? Eu falava o suficientemente alto para que os que estavam mais perto ouvissem. O que? Tá bom. É para nós irmos já para o jornal, mas não pode ser um pouco mais tarde? Tá bem, então, fazer o que? Virei para o meu jornalista e comuniquei que o diretor do jornal ordenou que voltássemos imediatamente. Só assim para a gente conseguir sair de lá, porque depois que fechavam as portas, era terminantemente proibido deixar o prédio. E assim, pedimos autorização ao chefe dos comunas que, meio contrariado, viu sumirmos com o fusquinha. Nosso temor é que a nossa cama-de-gato estivesse pronta à noite. Sabe-se lá o que podia nos acontecer.

VII

SARGENTO LOUCO E O PAI “DURO DE PEDRA”

Veja o poder da influência política destas duas mulheres, Celina e Beatriz Abagge. De repente se juntaram um arcebispo da Igreja Católica, uma advogada, Isabel Kruger, uma jornalista, Vânia Mara Welte (escreveu um livro sobre o caso Evandro e que ainda não foi publicado), entre outras personalidades do Estado, políticos, um delegado da Polícia Civil, Luiz Carlos de Oliveira, o senador Álvaro Dias, entre tantos que as defendem, dizendo que foram torturadas para confessar um crime que não teriam cometido. Inclusive, um texto da Vânia Mara Welte denomina o caso Guaratuba como o maior erro do Poder Judiciário brasileiro.

Então, por que não entraram com uma ação contra o Judiciário, contra a polícia, enfim? Sabe o que é isso: acontece a mesma coisa quando um cara sobe no topo de um edifício, pega um saco de pena e solta no ar. Mas, quando está soltando a pena, outro chega e manda-o parar com aquilo. Mas daí, o primeiro já havia soltado meio saco. E agora? Daí os dois descem e começam a juntar a pena, só que a pena recolhida dá muito menos do que a quantidade lançada. Daí, quem, por ali, achar uma pena, vai dizer assim: jogaram um saco de pena de cima do prédio, mas, na verdade, foi jogado apenas meio saco e nunca mais vai se conseguir juntar a sua totalidade.

Certa feita, aconteceu um fato interessante na cidade de Tibagi. Esta cidade, tradicionalmente, tem muitos inventores e contadores de histórias. Tinha um senhor lá chamado Kiro, apelido dele, que era pai do coronel Durval Japiassu Pinto da PM. Este velho era oficial de Justiça e bebia muito, vivia só em botecos, já é falecido, e o seu passatempo era inventar histórias. Mentia descaradamente. Um dia, ele foi à cidade de Ventania pela manhã e retornou à tarde. Neste seu retorno, já parou num boteco dentro da cidade, sentou-se para tomar uma cerveja. Era pessoa bem quista, bem relacionada com os bêbados e também com as autoridades, pois depois de sua morte fizeram até um ginásio de esportes e deram o seu apelido ao prédio, chamado de Kirão, uma homenagem póstuma.

- Ôh, tio Kiro, onde o senhor estava? – interessaram-se alguns bêbados.

- Ah, eu estava lá na cidade de Ventania. Ih, agora mesmo.voltava e vi um acidente feio na estrada, rapaz do céu.

- O que aconteceu, Kiro?

- Um caminhão, carregado de salgados, tombou ali na estrada e despejou salame, frangos e coisarada pela pista.

- Pois, não diga, Kiro, não diga. E tá tudo lá, assim, na estrada.

- Eu estava com pressa; peguei apenas dois salames e trouxe embora pra casa. Coisa de primeira e tão dando tudo pro pessoal que passa. Judiação, tudo esparramado daquele jeito... vai estragar.

Daí, aqueles bêbados que conversaram com ele no boteco já saíram dali, passaram em outros bares e foram espalhando a notícia. Logo, questão de minutos, a conversa era a mesma em boa parte da cidade, de gente convidando motoristas para irem até a estrada buscar salgados derramados no acidente. Mais tarde, alguns bêbados e outros cidadãos sóbrios já contavam como certo que muitos dos tibagianos já teriam ido recolher os produtos e trazido caminhonetes cheias para vender a açougues, bares e lanchonetes. Uns contavam que viram os carros voltando abarrotados. As pessoas, sem pensar muito, começaram a pegar seus automóveis, caminhões, kombis, peruas e se lançavam à estrada. Nisto, bem depois do almoço, um rapaz que era conhecido do senhor Kiro, amigo de copo, correu até a casa dele, bateu palma e relatou o que estava se passando na cidade.

- Tio Kiro, cadê a sua caminhonete? Tá aí? Vamos comigo até a estrada pra Ventania? Preciso ir neste instante...

- Por que? – perguntou o velho, meio cansado, ainda zozzo pela bebedeira da hora do almoço.

- É que tombou um caminhão de salgados na estrada e o motorista tá dando todos os produtos pra quem vai pegar lá. Tem gente que já trouxe caminhões carregados de salame, frangos e outros tipos de carne. Estão até vendendo na cidade. Precisamos correr se não acaba tudo. Têm uns caras no Bar do Tiquinho comendo salame de graça e o Tiquinho disse que vai fazer até um churrasco de frango pra nós...

- Puta merda, cara, eu ia até dar uma dormida, mas espere um pouco... – foi lá, se ajeitou, rapidamente, funcionou a caminhonete e a pôs na rua. Quando estava fechando o portão, a mulher dele, vendo a movimentação, se achegou.

- Onde você vai Kiro?

- Vou indo ali na ida pra Ventania. Tombou um caminhão de salgado lá e o pessoal tá puxando e tão até vendendo no Tiquinho.

- Mas homem do céu, não foi isso que você falou pra mim que mentiu pros caras lá do bar?

- Puta. é mesmo, minha velha ... – ficou vexado, abriu o portão, recolheu a caminhonete, despachou o companheiro e foi dormir o final da tarde.

Está vendo como as coisas acontecem? Uma mentira bem contada acaba por engrupir o próprio mentiroso. Acredito que as duas senhoras de Guaratuba repetiram tanto a mentira para elas mesmas e para outras pessoas que não cometeram tal crime que acabaram por acreditar nesta versão e posam de inocentes, porém, suas consciências, à noite e nos momentos de ócio, sem plateias e convivas, devem martelar de dedo em riste a culpabilidade delas pelo bárbaro assassinato de uma criança.

As mentiras contadas por elas não são como as mentiras contadas por cidadãos comuns do povo, como nós, porque o que elas falam tem mais peso, pois, veja bem, à época, o poder político delas e do prefeito Aldo Abagge ia além das fronteiras do Estado do Paraná, tanto que gente de várias lideranças passou a acreditar ou fazia que acreditava por interesses diversos. Em Brasília, por exemplo, até o ex-ministro Delfim Neto, deputado tantas vezes, acho que por último era senador, tinha ligação com as Abagge.

Será que nenhuma destas personalidades influentes teria a ideia de mostrar à imprensa e ao próprio Poder Judiciário, à Comissão dos Direitos Humanos, que elas possuíam marcas de tortura. Mas não havia como, sabe por quê? Porque não tinham o que mostrar, pois nunca, jamais, passaram por tortura. É como o caso Nardoni, o casal que jogou a filhinha pela janela do prédio. O que aconteceu: a Justiça tem provas técnicas. A perícia cronometrou os minutos antes do ocorrido, com base nos próprios depoimentos do casal.

No caso de Celina e Beatriz Abagge, não posso precisar, pois já se passou muito tempo, mas foi mais ou menos assim: elas foram presas às 8h30min, 9 horas e levadas ao Fórum; às 10 e pouco, na sequência, houve a condução delas com todo o aparato policial à Companhia da PM de Matinhos; às 17 horas, 17h30min, saíram da Companhia para Curitiba, acompanhadas desde o Fórum pelo advogado, onde, na Secretaria de Segurança Pública, seriam apresentadas, junto com os demais bruxos, à imprensa. Só não foram apresentadas porque o advogado conseguiu, em cima da hora, uma liminar na Justiça, impedindo que isto acontecesse, embora elas já estivessem no prédio, que fica no Centro Cívico. Já os

bruxos, sem advogado astuto, foram expostos e diante de dezenas de jornalistas do Brasil inteiro deram seus depoimentos com riqueza de detalhes sobre como sequestraram e assassinaram o menino Evandro, incluindo a delação de Celina e

Tudo isto aconteceu no dia, uma correria inimaginável. Lembro-me bem, o Vicente de Paula, assim, sentado, em frente a um batalhão de repórteres de todo o Brasil, pois eu que o levei, junto do Osvaldo, até a sala e às cadeiras, atrás de uma mesa enorme, onde falaram por um bom tempo. Lembro o momento em que o Vicente de Paula interferiu na fala do Osvaldo, dizendo, espera aí, não foi assim, foi assado, dando explicações de como cortaram o menino para retirada das vísceras. Você pode conferir isto na fita de vídeo, que foi exibida em várias emissoras de tevê. Então, veja a importância deste momento, porque era a oportunidade que eles tiveram para denunciar as supostas torturas que sofreram, exibir as machucaduras, os hematomas e tudo mais; ou ao menos de negarem: olha, nós não fizemos isto aí, mas eles, os policiais, nos obrigaram, nos agrediram para que assim relatássemos. Pronto, estaria acabada a farsa. Entendeu?

Acredito que até hoje, apesar de todo o ocorrido, Celina e Beatriz ainda gozem de influência política, porque se não pessoas importantes ainda não estariam se esforçando para defendê-las mesmo apesar de todas as provas amalhadas contra elas durante as investigações e nos tribunais. E tem uma coisa importante, estes que saem na defesa delas muitos têm o rabo preso, esta é a questão que as faz poderosas.

Veja o caso da advogada Isabel Kruger, por exemplo. Ela é parente do deputado Algaci Túlio, que já foi deputado estadual dezenas de vezes; a considero uma advogada frustrada, porque defendo que todo advogado que se envolve com estas comissões de Direitos Humanos e outras dentro da OAB são advogados frustrados. Advogado bom vai agir, vai trabalhar, porque tem uma clientela ampla e não lhe sobra tempo para mais nada. Agora, quem não tem clientela e, digamos, é um zero à esquerda, acaba se envolvendo com outras atividades, que, a meu ver, são mais políticas.

A Isabel Kruger é uma advogada, mas que sempre mijou nos pés da lei. Quem era o marido dela, legítimo? Era o coronel Paredes da PM. Ah, o coronel Paredes... Lá em Tibagi, ela é Paredes, por quê? Porque manda. A Polícia Militar em si é Paredes. Ela sempre se apresenta, em Tibagi, como mulher do Paredes, gente influente; Ela não iria se apresentar como mulher do Vergel, um soldado

nosso, retardado, que já deve ter falecido, motivo de piadas no quartel. Não, jamais, o Paredes dá mais *status* a ela, claro, sabe usar a influência. Algumas pessoas pensam assim: o importante é estar por cima, é estar na mídia, fazendo mídia. Pesquise algum caso de vulto em que ela atuou como advogada, vê se acha algo? É confuso até a documentação dela, porque em alguns documentos pessoais aparecem nomes diferentes, como Maria, que não tem nada a ver com Isabel Kruger.

Um filho dela, certa feita, foi preso pela Polícia Civil por ter matado uma mulher por overdose de entorpecentes; o outro filho dela é o Osmário Bezerra de Menezes, do caso de uma caminhonete que estava apreendida no 1º Distrito em Curitiba. Daí, ela como advogada do pessoal dono da caminhonete, passou a ser a depositária fiel do veículo. Tempos depois, ela, então, repassou a caminhonete no nome do filho, Osmário. Já este, que era amigo do Moacir Terésio Costa, aquele que preendi com quatro quilos de maconha, passou a caminhonete para este terceiro; inclusive eram vizinhos em Tibagi. Depois de tudo isto, você acha que ela vai me querer bem? Vai falar o que de mim?

Em entrevistas e textos, esta advogada nunca citou meu nome, porque, acredito, deve ter ficado preocupada por nunca haver provado nada contra mim. Atribuo também ao fato de termos usado uma estratégia em que nenhum de nós aparecia, somente o nome do capitão, hoje coronel Neves, que se destacou como comandante do grupo que derrubou os bruxos e as bruxas de Guaratuba. Mas acho que a advogada usou uma estratégia sua, de caçador. Em vez de tentar abater vários policiais ao mesmo tempo, concentrou o seu tiro apenas no Neves. É como o caçador faria diante de dez animais num campo e só tivesse uma bala na espingarda. Então, ela fez assim, se tentasse atirar em todo mundo ia dar em nada, daí focou num só, que sempre esteve visível à sua mira.

Continuo dizendo que se houve um erro não foi da polícia, mas de quem fez o DNA, cuja história só pode ser revertida, toda esta história, se alguém chegar e mostrar: está aqui, está aqui, vejam, o Evandro está vivo, na minha frente. Caso contrário... Porra, elas foram pegadas, porque o outro cara, o Osvaldo, as delatou. Elas, por sua vez, relataram e confirmaram a mesma história. Quase impossível que várias pessoas mintam ou criem a história do ritual satânico, mesmo sendo ouvidas em locais diferentes, dando detalhes e complementando o que as outras disseram.

Vou contar uma coisa interessante que aconteceu e vou falar agora como uma tia minha, muito simples, que dizia diante de tudo que observava: “Mas é pitoresco”. Coitada, nem sabia ao certo o que significava a palavra pitoresco. Então, é muito pitoresco o dia em que recebemos a informação de que um grupo iria furtar o corpo do Evandro do cemitério de Guaratuba, durante a noite. Eu e uma equipe ficamos de guardião no cemitério por vários dias para evitar que o furto acontecesse, mas não apareceu ninguém.

Escute só o que aconteceu: o pessoal da Celina passou cadeado no portão para evitar que se realizasse a missa em homenagem ao menino morto. No dia desta missa, eu fiquei no Fórum, mas o sargento Isaac foi ao cemitério, que estava fechado e todo o povo – parentes, padre, amigos – no lado de fora. O Isaac emprestou um martelo na vizinhança e arrebentou os cadeados, franqueando a entrada das pessoas. Teve que ficar gente dia e noite no local para evitar que o corpo fosse desenterrado. Conforme as denúncias que recebíamos, a ideia era por um outro corpo no lugar do menino, para atrapalhar as perícias. A vigilância perdurou até que peritos extraíssem ossos do corpo para a feitura do exame de DNA.

Outro episódio que também chamo de pitoresco foi o arrombamento do Fórum, que teve a participação de uma escritã, funcionária de confiança do juiz, mas que acabou se aliando à Celina. Foram dois homens presos, que admitiram terem sido pagos por uma mulher para furtar o processo do Caso Evandro. Um destes presos era ex-presidiário, que mexia com artesanato. Ele é quem apanhou as chaves do Fórum para fazer a invasão noturna. Era um vagabundo, mas que se virava vendendo artesanato.

E o interessante é que um dos bruxos, o David dos Santos Soares, também era artesão. Se a gente tivesse ido mais a fundo, teria sido provado que o Davi trabalhou em Curitiba, lidava com barraquinha de artesanato e que foi a Guaratuba a convite do Osvaldo para trabalhar no centro de umbanda, ligando estes fatos com o ex-presidiário que invadiu o Fórum para furtar o processo, que, por sua vez, era amigo do Davi e quis fazer um favor a ele, à Celina, à Beatriz e aos demais presos. Fora um plano arquitetado, que não deu certo. Ele e o outro invasor acabaram presos pela PM, ainda no prédio do Fórum.

Pitorescas, como dizia minha tia, foram as histórias do sargento Isaac durante as investigações. Ele é um cara superinteligente, mas aprontou cada uma na nossa

estada em Guaratuba, que se contar você acha que é gozação. Bem, o Isaac fazia relatórios diários e os enviava ao comando, em Curitiba, de todos os avanços e retrocessos dos levantamentos. Ele era bem magrinho, branquelo e se aposentou como subtenente. Ele parava conosco naquela casa alugada, cedida, que se transformou num quartel general acanhado. Um dia ele chegou a mim e disse:

- Puta merda, cara, acho que estou praguejado. Cada vez que penso em pegar nestes papéis para trabalhar, me dá uma disenteria dos infernos – se queixou, nervoso.

Pensei comigo: quer ver? E olhe, têm testemunhas do que vou contar, como o Fontana e mais uma família que morava numa casa vizinha.

- O que você tem mesmo Isaac? – me interessei por seu desarranjo.

- É sério. Toda vez que preparo a máquina e penso em começar a escrever, me bate este desarranjo e lá vou eu correndo para o banheiro. Está ficando difícil, já faz muitos dias que estou assim – relatava preocupado, apalpando a barriga, enervado, deixando subtendido que a sua enfermidade tinha algo a ver com feitiçaria dos bruxos presos.

- Meu São João do céu, o senhor tá mal mesmo – olhei para ele, mostrando compaixão; saí ao quintal, dei um tempo e voltei a observar com curiosidade todos os seus movimentos. – Tenho certeza de que o pessoal está fazendo algum troço pro senhor...

- Como você sabe? – entrou em pânico.

- Ora, eles são todos macumbeiros, tenho toda a certeza do mundo que isto aí é feitiçaria das brabas.

- Claro que você sabe, porque você também é macumbeiro, vive lá no meio deles, nestes centros de saravá por aí, claro que você sabe das coisas.

- Pois então, de tanto lidar com eles entendo deste troço aí, de macumba. Pode observar, sargento, logo depois do almoço o senhor vai tentar escrever aí na máquina e não vai conseguir; é melhor até levar a máquina ao banheiro para facilitar, porque aqui não vai dar certo.

- Como é que você pode saber?

- Eu sei. Não vai conseguir nem a pau, vai doer a sua barriga de um jeito...

- Porra, Romálio, você acha que sou otário. Tenho mais o que fazer. Isto não é brincadeira de homem. Lá vou eu acreditar em você? Sai, sai, vá pra rua com seus macumbeiros.

Passou a manhã e na hora do almoço toda a equipe estava sentada à mesa. O Isaac tomava uma cerveja que um soldado fora buscar na mercearia. Bebia com gosto, quando de repente começou a gemer, a esfregar a barriga devagarinho, estufado. E eu só de olho nele.

- Ô, ô, bruxo desgraçado... – disse ele, voltando-se em minha direção; os demais que estavam à mesa, inclusive uma mulher que cozinhava para nós, davam risada.

- Olha aqui Isaac, se você parar de encher o meu saco, eu vou te arrumar uma coisa pra você sarar, do contrário continue assim – ele escutou bem e saiu da casa, devia ter ido ao banheiro, voltando tempinho depois, me encarando, pensativo. – Sargento, não aguento vê-lo neste estado – eu disse, compadecido. - A dor de barriga vai parar, mas vai ter que me prometer que fará certinho o que vou ensinar. É pegar ou largar?

- Faço, pode saber que faço... – dizia se retorcendo todo.

- Acorde de manhã cedo, às seis horas, não coma nada, não beba nada mesmo. Pegue um copo e vá à praia. Vá entrando na água até atingir a altura do joelho, assim – eu mostrava a ele. – Você fique parado e espere as ondas. Quando chegar a sétima onda, você a pula. E continua ali parado, repete tudo de novo, na sétima, o pulinho. Daí, pegue meio copo de água, tome, ali mesmo, e pode vir embora.

O pessoal da equipe se dividiu, achando que o sargento jamais se submeteria àquela simpatia absurda. À noite, fomos dormir e pela manhã – todo mundo acordava com as galinhas, bem cedo – cadê o sargento? Ainda tomávamos café, quando ele voltou da praia com o copo de vidro na mão, meio constrangido, mas que acabou garantindo a mim que havia feito como mandei. No final da tarde, voltamos da rua e eu o questionei se tinha doído a barriga. Mas nem precisava perguntar, devido à euforia dele, que me confidenciou: “Ô, ô, bruxo, tô zerinho em folha, obrigado mesmo, cara, não senti nem uma dorzinha sequer”. À noite, caiu um aguaceiro danado, que pelo jeito ia longe, trovões, raios. Eu o vi triste, antes de dormir.

- Puta que pariu, como é que vou continuar com a simpatia deste jeito. Não posso ir à praia pela manhã, até porque o mar vai amanhecer brabo pra chuchu.

- Não, sargento, não se avexe, meu camarada. Pegue um copo d'água e deixe amanhecer no sereno...

- Mas que sereno? Tá chovendo pra caramba.

- Põe o copo num lugar que não chova e deixe esta água amanhecer lá. Pela manhã, pegue uma boa pitada de sal, bata bem e beba. Vai ter o mesmo efeito, eu te garanto.

Pela manhã, antes do café, vi ele preparando a salmoura, que tomou de um gole só. O fato é que nunca mais, enquanto esteve conosco em Guaratuba, voltou a reclamar de dor de barriga. Passou a acreditar, piamente, em tudo o que eu dizia ou recomendava.

Dali uns dias, eu e o sargento Isaac estávamos conversando com o Diógenes, tio do menino assassinado. Eu disse para o Diógenes que precisava da ajuda dele. Íamos levar à sua casa uma máquina de escrever e encontrar um canto para que o Isaac trabalhasse, porque tínhamos a informação de que os bruxos haviam contratado um pistoleiro para matá-lo. Ele teria de ficar escondido ali, não poderia nem sair às ruas, porque a denúncia era quente. O Isaac, ouvindo atentamente, olhos arregalados e incrédulos, já pulou:

- Não vem não de brincadeira, ô bruxo, que eu não tô aqui pra palhaçada, não, e me respeite que eu sou seu sargento – quis botar banca perto do Diógenes.

- Mas é por culpa sua mesma, sargento, não minha. O senhor é que fica escrevendo estes relatórios, estes textos. Os caras descobriram quem é que escreve as barbaridades que vão para o comando, entregando as bruxarias deles... e o senhor é quem assina estes papéis que sobem pra Curitiba todo dia. Pensa que eles não sabem quem é o Isaac?

Ele não acreditou de imediato, claro, mas ficou encasquetado com aquilo o resto do dia. De retorno a nossa casinha, o QG, isto no final da tarde, ele já não controlava a sua apreensão e eu o via pelos cantos, sondando pela janela, fechando portas, conferindo seu revólver calibre 38, olhando-me de lado para ver se eu falava dele para alguém da equipe. Já à noitinha, eu e o soldado Fontana preparávamos para a viagem que faríamos bem cedo a Florianópolis, atrás de depoimentos de testemunhas indicadas, que não vêm ao caso, quando o vimos atrás de sua escrivaninha, datilografando algo.

- Olha sargento, amanhã cedo, nós não vamos poder te acompanhar até a casa do Diógenes.

- Por que? – parou de bater à máquina e estremeceu.

- Claro, porque amanhã ainda de madrugada nós vamos viajar, lembra?

- Puta cara, como é que eu vou pra lá sozinho. Ontem eu vi uns caras meio estranhos rondando por aqui, por ali... se eu for sozinho, os caras me matam... – disse, realmente preocupado, quando notei que ele era ingênuo mesmo, uma criança amedrontada, pois cair numa brincadeira assim, um sargento, até então falastrão, cheio de histórias de que fazia e acontecia.

- Mas vou fazer o seguinte: vou te ajudar numa parte, aí, se quiser fazer o senhor faça, se não quiser, é problema seu. Sabe, não é? Quando eu falo uma coisa, por mais absurda que seja, não estou de brincadeira.

- Fale, ô,ô, bruxo, fale desgraçado, fale, tô te ouvindo. Só que você é louco...

- Tá vendo Fontana, eu quero ajudar e ele me chama de louco, de macumbeiro. Tá vendo Fontana?

- Pois, fale, eu acredito; então, fale de uma vez, ô bruxo. Tá bom, tá bom, tá bom.

- Só me dá um tempinho, eu falo... – saí da sala, peguei uma bota e uma japona grande de nylon, as coloquei a um canto. Faltava mais um objeto para completar o meu plano. Fui à casa do Diógenes, tomei emprestada uma peruca que a mulher dele havia pego em salão no centro, já durante o dia, conforme tínhamos combinado. Era uma peruca ruiva de mulher. Reuni este material e voltei até ele, que se preparava para dormir.

- Tá aí sargento – pus o material sobre a mesa da cozinha.

- O que é isto, ô bruxo, ficou maluco? – disse quando viu a peruca.

- Então, tá bom, me devolve tudo aqui. Que se ferre então, sargento. Pode deixar que eu vou contar pra tua mulher como o senhor nos ajudou nesta operação. Foi um ótimo companheiro, dedicado, profissional mesmo, que nunca saiu com mulher nenhuma e que nem ia a boteco tomar cerveja. E vou consolá-la, pode ter certeza, tomarei muito cafezinho e comerei bolachinha no seu velório.

- Mas o que quer que eu faça? Me conte?

- Ponha esta bota, vista esta jaqueta e meta esta peruca na cabeça. Estamos longe de casa, quem é que vai saber? E são poucos quarteirões até à casa do Diógenes. Vá rápido, bem cedo, quem é que vai te reconhecer? – eu dizia, enquanto repassava a ele óculos de grau, muito forte, que havia conseguido não lembro aonde. – Toma, sargento, é com o senhor.

Na expectativa de que fizesse ou não o que eu havia sugerido, resolvemos viajar pela manhã e não de madrugada. Cara, qual não foi a surpresa, quando, pouco antes das sete horas, o Isaac apanhou, meio que atabalhado, envergonhado, a bota, a japona e a peruca e trancou-se no quarto, de onde sairia minutos depois naquele jeito. Nós achamos que estava zoando com a gente, porém, não. Ele se vestiu daquele jeito e se mandou ao quintal, deu umas olhadas rápidas na rua e foi embora, numa das cenas mais bizarras que vi até hoje. Dava passos longos e vacilantes por causa dos óculos de grau, com aquela peruca escandalosa, longa, ruiva; o jaquetão de inverno, embora fizesse um calor infernal. Isto tudo que estou falando pode ser confirmado por testemunhas lá em Guaratuba, como o Diógenes e a mulher dele. Nós apanhamos o carro e saímos devagarinho, esperando ele se adiantar no trajeto, daí demos a volta e corremos contar para o Diógenes e sua família, que ficaram na espreita, esperando ele chegar. Minutos depois, o Isaac apontou no portão, andando rápido, quase correndo:

- Hê, hê, hê, não me conheceram, né? – gritou do portão e nós, garanto, nunca demos tanto risada como naquele dia.

Tem lá um senhor, tal de João, que viu o sargento naquele estado. Catarinense, morador das proximidades do nosso QC, naquele seu jeito diferente de falar, me procurou um dia.

- Escuta aqui. Queria falar uma coisa contigo. Sabe, aquele velhinho do Grupo Águia?

- Mas qual velhinho?

- Pois, pois, está louco aquele velhinho... manhã desta o encontrei de peruca, japona com um calorção dos diabos e ainda por cima marchando pela rua; está louco o velhinho – contava para meu deleite.

Acho que o Isaac era, antes de tudo, um gozador, que se divertia mais do que nós com suas loucuras, mas era um companheiro de primeira grandeza e que escrevia muito bem. Esta história do disfarce foi cair no ouvido do capitão Neves, que me chamou a atenção pela brincadeira, mas não deixou também de rir muito. Tem um detalhe aí, ele era inteligente e não media palavras diante de superiores. Um dia, nós estávamos em reunião no Quartel do Comando Geral, em Curitiba, com o coronel comandante do CPI, tratando de vários assuntos do Grupo Águia. Toda a equipe ali sentada, quieta, esperando orientações e tal e coisa.

O coronel iniciou sua explanação:

- Antes de tudo, nesta reunião de hoje, eu quero que vocês sejam sinceros. O que vocês acharem que está certo ou errado, podem falar, sem se amedrontarem, porque no meu comando não tem melindres. Podem falar, doa a quem doer, que estamos aqui para lavar a roupa suja mesmo – disse o comandante do CPI, dando continuidade então às discussões de assuntos administrativos e operacionais sobre a criação do Grupo Águia, que iria trabalhar, basicamente, na combate ao roubo de cargas em estradas do Paraná, e assim por diante.

A certa altura da explanação, o coronel, muito sério, abriu espaço para quem quisesse falar.

- Eu falo – adiantou-se o sargento Isaac.

- Pois, tem a palavra sargento.

- É o seguinte, senhor coronel. Nós policiais militares vivemos num regime autoritário, ditatorial.

- Você pode explicar, sargento, por quê?

- Posso... porque na Polícia Militar só oficiais podem, só oficiais têm benefícios e mordomias, são eles os donos da instituição, alguém lhes deu a escritura de papel passado. O senhor veja um exemplo: na AVM – Associação da Vila Militar -, que nós pagamos, mensalmente, não tem soldado, se tiver soldado é só para fazer faxina; em tudo que é parte só dá oficial. E os oficiais que saem, que vão para a reserva remunerada, são os que vão mandar lá. Mandam no nosso dinheiro, no nosso patrimônio e nós não podemos fazer nada, nem reclamar. Onde já se viu uma coisa desta. Até pra casar tem que pedir autorização. Vão pra puta que os pariu - discursava ele, em pé, revoltado.

- Pessoal é o seguinte, vamos deixar pra continuar esta reunião numa próxima oportunidade, pois eu tenho compromissos. Desejo um bom dia a todos. Tchau – o coronel saía de fininho, acabando a reunião.

- O senhor está acabando esta reunião porque eu falei a verdade, não é, chefe? – o Isaac perguntava, impertinente, acompanhando o comandante até a porta do salão.

Voltando ao Caso Guaratuba, penso assim, as pessoas hoje e já há algum tempo apostam na impunidade. Os bandidos de antigamente, os guerrilheiros que matavam, faziam e aconteciam, hoje estão recebendo aposentadorias, indenizações. Uma destas pessoas se elegeu presidenta da República, que é a Dilma Rousseff. É o que vai acontecer com este pessoal de Guaratuba, os bruxos. O

que eles perderam, casa, carro, patrimônio – uma já está no final do laço, a Celina, mas a filha dela... – vão acabar recuperando tudo, vão, com certeza, receber indenização, futuramente, mesmo que sejam condenados. No Brasil, há a certeza da impunidade, o que, conseqüentemente, motiva a criminalidade. Veja uma coisa: hoje o auxílio à doença, dá quanto? Acho que é auxílio doença, este negócio que a pessoa recebe quando se encosta pelo INSS? Pois, então, o pessoal encostado, doente, depois de ter trabalhado muitos anos, recebe quinhentos, quinhentos e poucos reais por mês. Já quanto ganha um preso? Setecentos e pouco.

Para os trabalhadores da Perdigão, da Sadia e de outras empresas da região, o salário não passa de quinhentos reais e ainda tem uma infinidade de descontos... Pois é, e um preso com setecentos reais por mês. O que compensa? Pensando assim, eu vou levar uma vida fodida e não, porra, levantar às cinco e meia da madrugada todos os dias e ir trabalhar. Às vezes, não tem nem carne para pôr na marmita, leva feijão com arroz e um ovo para ganhar quinhentos reais. Ah, não, eu vou ali e roubo, fico dois anos, três anos, preso, ganhando setecentos reais por mês. Parece mais compensador.

Por falar em impunidade, veja a Valentina de Andrade, presidente, diretora, sei lá que diabo ela é, da seita LUS, acusada de matar quatorze crianças só no Estado do Pará. E o que deu para ela? Até agora, ano de 2010, nada. Se você quiser, tem um cara amigo meu que mora em Foz do Iguaçu. Ele é argentino e sabe muita coisa da seita LUS. Qualquer dia, a gente vai lá conversar. Como gendarmeriano argentino, acompanhou este caso, investigou a seita, tem muitas informações.

Continuando a falar de impunidade, este Pimenta Neves aí, jornalista, que matou aquela menina lá em São Paulo, também jornalista, o que aconteceu com ele? Deu nada. Ultimamente, estava cumprindo pena domiciliar, com todas as suas mordomias, enquanto a família da jornalista chora a morte dela. É o que eu digo, as pessoas apostam na impunidade. E tem outra coisa: se você quiser ficar impune e agir livremente, entre na política.

A maçonaria é outro braço forte a influenciar decisões na sociedade – os caras só não fazem chover –, mas garanto que no caso Guaratuba não teve nenhuma participação; foi só ingerência de grupos políticos. É como nós aqui em casa, não é? Dá para traçar uma analogia. Um tempo atrás, eu e os meus piás montamos uma rede de ajuda. Por exemplo, um deles ia precisar num mês de mil

reais para pagar umas dívidas, não pedia a ninguém, nem tomava emprestado. Isto porque a gente se reunia e ajudava a pagar a dívida. Nos meses seguintes, este filho começava a devolver a grana. Fizemos por muito tempo, tanto que agora está todo mundo tranquilo, estabilizado. financeiramente. Então, a mesma rede é formada na sociedade.

É o caso delas, Celina e Beatriz, que faziam parte de um grupo político forte, influente, gerando um corporativismo. Até hoje, se você precisa de uma coisa do governador Pessutti... É assim, se você mandar um amigo seu falar com o governador, dizendo vá lá e diga que foi o jornalista Tal que mandou. Eles nem recebem o enviado. Vão perguntar: mas que jornalista? Quem é este cara? Porém, se alguém chegar na antessala do governador e anunciar que está indo a mando da Celina Abagge ou da Beatriz, pode ter certeza que os assessores dele farão tudo para receber esta pessoa e o próprio governador vai franquear a entrada para esta conversa. É assim, o poder político.

E agora ainda é assim, imagina na época em que estourou a bomba, como era o poder político destas mulheres para que apostassem tanto na impunidade. Elas contavam e contam com isto: a influência política e o poderio econômico, que, pensam, as põem acima dos cidadãos comuns, acima das leis, acima das obrigações em sociedade. E não adianta a gente remar, assim, remar contra a correnteza, é assim, sempre foi e será, infelizmente.

Outro exemplo: recentemente, teve um dos ministros do Supremo Tribunal Federal – STF -, de que não recordo o nome, mas que estava dando problema ao presidente Lula. Ele estava descendo a caneta no pessoal que não devia. O que aconteceu com ele? Se aposentou. Outro, este tal de Barbosa, também do STF, está próximo dele..., quer dizer, estão fazendo tudo para desqualificar o negrão lá, porque bem provável que ele não aceitou certos esquemas políticos. Outro exemplo: aquele Jobim? Quando ele estava de ministro do STF, todas as questões contra o governo que foi parar nas mãos dele, deu-se um jeito. Bem, se aposentou e onde está hoje? É ministro da Defesa.

Aquele delegado da Polícia Federal, o Protógenes, que agora é candidato a deputado, começou a fazer investigação a respeito da telefonia no Brasil, do Banco Opportunity, coisa assim, do bancário Daniel Dantas, e “cheppppps” nele, porque tinha mostrado que até o filho do presidente Lula tinha algum envolvimento com as maracutaias. O que aconteceu? Ele já não é mais delegado; o juiz do caso também

já foi para escanteio. O Lula é muito poderoso, claro, pois é o presidente, mas que este seu poder extrapola as decisões governamentais. Digamos que é um ditador atuando dentro da democracia brasileira, algo fenomenal que só se vê por aqui.

Vamos a outro exemplo: o coronel Neves, nosso comandante do Grupo Águia, não fazia nada. Era uma espécie de relações públicas do grupo, você entendeu? Enquanto nós trabalhávamos... Por isto que no serviço de inteligência da polícia, o comando tem que selecionar profissionais de inteira confiança, porque o comandante passa a ser o porta-voz e só delega as atividades, com a certeza de que serão bem executadas e que tragam as informações levantadas de forma que não gere dúvidas na continuidade dos trabalhos. É como esta nossa conversa aqui e agora. Eu não estou inventando. Estou contando aquilo tudo que aconteceu durante as investigações do caso Guaratuba, que culminou nas prisões dos envolvidos. O presidente Lula é apenas um porta-voz, da mesma forma que o nosso comandante era.

Não sei se tive sorte ou azar de ser testemunha e protagonista de um dos casos criminais mais marcantes da última década do século passado, que comoveu não apenas a comunidade de Guaratuba, mas também do Paraná e do país, sendo notícia até mesmo na imprensa internacional. Se foi sorte por ter podido ajudar no esclarecimento deste caso, então eu sou um cara iluminado. Porque no caso da Graciele, em Telêmaco Borba, estavam o Teixeira, o sargento Miguel e mais não sei quem, mas eu fui lá e Graças a Deus fui decisivo, assim como aconteceu em Guaratuba, onde em treze dias o caso acabou solucionado, o que atribuo também à esquete da qual participei.

Por falar nisto, devo ter relatório de Guaratuba jogado por aí, em meio à papelada, mas, como já falei, tive que jogar muita coisa fora, queimei um monte de documentos, porque não queria mais continuar fazendo parte disto, principalmente depois que me aposentei. Importa dizer dizer que não é que me considere o metido, que me considere o bom. Acredito que, assim como se dá no mundo da literatura, em que o trabalho duro é mais importante que a inspiração, também ocorra na atmosfera policial, sopesando um pouco de cada fator, além de intuição.

Certa feita, fui trabalhar na fronteira de Foz do Iguaçu com o Paraguai, junto com o sargento José Carlos, o Zeca, e o Maurício. Nós chegamos lá e iniciamos os levantamentos. Um dia, o Zeca se desentendeu com o capitão Neves e foi mandado embora para casa, em Ponta Grossa. De repente, o capitão resolveu que tinha de

dar um jeito de infiltrar alguém lá dentro do Paraguai, o que seria uma missão quase impossível, porque se conhecia pouca gente de confiança por lá. O capitão disse que não iria ao país vizinho nem a pau. Daí, eu conheci um cara lá, o Cabeção, este gendarmeriano argentino de quem já falei. “Você tem coragem de ir pra lá?”. Vou, me prontifiquei. Dias depois, eu e o Cabeção já estávamos conversando com o general Prado, chefe da polícia paraguaia. Este, por sua vez, disse que poderia ajudar a gente, porém, alegou que não tinha condições financeiras, nem carro, nem combustível para nos ceder. Nós estávamos combatendo as quadrilhas de assaltantes de fazendas e de ônibus, que se proliferavam na região e passavam a fronteira brasileira.

Isto se deu na saída do governador Álvaro Dias e entrada do Roberto Requião. Mesmo com todas as dificuldades, comecei as investigações. E olha o risco: se eu tomo um tiro no lado de lá e morro, minha família ia ficar desamparada legalmente; se dou um tiro em alguém, como que ficava? Estive lá antes do caso Guaratuba e permaneci naquele país por três anos e meio. Foi muito frutífero o trabalho, tanto que eu tenho uma relação enorme de fitas de vídeos de presos que caíram graças a nossa investigação em várias cidades, como Capitão Miranda, Naranjito, Santa Rita, Corumbati, La Paloma, Assunção, entre outras.

Com o tempo, passei a trabalhar, diretamente, com a polícia paraguaia. Saíamos na viatura eu e dois policiais à paisana. Quando prendíamos um assaltante brasileiro que interessava, nós o trazíamos ao Brasil. E os detidos paraguaios detidos em Foz e outras cidades brasileiras, que interessavam a eles, fazíamos também a repatriação às cadeias de lá. Muitos integrantes do Grupo Águia que foram aquele país me ajudar, mais tarde, acabaram voltando, pois não aguentavam o serviço duro que tínhamos de prosseguir mesmo com riscos as nossas vidas. Apenas eu fiquei por tanto tempo. Não que eu seja o bom, mas sempre persisti nas coisas que fiz, desde menino.

A gente tinha de ir atrás de um criminoso, Esperamos hoje, ele não apareceu num ponto determinado para a prisão. Voltamos amanhã. O cara de novo não apareceu; no dia seguinte, idem, e assim por diante. Ah, os companheiros logo queriam desistir, desanimavam. Eu não, voltava quantas vezes fosse possível, como numa pescaria, até prender o indivíduo. Claro que aí entra um pouco de sorte.

É como no curso de soldado. Fui passar por cima do rio naquele exercício chamado comando crawl, o sargento me barrou porque eu não sabia nadar. Quem

não sabia nadar não poderia passar. Bem, mas eu vou passar assim mesmo, disse a ele, que negou a minha subida na corda. Daí, perguntei: quanto tempo é feito este exercício? Ah, isto aqui sempre foi feito. E quantas pessoas morreram até hoje? Acho que ninguém, me respondeu. Ah, é, então eu vou ser o primeiro cara, teimoso, que tentou passar e morreu. Agora, se eu passar, vocês vão ter que mostrar a todo mundo que eles também podem passar. E passei pelo temido comando crawl. Sempre fui assim, sabe, graças a meu pai.

Putá merda, aquele velho era terrível, realmente, foda. Eu sempre falo que se eu fosse para os meus filhos um pai como ele; se eu fosse metade do que ele foi, não precisava ser tudo, ou se eu fosse a terra do sapato dele, estava excelente. Coitado, morreu com sessenta e três anos. Eu estou com sessenta e cinco, então, já vivi mais do que ele. Morreu novo.

Há muitas histórias do tempo da minha infância. Quando eu era piá, tinha doze anos, íamos aos Alagados, que era sertão à época. Meu pai era ferroviário e fazia o seguinte. Pescávamos na represa e trazíamos os peixes para vender na cidade. Isto lá pelos idos de 1959, 1958; eu menininho de tudo; Ficávamos pescando dois dias pelo menos para valer a viagem que fazíamos de carroça.

Ele falava assim:

- Ói aqui, rapaz... - naquela voz grave, muito sisudo. - Vô levá estes peixes que peguemo aqui pra vendê e eu vô acertá mais um dia de serviço. Você fica aí”.

Não tinha nada que falar que tinha medo de permanecer lá, naquele sertão, sozinho, mesmo quando se tem apenas doze anos de idade. “Fico”, eu respondia, convicto no cumprimento da ordem dele. Ele pegava a carroça e sumia, devagarinho, rumo à cidade. Nós morávamos em Uvaranas, perto de onde hoje tem o chafariz na Avenida Carlos Cavalcanti.

Então, ele pegava a carroça, cortava folha de guamirim, forrava o assoalho e também cobria os peixes com estas folhas para conservar os pescados, porque gelo era uma raridade; se mandava à cidade. Eu ficava lá no meio do mato, sem barraca, sem nada, nada. Era assim, nós fazíamos o fogo, eu me deitava deste lado e o pai do outro. Quando o tempo estava ruim, ele desmanchava a carroça e improvisava um abrigo com as tábuas. Mas quando eu ficava sozinho e Deus, no finalzinho de tarde, juntava bastante grimpá de pinheiro e amarrava um par delas com umas cordinhas de nylon que levava – não podia faltar -, atando estas cordinhas em galhos. Quando escurecia, eu subia numa árvore, previamente, escolhida que

tivesse uma forquilha onde pudesse me acomodar e lá ficava trepado tão logo anoitecesse. E ficava sentado. Quando o fogo começava a baixar, eu puxava a cordinha e a grimpa caía em cima do brasido e o reavivava. Às vezes, não dava certo, tinha que descer mesmo e jogar mais lenha na fogueira, depois corria de novo para a árvore, que era meu salvo-conduto naquele sertão de breu.

Quantas vezes uma onça suçarana vinha, a desgraçada, e ficava como daqui ali, na espreita, me observando trepado na árvore, de onde eu a espantava puxando a cordinha e aumentando o fogaréu. Ela sumia, depois voltava a me assombrar. Este animal era o que eu mais temia. Meu pai chegava no outro dia e, para minha alegria, se dispunha a assar um peixe grande para matarmos a fome. Ele pegava umas folhas de bananeira, limpava o peixe, salgava, enrolava com as folhas, amarrava bastante, daí abria a cinza e colocava pedras embaixo e em cima, depositando sobre fogo forte. Meu Deus do céu, era uma das coisas de que eu mais gostava; aquilo é inesquecível. Nem sei se assa ou cozinha o peixe e a gente comia com uma vontade, usando garfos feitos de galhos das árvores, que ele cortava a facão.

Falo sempre do meu pai, porque ele foi muito importante na minha vida, até mesmo na carreira policial. Sempre me baseei assim: quando acontecia uma coisa, eu puxava a lembrança dele, do que ele falava, do que ele significava e significa. Na persistência, nos bons conselhos, por exemplo. Os conselhos dele me orientam, me servem até hoje.

Tive um tio mais velho que falava assim:

- Eh, rapaz... – naquele timbre de voz arrastada, engraçada. – Este sujeitinho é um sujeito teimoso, rapaz. Este caboclo, teu pai, é um osso duro de roer.

A mãe do meu pai era índia Caingangue. Eu tenho uma foto dele na minha carteira, depois eu te mostro. Eu não tiro a foto dele daqui, a guardo a vida inteira, sempre carrego comigo, junto de uma foto da minha mãe. Às vezes, nós estávamos lá em casa brincando e ele apontava ao longe. Vinha assim, com o chapéu virado. A mãe já ralhava com a gente: “Pra dentro todo mundo”. Ele não brigava com ela, apesar de beber os seus tragos, porém, nunca o vi embriagado. Ao contrário dele, nunca bebi, nem sei que gosto tem bebida alcoólica.

Então, quando ele apontava lá na rua, minha mãe dizia: “Olha, o pai de vocês vem vindo e olhem o chapéu dele”. Porque com o chapéu virado, ele não estava muito bom, daí todo mundo se recolhia à casa e parava com as brincadeiras e

correrias próprias de criança. Agora, quando ele estava com o chapéu normal, plantado quase em cima dos olhos, era porque estava bem, daí nós deitávamos e rolávamos.

Veja bem o que meu pai fazia. Lá na vila onde morávamos, tinha um monte de criançada pobre. Ele ia à cidade, comprava bastante papel seda, rolos de fios, preparava taquara e fazia uma porrada de pipas, uma para cada um dos piás. Minha mãe fazia dez, doze pães, que os cortava e servia debaixo da cobertura onde se guardava a carroça, em cima de uma mesa grande, rodeada de uns bancos improvisados. Servia duas chaleironas de café, às três da tarde, e as crianças sentavam ali e mandavam ver. Na janta, às vezes, era a mesma coisa. Eu e meus quatro irmãos homens nos juntávamos àquele pelotão de desvalidos. Eu sou o mais velhos deles.

Em 1959, quem tinha televisão em casa? Na vila que eu morava, a única casa que tinha tevê era a nossa. O pai comprou um aparelho da marca ABC, última geração, uma caixa enorme, fez um corte na parede da sala e colocou uma fileira de bancos no lado de fora, sob uma varanda. Quando chegava a tarde, ele punha a tevê naquela espécie de janela com a tevê ficando prensada. Aquilo lotava de piizada.

Ele tinha esta ideia de ajudar a comunidade, dividir o que tinha com os pobres, apesar de também passarmos por dificuldades. Por isto que eu falo: o Oliveirinha era foda. Além de tudo, ele era gozador de mão cheia e malandro que Deus me livre. Não malandro vagabundo, a sua malandragem era de outro jeito, era do bem. “Ô, ô, chulengada, vamo assistir televisão, aí”. A piizada obedecia, sentava ali. “Mas é o seguinte: se fizerem bagunça, vão se ver comigo”. Porra, eram quinze, vinte piás, todo dia. Sabe, na época de novela, a mulherada da vizinhança se juntava ali também, todas sentadas, compenetradas, nem piscavam olhando a tela, uma espécie de cinema da comunidade.

Depois, veio a época do telecatch (luta livre). Daí, o que acontecia? Até a tevê esquentar as válvulas, aparecia um monte de riscos. Depois, bem depois, é que começava a aparecer imagem. Os piás: “Ô, seu Oliveirinha, olha lá. ó”, diziam, cobrando que meu pai agilizasse o funcionamento do aparelho. Ele acalmava: “Tenham paciência, porque as cordas do ringue já apareceram”. Só para você ter uma ideia, nós tínhamos luz na nossa casa, que ele distribuía, gratuitamente, a todos os vinte ou trinta barracos que construiu no nosso terreno. Fez a mesma coisa

com a água encanada, assim que instalaram lá em casa, porque antes era só água de poço. Água encanada era um luxo e, para chegar até ali, ele pagou do próprio bolso para favorecer a nós e aos demais moradores.

O velho, apesar da sua seriedade, às vezes se transformava num menino. Sabe por quê? Ele andava com os bolsos cheios de bolinhas de gude e jogava na rua com a piizada e se saía muito bem. Chegava para um guri e perguntava: vai jogar? O menino respondia que não, porque não tinha bolinhas. Ele tirava do bolso um punhado delas e dava para o piá jogar com ele. Mas era filho da mãe, rapava a piizada, enchia os bolsos antes de ir para casa.

Meu pai aprendeu a jogar bilhar ou sinuca só depois de velho, mas homem do céu, como jogava, se tornou um *expert*, não perdia para ninguém. Agora, dia destes, eu estava conversando com um senhor, bem velhinho, e ele falou: puta merda, como este Oliveirinha me judiava na sinuca. Neste jogo, ele usava toda a sua malandragem, porque, geralmente, ganhava a primeira partida e perdia a segunda, reclamando que, puta que pariu, o jogo estava tão fácil. Jogava mais uma, perdia. A outra, invariavelmente, ganhava. Daí, porra, vamos fazer a negrona de seis. Vamos. Daí, tchuuuummmm, rapava.

Matava no cansaço os adversários. A bola dele era a última, a oito, lá quase caindo, e ele calculava a jogada, passava giz no taco, conversava, tomava um trago, voltava a calcular e quando ia bater na branca, retrocedia, desistia em cima do lance, o que irritava o adversário, tirava toda a sua paciência, o desestabilizava. “Ô zóio pelado”, brincava.

Um dia, puxa, ele pegou um cara, deu uma briga tremenda no bar, acabou acertando uma tacada na cabeça do homem, quase matando-o. É que este cara começou a encher o saco dele para jogarem uma partida. “Você está acostumado a ganhar dos outros, mas hoje eu vou ganhar de você, vou te dar uma lição que nunca mais vai esquecer. E não venha querer ganhar de mim no cansaço, que comigo não tem disto”. Já na primeira partida, ele deixou o cara com cinco bolas na mesa. Na segunda, ele perdeu a partida. A terceira, ganhou. Daí, o adversário dele falou que a partir dali ele não ganharia mais. Mexeu com o brio dele, que ganhou, então, as próximas dez partidas, momento em que guardou o taco e disse que chegava. “Ei, Oliveirinha, você vai jogar comigo até quando eu quiser”, o cara o desafiou, perto de todo mundo. “Eu vou te dar uma tacada na cabeça, se você desistir”, ameaçou.

Porra, o velho se adiantou e rachou a cabeça do outro. Deu um rolo, polícia no local, foi levado à delegacia, a vila inteira estava em polvorosa.

Quando ele nos dava uma ordem, queria vê-la cumprida, não aceitava desculpas, e acho que isto me influenciou no relacionamento com os chefes que tive nos muitos anos em que servi à PM. E ele ainda tinha muito daquilo de que eu sou homem e filho meu também tem de o ser. Já a minha mãe não se envolvia, só que era brava. O tapa dela derrubava, aleijava a gente. Sabe por quê? Era forte pelo seguinte: meu pai era ferroviário e trabalhava na estação, no centro. Nós tínhamos carroça em casa e vendíamos lenha em toda a cidade. Chegou uma época em que tínhamos oito carroças, uma frota. O pai comprava a lenha, nós serrávamos, picávamos e colocávamos em cestões sobre a carroça, que eu e meus irmãos saíamos vender. Mas quem é que fazia o pior deste serviço? A negrona. Ela também era foda. Tinha aqueles cavaletes, ali ela depositava os troncos e metia a serra manual valendo, sozinha. Às vezes, a gente pegava na outra ponta da serra para ajudá-la, mas não conseguíamos acompanhá-la. Já se irritava e nos xingava: “Vagabundos, estão me atrapalhando”. Terminava de serrar, partia tudo e enchia os cestos nas carroças. Imagine a força que ela adquiriu ao longo dos anos.

Com os meus pais, aprendi que nada é difícil, nada é impossível de se fazer. Você está vendo esta meia-água aqui, esta edícula? Esta meia-água aqui, rapaz do céu... Eu fiz isto daqui sozinho, sem entender, absolutamente, nada de pedreiro, carpinteiro. A minha casa tinha apenas dois quartos e nós temos quatro filhos. Era meio apertado. Um dia, eu pus na cabeça que ia construir mais estas peças no fundo do quintal para aliviar o espaço lá de dentro. Eu vinha aqui nos fundos e ficava pensando e pensando, analisando por onde começar. Porra, mas eu não sei fazer nada de pedreiro, mas vou pegar um profissional e mandar fazer somente o alicerce. E assim fiz. Depois do alicerce pronto, daí é que a porca torceu o rabo. Puta que pariu, na época era foda, o salário muito baixo, a polícia estava desgraçada.

Um tio me deu uma fôrma de fazer blocos de cimento – isto aqui é tudo de blocos. Daí, aprendi a fazer. Mesmo agilizando, pensava sempre: será que vou conseguir, será? Não adianta, não vou fazer, desisti, desanimei de vez. Um dia, estava de folga da PM, acho que final de semana, em casa injuriado, bateu um troço, lembrei do meu pai, o velho Oliveirinha: Sou homem ou não sou? Vou fazer esta bosta. Acordei bem cedo e comecei feito louco a erguer as paredes. Um detalhe, não estiquei uma linha, não coloquei prumo, não pus nada. Fui construindo,

alucinado. Veja bem, isto aqui tem quase trinta anos. Está vendo este piso aí: eu nunca havia feito e mesmo assim assentei estas lajotas, que duram até hoje.

Depois de pronto, coloquei dois filhos aqui e dois filhos lá, dividindo-os em beliches nas peças construídas. O mais velho junto com o mais novo para que cuidasse deste. E pus ordem, como no quartel. Determinei que cada um levantasse cedo e cada um arrumasse sua própria cama. Mandeí um marceneiro fazer quatro porquinhos de madeira. E avisei: eu vou de manhã nos quartos observar. A cama que estiver desarrumada eu ponho um porquinho deste em cima, que vai ficar uma semana sobre a cama. Cada pessoa que chegar aqui vai ver que o dono da cama é um porco, que não sabe arrumar nem o próprio quarto. Lembro que o meu filho mais novo ficava irritado e dizia: “Vou jogar fora este porquinho aqui, este praguinha”, naquele seu jeito infantil, que divertia todos nós. Então, isto não é bem melhor do que chegar e dar tapa, agredir, xingar? Com uma simples brincadeira que inventei, eles acabaram se conscientizando das suas obrigações.

Já meu pai entendia de tudo um pouco. Era um indiozinho, baixotinho. Nós saímos morenos e mais altos, porque puxamos a nossa mãe. Ele tinha um sistema de vida, que hoje se vê muito pouco, neste relacionamento com os filhos, a mulher e toda a família. Certo dia morreu um irmão dele, quando, então, começamos a conhecer de verdade o nosso pai.

Cheguei pé por pé à casa e cochichei à mãe:

- Mãe, o tio morreu – comuniquei o fato, ressabiado, sentido.

- Morreu? Que pena meu filho, que Deus o tenha em sua guarda.

- Sim, mas e agora?

- Agora o que, Romálio?

- O pai, o pai... como é que vou contar pra ele?

- Não, não, pode falar pra ele, sem problema algum, você não o conhece como eu. Pode contar sem medo – aconselhou-me ela, meneando com a cabeça para indicar que ele estava na sala, onde entrei, ainda sobressaltado, vendo-o largado no sofá, cigarro a um canto da boca, olhando para a parede, pensativo.

- Ô, pai...

- O que rapaz? – disse equilibrando o cigarro.

- O tio morreu.

- É. Qual deles? – perguntou com a maior tranquilidade do mundo.

- O tio Mingo.

- Tá bom – disse de forma que me deixou perplexo pela sua frieza.

Voltei e contei à minha mãe que o pai não havia dado a mínima à notícia do falecimento de um ente querido de quem gostávamos muito.

- Ué, você esperava que o Oliveirinha fizesse o que? Você esperava que se desesperasse, chorasse. Você não sabe, filho, mas ele sempre foi assim mesmo.

Já viu um caboclinho de pedra? Assim era ele, que jamais exteriorizava seus sentimentos. Passou um tempo, a minha tia morreu. O marido dela correu a nossa casa, em prantos, e foi dar a notícia ao meu pai.

- O que tem isso? – ele recebeu a notícia, frio, olhos serenos. – Rapaz, se chorar e gritar adiantasse alguma coisa, eu ia chamar agora todos os vizinhos, todo mundo, aqui, pagava pra eles e ia começar a chorar e gritar, chorar e gritar, chorar e gritar até ela se levantar. Mas se ela não vai levantar nunca mais mesmo, então deixe quieto.

Talvez, por isso, não lembro de haver chorado algum dia. Nunca me emocionei diante de um filme triste e mesmo diante das piores ocorrências policiais que atendi, as mais terríveis. Quando a minha mãe morreu, eu que dei a notícia ao pai. “É. E daí?”. Não, é que nós temos que providenciar o funeral. “É. Então tá bom, vamos lá”, só isto ele me respondeu, sem lágrima, sem aflição alguma. Quando ele esteve pela primeira vez junto ao corpo dela, já no caixão, a observou por instantes e só disse: “Pois é, barbaridade. É, fazer o que? O destino da gente é este mesmo. Ela foi hoje, eu vou amanhã e vocês todos vão depois”. O mesmo se repetiu na morte do meu irmão de trinta e três anos: “Morreu? Deixe ele”.

Era uma ideia bem realista que ele tinha sobre a morte, uma praticidade fria que nos assustávamos, porém, hoje, acho que estava certo. Quando ele próprio ficou doente, morreu, assim, rapidinho, aos sessenta e três anos, nos seus últimos dias, dizia:

- Quando eu morrer, vejam bem o que vou falar pra vocês. Quero ser enterrado com a roupa que eu estiver, não tem nada de ir lá comprar roupa nova e isto e tal, nem sapato novo, pois se agora eu não uso, não é depois de morto que vou usar; se fizerem isto, eu sou capaz de levantar do caixão para dar uma surra em todo mundo; choradeira, então, nem pensem nisto.

Sabe o que acontece? É que este pessoal de antigamente, como era o caso do meu pai, caboclo, tinha um sistema: você nunca ia ouvi-lo dizer assim, ah, rapaz, estou com dor e isto e aquilo. Eu nunca vi meu pai doente. Uma vez deu uma gripe

asiática, que matou um monte de gente e deixou muitos doentes. Esta gripe virou epidemia na cidade. E acho que ele pegou esta moléstia, mas só o víamos dizer:

- Puta que caipora, resfriado do diabo – em que disfarçava gemidos pelas dores que de certo sentia nas juntas e o desconforto próprio de uma gripe forte, da qual sarou sem tomar um medicamento sequer.

Aliás, ele não ia ao médico, nem servia para tomar remédio de jeito algum. Se tivesse que tomar remédio, acho que se matava. Uma vez, ele foi à farmácia e comprou o tal de leite de magnésia, um laxante poderoso que alguém ensinou para curar sabe-se lá um desconforto estomacal. Mas que cagada ele fez. Chegou da farmácia, abriu o vidro e ofereceu à minha mãe, que se recusou a tomar aquilo. Ele encheu uma colher, bebeu numa tragada, e “hum, que coisa gostosa, que troço bom, hein. Vou tomar mais um pouco”. Duas, três horas depois, voltou e encheu mais não sei quantas colheres e foi tomando até não ter nem mais uma gota no frasco. Após o almoço, já havia tomado tudo.

Outro dia, minha mãe comprou o xarope Melagrião para um dos meus irmãos, que estava com tosse. O pai deu uma experimentada e, de tardezinha, a mãe o surpreendeu bebendo o remédio em cálice, como se fosse um vinho, faceiro, na sala, enquanto assistia à tevê. Numa mesinha, o vidro do xarope pela metade. Eu sempre o chateava, dizendo que eu havia salvo a sua vida. Isto porque ele servia ao Exército Brasileiro e estava prestes a ser mandado lutar na 2ª Guerra Mundial, quando nasci e o librei de seguir para o campo de batalha. Ele ria muito. Era assim, um caboclinho inesquecível.

Eu estava internado no Hospital da Polícia Militar, em Curitiba, já por quinze dias, quando o médico comunicou que o meu caso era de enfisema pulmonar e que já havia perdido setenta por cento de um dos pulmões. Respirava com dificuldade, ajudado por aparelhos. O médico disse que ia tentar mais noventa dias com o meu tratamento e, então, começou a fazer perguntas de onde eu morava, telefone, contato com a família e outras coisas. “Mas por que o senhor quer?”. O médico se enrolou. “Doutor, vou falar uma coisa pro senhor, o único interessado neste assunto sou eu e se tem algo a comunicar, pode fazê-lo a mim, primeiramente, a mais ninguém. Então, o senhor não tem autorização nenhuma para contar a minha família, nem nada”.

- Bem, nós vamos tentar por noventa dias, mas você já perdeu mais de setenta por cento da capacidade respiratória – me disse o médico já com cara de funeral anunciado.

- Está bem. Então, vou embora amanhã – eu disse a ele e a uma enfermeira que estava ao lado, conhecida minha, que só sacudia a cabeça em desaprovação, tendo tentado depois me convencer a permanecer no hospital.

Tudo em decorrência do cigarro, pois fumei muito na minha vida. Bem, passei a noite no leito do hospital. No outro dia, pulei cedo da cama, tomei um banho, vesti minha roupa. Logo o mesmo médico chegou e se surpreendeu, porque eu já havia tirado o soro, despido o pijama e estava pronto para sair do quarto, apesar de estar sentindo uma falta de ar que, meu Deus do céu, você não imagina. “Você vai assinar um termo de responsabilidade”, me disse o médico. Tudo bem. Peguei a papelada, assinei, enquanto via a enfermeira Lídia atabalhoada, sacudindo a cabeça em desacordo.

Deixei o hospital e apanhei o meu carro que estava no estacionamento. Saí às oito horas da manhã de Curitiba, dirigindo, e cheguei às sete horas da noite, uma viagem de onze horas, mas que se pode fazer em uma hora e meia em condições normais. Isto porque tocava o carro na estrada e sentia uma falta de ar tão intensa que não conseguia prosseguir. Daí, eu parava o carro e fazia o seguinte, pois havia aprendido o macete: estacionava no acostamento, tirava a camisa e deitava na grama ou no capim de costas e tentava respirar o mais fundo que podia, vindo-me ar suficiente para entrar no carro e prosseguir por mais um trecho, onde parava e repetia tudo, indo deitar de preferência onde estivesse bastante fresco o relvado.

Já tinha desistido de tomar qualquer tipo de remédio. Bem, cheguei a minha casa por volta das sete horas da noite, muito mal, mal mesmo, não conseguia andar, segurando-me, apoiando-me no muro e nas paredes da casa. Eu, com quarenta e sete anos de idade e ainda na ativa da PM, ia morrer, estava consciente disto. Sentei no sofá da sala; gemia bastante. Liguei ao Pronto Socorro e uma ambulância veio me buscar. Às nove da noite me internaram e fiquei até à tarde do outro dia. Na liberação, não aceitei qualquer tipo de medicação que o médico queria receitar. E juro: desde então, não tomei nada, nada, nada. E Graças a Deus fui melhorando, melhorando, andando, fazendo caminhadas curtas com dificuldade. Um dia, um dos meus filhos trouxe um saco de bexigas e me orientou a que ficasse enchendo-as,

como exercício para os pulmões. Eu só fui fazendo isto, por um bom tempo, e andando de bicicleta.

Não suporto nem ouvir a palavra cigarro, nunca mais quero saber deste troço. Quando achei que estava bem de saúde, recuperado, me deu um infarto, porque entupiram as veias do coração, ainda em decorrência do cigarro. E tive um segundo infarto, que quase foi fulminante, justamente quando me submetia aos exames em laboratório do Hospital da Polícia Militar. O pessoal critica o HPM, mas eu sempre fui um defensor. Até hoje faço tratamento lá com cardiologistas e sou muito bem tratado, inclusive, compro medicamentos que não posso deixar de tomar todos os dias a um preço bem mais em conta. Já trago pacotes, que duram dois meses.

Eu continuo em tratamento, hoje, principalmente para a pressão, que evita que eu volte a ter um novo enfarto. Mas devido ao enfisema, fiquei com sequelas, como problema da tireoide. Do enfisema pulmonar, saía daqui assim e só me locomovia apoiando nas paredes. Cara, Deus me livre, eu não desejo nem para o pior inimigo. É como colocar um saco plástico na sua cabeça e segurar. Eu cuspiam aquela bola preta, assim, só uma bolinha preta, era o catarro que saía. Graças a Deus, fiz o último exame há um ano e meio e o médico disse que já quase recuperei a totalidade do pulmão afetado.

Quantas amizades fiz na Polícia Militar? Quantas e quantas, mas ninguém vem a minha casa. Você é o único que vem aqui; os demais me esqueceram. Talvez, a você ainda procurem, mas acredito que seja para escrever roteiros de solenidades, discursos, notas à imprensa, trabalhos outros, porém, visitas cordiais de amizade são poucas, não é mesmo? Este pessoal nosso não tem consideração pelos antigos amigos.

Um policial que levei dias destes a Curitiba, o Matos, soldado aposentado, um cara de que eu gosto, é maluco e tudo, mas... Bem, estava com ele no pátio do Quartel do Comando Geral, pois íamos participar de reunião sobre a PEC – Projeto de Emenda à Constituição -, que trata do aumento de salário dos policiais militares, quando se aproximaram coronéis velhos conhecidos. Um deles, que não vou citar o nome, disse assim: “O que você está fazendo aí com este mala sem alça?”. Eu lhe expliquei o motivo da viagem. “Ah, bem, pois este aí é um merda”, disse, ignorando todos os trabalhos que aquele velho policial havia feito em prol da instituição em tantos anos de dedicação.

É assim, infelizmente. O Matos, veja você, eu o conheci garoto. O pai dele era camelô, o velho Paulo, meu amigo. Eu também trabalhei de camelô aqui em Ponta Grossa, Curitiba e São Paulo. O Matos, quando era piá, ia junto com o pai, levando uma mala enorme, cheia de bugigangas para o centro da cidade. Ele era baixinho e gordinho. Estendia o plástico no chão – e eu ali do lado, arrumando as minhas coisas – e se arcava todo, atrapalhado que era, quando o pai dele chegava e chutava-lhe a bunda: “vamos Paulinho”, derrubando-o de costas. Era só riso do velho. Aquele tempo a gente vendia nossa bugiganga na Rua Coronel Cláudio, pois não existia o calçadão de hoje. Às vezes, migrávamos para perto da estação de trem, Praça João Pessoa, ou proximidades do Cine Império e na frente dos Correios. Vendíamos de tudo, material que buscávamos em São Paulo.

Trabalhei também no Green Park, responsável por jogos como pinta sete, fita vermelhinha, entre outros, principalmente os jogos dos dedais, aqueles em que se esconde uma bolinha debaixo de determinado dedal para a pessoa adivinhar. Uma trapaça das boas.

Amizade é importante manter ou fazer novas amizades. Os companheiros de polícia, acho que eram todos colegas, amigos, poucos. Depois de me aposentar, estendi meu círculo de amizade com o pessoal civil. Veja o que nós fazemos em Tibagi, numa casinha cedida por um fazendeiro à beira do rio. Quando estou lá embaixo na casa, os caras me avisam que todos vão descer no sábado para nos confraternizarmos. Às vezes, fazemos frango com quirera, às vezes, assamos carne. Por volta do meio-dia de sábado, o pessoal vai chegando à casa; oito, dez camaradas, que começam a tocar violão, cantar, jogar truco, cacheta, sei lá mais o que? E bebem, bebem, bebem, quando são seis horas da tarde, tchau, cada um vai para sua casa, acabou a bulha. Vão todos embora, sem nunca ter acontecido de alguém ficar bravo ou magoado com o outro. É tudo na paz, a gente vai mais curtir música sertaneja e comer algo diferente, porém, o mais importante é cultivar a amizade. E ficam jogando conversa fora, falando naquela gíria cabocla, como cair na braquiara, brechar.

“O seguinte meu, dias atrás eu tava brechando a mulher do vizinho”. Brechar quer dizer sondar. Tinha uma época lá que uma das mulheres destes homens começou a desconfiar do por que de todas as quartas-feiras a gente se reunir numa casa da cidade. Esta mulher, um dia, foi convidada pelo próprio marido para ir conferir o que fazíamos. Ela jantou com a gente uma boa quirera com galinha e nas

demais reuniões chegava até antes dele. Com o tempo, as demais esposas também passaram a frequentar estes encontros. As que não podiam ir, encomendavam dos maridos marmitas com porções generosas.

Você está convidado a conhecer, qualquer dia, a minha casinha lá em Tibagi. Não esqueça, temos que dar um pulo até Guaratuba, conversar com umas pessoas. Não precisa ir embora agora, ainda é cedo, espere o almoço... Está bem, mas volte na hora que quiser. Até mais ver. Um abraço.

Ponta Grossa, primeiras semanas de setembro de 2010.

O AUTOR

- Erasto Gaudêncio é jornalista diplomado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e sargento da reserva remunerada da Polícia Militar do Paraná;
- Nasceu em Joaçaba, Estado de Santa Catarina, em 14 de maio de 1965;
- Em 2015, publicou o romance, em formato e-book, “Batalhão 021 – Armados, Amados e Loucos” ;
- Autor da obra inédita “Breve Crônica de Amores (in) Conclusos”, romance, que aguarda publicação;
- Em 2009, foi repórter e chefe de redação do semanário *O Portal*, em Ponta Grossa;
- Foi Chefe de Redação e Repórter da Editoria de Segurança do jornal *Diário da Manhã*, em Ponta Grossa, onde escreveu matérias de grande repercussão, como “O Escândalo do Mosteiro da Ressurreição” e a “Indústria do Aborto”, entre outras;
- Repórter da editoria de Polícia do jornal *Página Um*, na cidade de Castro;
- Trabalhou em jornais de Curitiba, como *Indústria e Comércio* e *A Folha da Imprensa*, como repórter e editor de economia, esporte e geral;
- Exerceu a função de redator da Sala de Imprensa da Polícia Militar no Quartel do Comando Geral, em Curitiba;
- Criador do jornal *Nosso Espaço* para o Instituto de Administração de Curitiba, em 1991;
- Assessor de imprensa da Secretaria de Estado da Segurança Pública, de 1990 a 1993, na gestão de Moacyr Favetti;
- Participou da implantação da *TV Cidade*, Canal 2, a cabo, em Ponta Grossa, na função de diretor de jornalismo;
- Fez o Curso de Realização em Cinema com o cineasta Emiliano Ribeiro, diretor do filme “As Meninas”;
- Autor do único projeto paranaense em vídeo aprovado dentro da Lei de Incentivo à Cultura – Ministério da Cultura, em 1997, intitulado “A Princesa dos Campos – Documentário Histórico de Ponta Grossa”, cujos direitos autorais foram comprados pelo cineasta Fernando Severo;
- Autor do roteiro para uma série infanto-juvenil “Um, dois . . . feijão com arroz”, registrada na Biblioteca Nacional;
- Autor da apostila “Redação para Concurso de Cabos e Sargentos da Polícia Militar”;
- Publicou contos literários em periódicos diversos;
- Entre outros trabalhos.